John Farrow

# Damião o leproso

JOHN FARROW

# DAMIÃO, O LEPROSO

Tradução de
Antonio F. Amado

São Paulo
1995

Título original
*DAMIEN THE LEPER*



Capa
José C. Prado

Ilustração da capa
*Father Damien, the Leper*, de
Edward Clifford (1844-1907)

Mapa de
Henrique Scarabotto

John Farrow, pai da atriz Mia Farrow, foi escritor, marinheiro e, durante a Segunda Guerra, oficial da Marinha de Guerra americana. Estabeleceu-se depois em Hollywood, como roteirista e diretor; em 1959, recebeu o Oscar por *A volta ao mundo em 80 dias*. Publicou, além desta biografia do pe. Damião de Molokai, os livros *The history of Thomas More* e *Pageant of the Popes* ("Manual dos Papas").

Distribuidor exclusivo em Portugal: REI DOS LIVROS,
Rua dos Fanqueiros, 77-79, 1100 - Lisboa


QUADRANTE, Sociedade de Publicações Culturais
Rua Iperoig, 604 - Tel.: 873-2270 - Fax: 263-0750
CEP 05016-000 - São Paulo - SP

# PREFÁCIO

Foi numa das ilhas mais remotas do Arquipélago da Sociedade que tive o meu primeiro encontro com um leproso. A ilha era particularmente bela, e eu, encantado com a repentina tranqüilidade da laguna depois de uma acidentada viagem a bordo de um pequeno veleiro comercial, decidi permanecer ali alguns dias. Tive uma rápida conversa com o afável capitão, um meio-chinês, meio-taitiano, e tudo se arranjou: ele prosseguiria viagem até à ilha seguinte, a fim de apanhar um carregamento de copra*, e depois voltaria para buscar-me. Alegre e despreocupado, desembarquei. Era segunda-feira, e o barco deveria estar de volta na quinta seguinte; mas são tais as praxes marítimas naqueles pitorescos mares que permaneci uns bons três meses encalhado nessa praia antes de tornar a ver a desbotada embarcação.

Com exceção de um *gendarme* que vivia em outra aldeia e parecia ser um indivíduo arrogante – pois, sempre que nos encontrávamos, o que não era freqüente, observava a minha bermuda com um pomposo muxoxo de desdém –, eu era o único homem branco na ilha e, por isso, tratavam-me como um personagem. Os nativos eram encantadores, e uma família especialmente hospitaleira insistiu em que ficasse em casa deles. Conforme pude averiguar depois, possuíam uma cama, peça

---

(*) A parte carnosa do coco, seca ao sol, que se usava para a extração de óleo; até começos deste século, era o principal produto das ilhas do Pacífico Sul (N. do E.).

de mobiliário que naquelas paragens atestava serem os seus felizes proprietários gente de posses, cultura e iniciativa. Os meus anfitriões orgulhavam-se imensamente dessa cama, e não os culpo por isso; tratava-se, com efeito, de um móvel amplo e grandioso, feito de latão polido e brilhantes incrustações de madrepérola, ornamentado com numerosas conchas coloridas e envolto nas ondas de um imaculado mosquiteiro.

Todas as noites, quando chegava a hora de recolher-me a esse suntuoso leito, encenava-se uma cerimônia de caráter quase ritual: os meus amigos juntavam-se solenemente para desejar-me as boas-noites, enquanto eu, sentindo-me como um herói dos romances de Cavalaria a penetrar cerimoniosamente na sua tenda, desaparecia por trás das altas cortinas. Durante duas semanas, dormi profunda e muito confortavelmente naquela cama; até que, certa manhã, quando me dirigia para a laguna com os meus apetrechos de pesca, me encontrei com o *gendarme*: "Se lhe interessa saber – disse-me ele no tom mais casual –, a cama em que o sr. está dormindo foi usada por um leproso".

Os meus planos de pescaria foram rapidamente deixados de lado e uma ansiosa investigação revelou-me que o *gendarme* dissera a verdade. O ocupante anterior da minha cama, filho dos meus anfitriões, era um leproso que fora desalojado em meu benefício e relegado para uma cabana situada atrás da casa principal. Fiquei ainda mais horrorizado quando soube que continuávamos a compartilhar as mesmas refeições e, muito provavelmente, os mesmos talheres.

Jamais esquecerei a irritação e o terror que se apossaram de mim naquela tarde: durante muito tempo, esquadrinhei fixamente a imaculada superfície do meu leito, como se pudesse descobrir ali sinais da presença de algum germe; cocei-me e voltei a coçar-me, terrivelmente agoniado ante a possibilidade de inumeráveis lesões imaginárias; examinei polegada por polegada a minha pele, esperando já encontrar as fatídicas manchas esbranquiçadas, e esfreguei furiosamente todo o corpo com

um forte desinfetante, até ver o sangue correr. Pus-me a rezar pelo retorno imediato do veleiro, para que pudesse fazer-me chegar a Papeete, a capital do Taiti, a tempo de procurar um médico, mas o horizonte permaneceu vazio de velas: parecia que o capitão se tinha esquecido da minha existência.

Cerca de uma semana depois, provavelmente por causa do tédio e de uma resignação pessimista acerca do meu destino, que já me parecia inevitável, comecei a visitar o leproso e acabamos por fazer-nos amigos. Passamos muitas horas juntos, sentados à porta da sua cabana sombreada pelas árvores, conversando num dialeto em que se misturavam o francês, o taitiano e o inglês; muitas vezes, limitava-me a ouvi-lo dedilhar o seu violão e cantarolar canções nativas. Não devia ter mais de vinte e cinco anos e parecia totalmente conformado com a sua terrível doença.

Mas não é a sua história que pretendo relatar aqui, embora seja uma história trágica; por isso, nada mais direi a seu respeito, acrescentando apenas que o rapaz tinha um amigo, um ex-marujo havaiano, que me contou ter nascido em Molokai e não temer a doença porque os seus pais haviam sido ambos leprosos. Este havaiano era um indivíduo tagarela e cheio de histórias por contar, a maior parte delas acerca da colônia de leprosos de Molokai e das aventuras de um personagem heróico e – segundo me pareceu – altamente fictício, chamado "Kamiano".

Tal era o respeito do meu novo amigo por esse Kamiano que, sempre que lhe mencionava o nome, fazia um movimento desajeitado semelhante a uma genuflexão e virava os olhos para o céu, como se ele estivesse lá a observar-nos. História após história, todas invariavelmente cortadas por esses reverentes trejeitos, acabaram por despertar em mim uma grande curiosidade acerca de um homem tão fabuloso.

Quando finalmente regressei a Papeete, comecei a investigar quem teria sido o tal Kamiano, e foi graças a uma mulher afável, fidalga e sábia, a ex-rainha do Taiti, que acabei por descobrir que se tratava do nome nativo do padre Damião.

Assim nasceu o interesse que me levou à Bélgica e mais tarde de volta ao Pacífico, e que por fim deu origem a este relato.

Desejo expressar aqui a minha gratidão a todos aqueles que me ajudaram nas pesquisas, entre eles à irmã Damien Joseph da Academia dos Sagrados Corações, em Honolulu; à princesa Liliuokalani; ao revdo. O'Toole de Los Angeles e ao pe. Clumba Moran da Congregação dos Sagrados Corações. Agradeço também à Câmara de Comércio de Honolulu, à biblioteca da Universidade do Havaí, à Huntington Memorial Library (Califórnia) e às bibliotecas do Royal Societies Club e da Royal Geographical Society de Londres.

# PRÓLOGO

O ano de 1863 parecia ser o ano das expedições. Nas praias da longínqua Nova Zelândia, canhões ingleses cuspiam fogo contra as lanças maoris; na Índia, tropas inglesas avançavam em todas as direções, ainda inseguras apesar das suas recentes vitórias; na China, conspiravam os generais estrangeiros; na baía de Kagoshima, na costa do Japão, os aturdidos e encolerizados seguidores do *Daimio* de Satsuma recebiam sangrentas salvas dos navios de guerra dos "bárbaros" brancos. Nenhuma região parecia suficientemente afastada para escapar às pilhagens dos aventureiros militares, e mesmo as extensas fronteiras marítimas da América se mostravam incapazes de conter a "nova moda" das invasões.

A Doutrina Monroe da "América (isto é, todo o continente) para os americanos", já beirava os quarenta anos, mas os Estados Unidos estavam demasiado preocupados com os seus problemas internos para se arvorarem em protetores dos seus vizinhos menos poderosos; pelo menos, essa era a opinião de Napoleão III e dos seus conselheiros. Enquanto a guerra civil dividia a grande República e os escravos ora se desesperavam ora se enchiam de esperança, mais ao sul, no México, a bandeira francesa voltava a ser desfraldada triunfalmente no continente americano, não sem causar preocupações e ansiedades na capital francesa.

Nessa mesma cidade, numa noite de outono, enquanto os

oficiais tramavam os seus planos e as tropas embarcavam para longe, uma outra expedição, sem fins bélicos e de pequena envergadura, era estudada com afinco nas dependências de um edifício pardacento de aspecto inconfundivelmente eclesiástico, que se escondia entre as sombras da rua Picpus. Todas as janelas do convento – pois se tratava efetivamente de um convento –, estavam já com as luzes apagadas, com exceção de uma. Por trás das vidraças sem cortinas, um clérigo envolto num manto escarlate olhava a chuva riscar as trevas que velavam a sua vista predileta daquele mundo exterior onde tão raras vezes punha os pés. Através da bruma úmida e fria, mal podiam divisar-se as silhuetas familiares das casas situadas em frente, e o vento que agora começava a assobiar punha a música adequada na noite tenebrosa.

O quarto em que o padre se encontrava, longo e de teto baixo, quase não tinha mobília, mas nem por isso deixava de dar uma impressão de aconchego, talvez por causa do fogo baixo que ardia na velha lareira, ou ainda das centenas de livros irregularmente empilhados contra as paredes caiadas, que estariam completamente nuas se não fosse por um pequeno crucifixo de madeira colocado no alto, mesmo em frente da janela iluminada. Duas cadeiras e uma mesa completavam o quadro.

Sobre a mesa, entre pilhas de papéis, sobressaía o único objeto luxuoso daquele aposento: um globo terrestre ricamente decorado, com uma base sólida de madeira de teca e incrustações de prata, e a esfera de pergaminho laqueado, sobre a qual as nações se destacavam em cores vivas: era de uma digna simplicidade, mas os reflexos rubros da lareira e a suave claridade da vela solitária que tremulava ao seu lado realçavam-lhe a riqueza; gravados na prata, o nome e o título daquele sacerdote: "Pe. Rochouze, Superior Geral da Congregação dos Sagrados Corações". Uns familiares distantes que residiam na Irlanda, cheios de santo orgulho por um parente tão ilustre, tinham-lhe enviado esse presente por ocasião da sua eleição para o cargo de superior de uma ordem que não tinha ainda um século de

existência, mas que já cobria o mundo inteiro de devotados missionários.

O sacerdote aproximou-se da mesa, pensando nos muitos assuntos que ainda teria de estudar antes de se deitar. As questões administrativas tornavam-se cada dia mais freqüentes e mais complexas, o que na verdade não o entristecia, pois era um sinal de que a ordem estava em pleno florescimento. Os documentos amontoavam-se sobre a mesa: uma petição do Peru, uma lista de equipamentos agrícolas necessários para a missão nas ilhas Marquesas, um relatório para a Congregação *de Propaganda Fide* (hoje Congregação para a Evangelização dos Povos), um pedido de paramentos sacerdotais para as ilhas Gambier, onde a ordem trabalhava havia trinta anos, uma volumosa correspondência acerca de um navio fretado para levar um contingente de missionários às ilhas Sandwich...

Sentou-se, escolheu com cuidado uma pena e começou a escrever lentamente, numa elegante caligrafia inclinada, introduzindo uma pequena pausa para refletir antes de cada frase:

*Aviso para ser lido a bordo.*

> "Descobrir ao primeiro golpe de vista o lado bom das coisas é um sinal de bom gosto. Uns procuram na vida o que há de bom, outros o que há de mau. Não há nada que não tenha o seu lado bom. No entanto, existem pessoas dotadas de tanto faro que, como verdadeiros abutres da mente e do coração dos outros homens, são capazes de descobrir imediatamente o único defeito que se esconde entre milhares de perfeições. Organizam longas listas de erros, o que revela não tanto a sua inteligência como o seu mau gosto. Levam uma vida triste, alimentando-se de amarguras e dejetos. Muito mais bom gosto têm aqueles que, entre mil defeitos, descobrem uma única beleza, mesmo que só a tenham encontrado por acaso"...

A sua mão pousou uns instantes no papel. A experiência ensinara-lhe que os missionários jovens, recém-ordenados, ainda

embriagados com a grandeza da sua missão, às vezes se mostravam excessivamente rigorosos com as almas que tinham a seu cargo. E a intolerância era a última coisa que desejava nos seus religiosos.

O som de uns passos fê-lo erguer o olhar na direção da porta. Acabava de entrar outro religioso, um homem forte e saudável, de rosto largo e avermelhado, e uns olhos penetrantes que agora fitavam o superior entre risonhos e admoestadores. Puxou da batina um enorme relógio de prata, mas nada disse: balançou-o apenas com ar de reprovação.

O superior recostou-se no espaldar da cadeira e sorriu:

– "*Dies et nox*", disse, apontando expressivamente para a mesa; "De dia e de noite, já sei. Mas isto tem de ser feito, não é, Pierre?"

– "Nada se fará se o sr. cair de cama", resmungou o recém-chegado.

Embora não tivesse nenhum cargo na ordem, e só desempenhasse na prática as funções de secretário do seu superior, o pe. Pierre falava com a sem-cerimônia própria da amizade. Realmente eram amigos, velhos amigos desde os tempos do noviciado. Embora tivessem a mesma idade – ambos rondavam os quarenta –, eram totalmente diferentes um do outro: na aparência, no temperamento e até na maneira de falar. O superior era alto e magro, de feições aquilinas, e o seu francês tinha o acento claro de Tours, enquanto o sotaque do seu amigo procedia inequivocamente de alguma região próxima de Marselha.

Por uns momentos, discutiram questões administrativas, mas logo a conversa derivou para temas mais amplos relacionados com o trabalho da ordem, como a reconfortante notícia de que o Tratado de Tientsin vinha sendo respeitado na China: isso permitiria aos missionários desfrutar de uma certa segurança sob a proteção do exército imperial, recentemente reorganizado pelos ingleses.

Enquanto o superior passava a fazer conjecturas sobre uma possível missão ao Tibete, o irrequieto olhar do pe. Pierre pousou no escrito interrompido, o que lhe trouxe à lembrança um assunto de disciplina interna, mais oportuno para a sua mente prática do que a possibilidade ainda remota de uma missão entre os lamas. Do convento de Lovaina, um jovem religioso que mal acabara de receber as ordens menores* atrevera-se a escrever diretamente ao Geral, sem autorização e mesmo sem conhecimento dos seus superiores imediatos, pedindo-lhe permissão para juntar-se aos sacerdotes que embarcariam proximamente para as ilhas Sandwich.

Num latim tão cheio de zelo ardente quanto de erros gramaticais, o rapaz dizia que desejava preencher a vaga que se abrira nessa expedição devido à súbita doença do seu irmão mais velho, já sacerdote. O pe. Pierre desaprovava a audácia desse jovem desorientado; convinha que fosse punido, e sem demora, pois aonde chegaria a ordem se qualquer noviço se achasse no direito de comunicar-se diretamente com o Superior Geral, sempre que sentisse o prurido de fazê-lo? Mal o bom secretário expressou a sua indignação, percebeu que o pe. Rochouze encarava o assunto de outra maneira.

– "É evidente que um desejo tão grande de servir não é nenhum crime", disse-lhe o superior. "É verdade que o rapaz se mostra impaciente, mas essa impetuosidade pode ser desculpada pelos seus anos, ou melhor, pela falta deles".

– "A pressa é uma fraqueza dos tolos", citou o pe. Pierre gravemente.

– "Por outro lado, insistiu o superior, é freqüente que os sábios pequem por adiarem as coisas. A presteza é a mãe da boa fortuna, e quem não deixa nada para o dia seguinte leva

---

(*) Era costume, antes da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, que os candidatos ao sacerdócio recebessem o Sacramento da Ordem em três etapas: as chamadas Ordens menores (de leitor, acólito etc.), que não fazem parte do Sacramento propriamente dito, mas são antes uma preparação para o mesmo; o diaconado e o presbiterado (N. do E.).

uma grande dianteira. *Festina lente** é um lema para os governantes, e o nosso jovem amigo certamente já teve ocasião de ouvi-lo".

Percebendo que de nada serviria continuar a falar do assunto, o pe. Pierre limitou-se a encolher os ombros, num gesto que mostrava o seu desacordo com tamanha indulgência; a seguir, numa expressiva pantomima, voltou a tirar do bolso o relógio de prata e a olhá-lo significativamente. O seu amigo não deixou de perceber a insinuação e, capitulando, levantou-se, apanhou a vela e dirigiu-se para a porta.

Enquanto os passos de ambos ressoavam pelo lajedo do longo corredor, o superior disse subitamente em tom severo, mas com um brilho malicioso nos olhos:

– "Pierre, você tem razão. O jovem de Lovaina tem de ser e vai ser punido pela sua audácia. Você comunicará ao seu superior a pena que deverá aplicar-lhe por ter transgredido a disciplina: sentenciamo-lo ao exílio. Será banido e condenado a uma vida de servidão, solidão e trabalhos pesados. Ou seja, vamos conceder-lhe o favor que pediu tão temerariamente: ocupará o lugar do seu irmão na expedição".

De cara azeda, o pe. Pierre puxou da agenda que sempre trazia consigo. Com letras grandes e arredondadas, escreveu umas palavras que haveriam de deixar um eco profundo não apenas na história da ordem, mas na própria história da civilização:

*"Para as ilhas Sandwich – Damien de Veuster".*

---

(*) "Apressa-te lentamente" (N. do E.).

# JOSÉ DE VEUSTER

## TREMELOO (1840-1855)

Cerca de vinte e três anos antes da cena que acabamos de descrever, ou, para sermos exatos, no dia 3 de janeiro de 1840, uma parteira do vilarejo de Tremeloo, na Bélgica, foi chamada às pressas à casa de François de Veuster. Enquanto se aqueciam lençóis e toalhas, começaram a chegar os vizinhos para felicitar o camponês cuja esposa, Catherine, acabava de dar à luz o seu sexto filho, um menino.

Entre essa boa gente encontrava-se o homem mais viajado do lugar, um velho soldado de faces coradas e voz cordial, parente dos Veuster, que avançou estrondosamente cozinha adentro, enquanto perguntava aos berros qual o sexo da criança: era uma questão em que tinha grande interesse porque acabara de apostar que seria um menino. Além disso, havia prometido que, se o fosse, seria o padrinho; caso contrário, afirmara solenemente, retorcendo o rosto cheio de cicatrizes numa piscadela dirigida às senhoras presentes, teria de declinar essa honra porque "a orientação espiritual de uma mulher é coisa que está muito além das capacidades de um velho soldado". Mais tarde, enquanto todos brindavam à saúde do recém-nascido, o veterano anunciou que o seu afilhado se chamaria José, como o chefe da Sagrada Família, seu próprio padroeiro, que lhe tinha salvo a vida nada menos que quatro vezes nas suas andanças por terras estrangeiras.

Poucas semanas depois, a igreja da aldeia assistia ao batizado. À fonte batismal compareceram os pais, pouco à vontade nas suas roupas domingueiras; os irmãos e irmãs do pequeno José, de olhos arregalados e curiosos; uns poucos amigos da família e, naturalmente, o barulhento padrinho, que envergara o desbotado uniforme para honrar tão solene ocasião. Serviu de madrinha a avó materna, uma matriarca de rosto tão severo que conseguiu fazer calar até o seu ruidoso compadre, de modo que o silêncio só foi quebrado pelas respostas previstas no cerimonial. Eram todos gente piedosa, e permaneceram em silenciosa oração enquanto a criança recebia oficialmente o seu nome e era admitida na Igreja. Terminada a cerimônia, segundo o costume do lugar, a mãe ajoelhou-se junto à grade da comunhão e o sacerdote traçou-lhe o sinal da cruz sobre a fronte com a água batismal.

Entretanto, os padrinhos ninavam a criança, orgulhosos do seu bom comportamento durante a cerimônia. A certa altura, viram-na levantar o pequenino punho num gesto vago que imediatamente foi considerado um presságio: a avó, convencida de que o bebê havia feito o sinal da cruz, profetizou que ele viria a ser sacerdote; mas o veterano balançou firmemente a cabeça e declarou na sua voz estrondosa:

– "Foi uma continência! Quem melhor do que eu poderia reconhecer uma saudação militar? Este menino será soldado e, como o padrinho, terá muitas aventuras em terras distantes".

Os anos provaram que a avó tinha razão, mas que o padrinho também tinha acertado; com efeito, o seu afilhado acabou por mudar-se para terras distantes e, embora jamais tivesse carregado uma espada, veio a passar por aventuras e horrores que o velho soldado nunca teria podido imaginar.

Seis anos se passaram e José atingiu a idade em que as observações se transformam em lembranças indeléveis. Um dia, o seu padrinho, a quem agora chamava "tio", levou-o para a sua inesquecível primeira viagem: acomodados numa carroça de camponeses, ambos chacoalharam até Malines, onde o im-

pressionável pequeno pôde presenciar toda a glória de uma catedral no seu momento mais esplêndido. Acabava de falecer o Papa Gregório XVI e o cardeal-primaz da Bélgica oficiava uma missa solene de defuntos pela sua alma, com toda a magnificência litúrgica; balançavam os turíbulos e, enquanto bispos e príncipes dobravam o joelho, o pequeno apertava fervorosamente o terço entre os dedinhos encardidos, feliz de ver que as suas orações subiam ao céu em tão ilustre companhia.

Com as imagens dessa experiência gravadas a fogo no seu íntimo, o menino permaneceu calado durante a viagem de volta, enquanto o velho tagarelava, apontando as belezas da paisagem. Não é que fosse muito diferente da que cercava a sua aldeia, exceto talvez, aqui e ali, por uma igreja mais antiga ou um moinho mais alto. A planície estendia-se a perder de vista para todos os lados, mas nem por isso era monótona, devido aos desenhos formados pelos campos de cultivo que variavam continuamente de tamanho e de cor, ora mostrando um verde vivo, ora o marrom do solo nu.

Nenhuma região do mundo simboliza tão bem a paz como esses campos de Flandres. Nenhum movimento perturbava a serenidade do horizonte, exceto pelo lento girar de um moinho ou por um lavrador a arar a terra. Ruído algum quebrava o silêncio, com exceção desses sons campestres que só reforçam a tranqüilidade geral: a música grave de uns sinos, o murmúrio de um riacho represado pela roda de um moinho. Serpejando entre altas aléias, a estrada era pontilhada de tempos a tempos por pequenas ermidas dedicadas à Santíssima Virgem, cujas imagens bem cuidadas recebiam a homenagem de umas flores frescas.

Os habitantes desse mundo pacífico em que José cresceu eram profundamente piedosos. Em cada aldeia, um campanário em forma de agulha emergia do aglomerado vermelho dos telhados, apontando para o céu. Em cada vilarejo, o pároco era o conselheiro e o pai de todos. Havia séculos que a vida transcorria assim, dentro de moldes simples que não deixavam ninguém descontente. Cada qual preenchia os seus dias ocupado

em lavrar os campos que recebera de seus pais e que por sua vez legaria aos seus filhos. Todos se esforçavam por obedecer às leis de Deus e às dos homens, sem alimentar rancores nem invejas, numa ilustração prática da felicidade que se pode atingir neste mundo por meio da sabedoria e da fé cristãs. Se algum homem teve o direito, nos seus anos de maturidade, de sentir saudades do seu torrão natal, esse homem foi Damião de Veuster, que sacrificou voluntariamente o recanto de paz e segurança em que tinha passado a infância para mergulhar num ambiente de indescritível horror.

A primeira educação, o menino recebeu-a da mãe. Havia poucos livros na casa da herdade, e esses poucos tinham atravessado gerações debaixo daquele teto. Escritos em flamengo antigo, tratavam sobretudo de temas religiosos, e o preferido de todos, por causa das suas belas xilogravuras, era um grosso volume intitulado *Vidas de santos*. Todos os dias, no final da tarde, as três crianças mais novas – dois meninos e uma menina: Augusto, Paulina e José – reuniam-se na cozinha ao redor da mãe. Era a sua hora favorita: o pai ainda não voltara do campo com os filhos mais velhos, e a mãe, concluídas já as tarefas diárias, podia dedicar-lhes toda a atenção.

A cozinha era ampla e alegre, com potes e panelas de cobre polido brilhando nas paredes; no fogão, o braseiro permanecia aceso por trás da grade de ferro. Augusto, revestido da dignidade de irmão mais velho, encarregava-se de atiçar o fogo; a mãe distribuía a cada criança um biscoito e a seguir as três sentavam-se aos seus pés, enquanto ela abria o livro para ler-lhes em voz alta as façanhas heróicas dos tempos passados.

Com exceção de umas poucas lendas locais, as *Vidas* que povoaram a infância desses pequenos foram praticamente as únicas histórias que conheceram. Não admira, pois, que imprimissem o seu colorido até aos próprios jogos em que se entretinham. Enquanto em outras terras e outros lares as crianças brincavam de soldados e índios, tomando de assalto fortalezas imaginárias, os três jovens flamengos eram perseguidos

pelas turbas romanas, tinham de enfrentar cada qual um leão feroz na arena ou um centurião ameaçador, ou representar por turnos, a contragosto, o papel desses vilões. Ou ainda era a horta da fazenda que se transformava na Terra Santa, enquanto eles reviviam as glórias das Cruzadas: cavaleiros destemidos combatiam sarracenos selvagens entre os canteiros de couves, até que os estragos arrancassem do pai de família um berro escandalizado que trazia perseguidores e perseguidos de volta à segurança da cozinha.

Não há dúvida de que passaram também muitas horas debruçados sobre as gravuras do livro volumoso, e aquelas em que os mártires sofriam os tormentos mais horríveis eram certamente as que mais lhes inflamavam a imaginação. Ao verem voar as fagulhas do fogo da cozinha, as suas mentes pintavam com cores vivas as agonias e a coragem dos primeiros cristãos na fogueira. Essas primeiras impressões de fé e martírio influíram decisivamente no curso das suas vidas, pois anos mais tarde os três decidiram entrar para o serviço da Igreja.

É preciso notar, porém, que nenhum deles mostrava ainda sinais de uma vocação especial ou se comportava de maneira diferente dos seus companheiros. Pelo contrário: dentre as cerca de cem crianças da aldeia, o jovem José, concretamente, era considerado não apenas um dos mais corajosos em matéria de aventuras infantis, mas também um dos mais travessos e obstinados. A brincadeira favorita dos meninos da aldeia era agarrar-se à traseira das carroças que passavam, enquanto um ou dois cúmplices atiravam pedras ao cavalo que, assustado, partia a pleno galope. Precariamente pendurados do veículo, os jovens heróis desfrutavam da perigosa corrida às sacudidelas, pelo menos até que o carroceiro conseguisse dominar o cavalo e arremetesse furiosamente contra eles. Além dos perigos que trazia consigo, esse animado esporte tinha o aliciante especial de estar rigorosamente proibido pelos pais. Com o tempo, porém, os cocheiros tornaram-se tão atentos e precavidos que poucos rapazes se aventuravam a correr o risco.

Entre esses poucos contava-se naturalmente José, para grande satisfação do seu marcial padrinho que, em segredo, apoiava inteiramente a criançada e chegava até – é preciso confessá-lo – a oferecer balas como prêmio para as travessuras mais atrevidas. Incentivado pela admiração dos companheiros, o moleque, como tantos heróis antes dele, levava cada vez mais a ousadia até às raias da imprudência. Um dia, porém, teve a má sorte de encontrar um carroceiro que parecia cochilar sobre a boléia, enquanto o seu veículo atravessava vagarosamente a aldeia. Era uma tentação demasiado forte para os meninos. José saltou para a posição de honra, os seus companheiros atiraram as pedras, mas o cavalo não saiu em disparada, pois o cocheiro, que não era nenhum tolo, estivera atento o tempo todo. No momento em que voaram os seixos, puxou as rédeas e imediatamente surgiu de todos os lados um grupo de amigos seus, que cercou o consternado passageiro. O rapaz conseguiu escapar, mas não sem ter levado uma boa surra e uma vigorosa chicotada do carroceiro.

Naquela noite, José não apareceu para o jantar, e as horas passavam sem que ele desse sinais de si. Os pais, preocupados, começaram uma busca, mas foi o padrinho quem finalmente o encontrou, ajoelhado no presbitério da igreja, além da grade da comunhão, aparentemente absorto em oração, mas com um olhar vigilante dirigido para a porta. O rapaz lembrara-se de que, nos tempos antigos, os criminosos podiam refugiar-se na igreja e, enquanto permanecessem no recinto sagrado, não podiam ser presos nem punidos. Estava, pois, decidido a não sair de lá enquanto não recebesse uma promessa de indulto.

Vieram os pais e, sob olhar maroto do velho soldado, tentaram convencer o culpado a abandonar o altar. Também eles sabiam muito bem que se encontravam num lugar sagrado, onde não se podia usar a força; ajoelharam-se junto do filho e, em voz baixa, a mãe suplicou-lhe que viesse com eles, enquanto o pai o ameaçava com os piores castigos. Mas o menino permaneceu irredutível. Por fim, o pai, indignadíssimo, concordou

num murmúrio rouco em suspender o castigo, e a família Veuster pôde reunir-se novamente. Não sabemos se o severo chefe de família, de quem nunca se ouvira dizer que poupasse a vara aos filhos ou os estragasse com mimos, cumpriu a sua promessa.

Conta-se também que certo dia, depois de ter ouvido um comovente sermão sobre a virtude da caridade, o menino regressava a casa quando foi abordado na rua por um mendigo que lhe jurou haver três dias que não levava nada à boca. Pedindo-lhe que esperasse, José correu até à cozinha da casa, onde por sorte não se encontrava ninguém, e apanhou um enorme presunto cuidadosamente preparado pela mãe para o almoço domingueiro da família. Não contente com entregar o presunto ao pedinte, ofereceu-lhe também a travessa. É desnecessário dizer que houve mais uma vez uma desagradável troca de palavras entre pai e filho, em que o faminto fazendeiro pôde apreciar como o menino pusera em prática o sermão do dia.

A vida do rapaz, como a dos outros da sua idade, decorreu no seu ritmo normal, entre esperanças e alegrias, contrariedades e tristezas. O único traço que parece tê-lo distinguido dos seus companheiros foi um genuíno gosto pela solidão, que se acentuou à medida que crescia. Mesmo nos primeiros anos – ao contrário dos irmãos, que detestavam esse encargo –, mostrava-se feliz quando chegava a sua vez de vigiar as poucas ovelhas da família. Os campos de pastoreio ficavam às margens de um riacho, o Laak, que corria perto da aldeia. Estendido sobre o capim espesso, o pequeno pastor ficava olhando a água passar.

O murmúrio suave de um regato costuma ser uma boa introdução a essa paz interior que propicia momentos de reflexão, e foi sem dúvida ali que se desenvolveu nele, em boa parte, esse recolhimento de espírito que viria a acentuar-se com os anos e que, mais tarde, seria por vezes interpretado como sinal de um caráter ríspido e taciturno. Não devemos esquecer que, em casa, como era habitual entre os camponeses, se seguia o princípio de que "o que precisa ser feito não precisa ser dito",

e assim, à medida que crescia, José foi aprendendo a sabedoria aldeã de só usar as palavras com parcimônia. O pai gostava de citar o dito de um velho jesuíta: "As palavras trazem familiaridade, e a familiaridade sempre é indesejável: com os superiores, porque é perigosa; com os subordinados, porque é inconveniente".

A sua reserva foi crescendo, pois, juntamente com as suas capacidades. Ao atingir a adolescência, já tinha absorvido tudo o que a escola elementar da vizinha aldeia de Werchter lhe podia proporcionar, e, junto com os conhecimentos básicos, adquirira também o apelido de "José o silencioso". Mas não pensemos que o seu retraimento tivesse qualquer coisa de doentio, pois a circunstância de fechar-se em si mesmo não o impedia de sobressair no esporte e nos jogos com os seus companheiros. A patinação no gelo era uma das diversões preferidas na região, e a sua aldeia cedo pôde orgulhar-se de contar entre as suas celebridades o campeão regional desse esporte.

Quando José, aureolado dessa popularidade, apareceu à porta do ferreiro local e lançou um olhar ávido à bigorna, o bom homem, que era o herói de todos os rapazes da aldeia, não vacilou em convidá-lo a experimentar os seus músculos no metal incandescente. Não demoraram a tornar-se amigos, e o rapaz passou a dedicar todos os momentos disponíveis a aprender os segredos da profissão. Nas horas vagas, o ferreiro também tomava conta do cemitério anexo à igreja, o que significava ter de encarregar-se da abertura das covas. O rapaz auxiliou-o algumas vezes nesse triste mister, adquirindo assim uma experiência que haveria de ser-lhe muito útil no futuro.

## O COLÉGIO (1855-1859)

Assim se passaram os dias tranqüilos da infância, e o pai começou a preocupar-se com o futuro do rapaz. Os filhos mais velhos ficariam para trabalhar na propriedade, conforme o cos-

tume ancestral. Augusto, bem como Paulina, pareciam ter vocação para a vida religiosa, e os pais, como gente piedosa que eram, não lhes faziam objeção. Quanto a José...

Naquele tempo, numa comunidade rural como Tremeloo, não se pensava sequer em questionar a autoridade paterna; em assuntos de disciplina familiar, o pai era a instância suprema e a sua palavra, lei. A família Veuster não constituía exceção à regra, e assim, quando o chefe da família decidiu que, em virtude das circunstâncias, o melhor seria que o filho mais novo ingressasse na carreira comercial, ninguém se atreveu a contestá-lo, muito menos José. O velho Veuster compreendeu que esse trabalho exigiria uma educação mais refinada e uma visão do mundo mais ampla do que a que Tremeloo podia oferecer, e foi aconselhar-se com o pároco. Depois de uma longa deliberação, ficou resolvido que o rapaz seria enviado a um colégio situado em Braine-le-Compt, na província de Hainault. Deveria estudar principalmente o francês, pois até então só falava flamengo, um dialeto regional bastante limitado.

O reino da Bélgica, geograficamente unido, apresenta uma divisão étnica muito acentuada. Os habitantes das províncias do Norte chamam-se flamengos; os do Sul, valões. Embora tenham a mesma origem e compartilhem quase dois mil anos de uma história comum, ainda falam línguas distintas, o flamengo e o francês. Entre os dois povos existe também uma rivalidade comparável à inimizade entre os irlandeses do Norte e os do Sul, embora não tenha manifestações tão violentas.

Os primeiros meses num colégio valão não devem ter sido agradáveis para o jovem flamengo. No entanto, apesar de sentir profundamente essa primeira separação da família e de não falar uma única palavra de francês, procurou cumprir à risca as suas obrigações, enquanto os colegas o perseguiam impiedosamente com a crueldade própria dos adolescentes. Mas essas provocações não durariam muito, porque as horas passadas com o seu amigo ferreiro o tinham dotado de uma musculatura e de uma força pouco comuns para a idade, e as suas retaliações,

rápidas e furiosas, logo lhe conquistaram imunidade e respeito em toda a escola. Pouco depois de ter chegado, escrevia à família, sem demonstrar o menor aborrecimento e com um carinho verdadeiramente filial:

> "É com muita alegria que tomo a pena para escrever-lhes pela primeira vez esta breve carta. A estas alturas, já estou acostumado ao lugar. Converso um pouco com os valões. Conheço o meu trabalho, as minhas lições, os meus colegas e a minha cama. Tudo na casa é limpo e confortável; a nossa mesa é mais ou menos como a da feira anual, e a cerveja é ótima. Se algum valão se ri de mim, bato-lhe com a régua. O nosso mestre é um valão, mas muito bom e instruído, e dá-me aulas particulares. No primeiro dia, senti-me um pouco tímido e tive receio de pedir qualquer coisa, apesar de não me terem dado livros, nem penas, nem papel, nem nada do que precisava. Mais tarde, pedi-os ao sr. Derne, nosso mestre, e ele atendeu-me. No domingo, saímos para um passeio. Fui junto com um valão e perguntei-lhe o nome de todas as coisas que via"...

Com laboriosa diligência, José continuou a perguntar o nome de todas as coisas que via, até ganhar fluência no francês. Os semestres escolares foram passando e o seu senso de gratidão – qualidade rara num jovem – foi crescendo. Percebendo que as mensalidades da escola pesavam no bolso dos pais, escreveu-lhes um dia: "É a vocês, queridos pais, que devo a educação que estou recebendo e que me será útil durante toda a vida. Não sei como poderei manifestar de maneira adequada a gratidão que sinto por todos os benefícios que me têm proporcionado desde a mais tenra idade".

A maioria dos seus colegas, além de serem valões, eram filhos de burgueses das cidades vizinhas, e essas diferenças de origem contribuíam para acentuar no rapaz a tendência para a solidão. As poucas horas de liberdade que os estudos lhe deixavam, gastava-as em longas caminhadas pelos campos. Não tinha amigos próximos, e as suas raras confidências eram feitas

por carta ao seu irmão, que fazia o noviciado com os "padres de Picpus", em Paris. Augusto, que tomara o nome de Panfílio, mostrava-se feliz na vida religiosa e as suas cartas deixavam transparecer uma alegria que despertava em José uma ponta de inveja.

Por mais que se esforçasse, não conseguia sentir o mesmo entusiasmo pela carreira para a qual se preparava, embora a obediência e a gratidão filiais o levassem a persistir vigorosa e incansavelmente nos estudos, e o seu progresso, refletido nos boletins escolares, proporcionasse muitas alegrias ao seu pai. Sob a perspicaz direção do rei Leopoldo I, a Bélgica daqueles anos vinha experimentando um rápido crescimento no comércio exterior: floresciam os estabelecimentos mercantis e faziam-se fortunas nas cidades. O velho camponês flamengo podia, pois, felicitar-se por ter encaminhado o filho para uma carreira tão promissora.

No entanto, nas suas caminhadas solitárias pelos campos, José começava a dar-se conta de que também ele era chamado à vida religiosa. Sentia-se irresistivelmente atraído pelo modo de vida do irmão. O impulso final veio com a primeira "missão"* de que participou, pregada pelos redentoristas numa igreja de Braine-le-Compt. Os sermões atingiram em cheio o seu coração. À medida que escutava as exortações e participava dos mistérios do altar e dos cantos litúrgicos, a sua mente e todo o seu ser iam-se embebendo da grandeza do mistério católico e pareceu-lhe que uma grande luz o inundava, dissipando as perplexidades da sua alma. E num daqueles dias, compreendeu claramente que só podia haver uma carreira para ele, não de riqueza terrena, mas de pobreza, humildade e obediência; uma carreira cujas vicissitudes seriam conhecidas apenas dAquele que escolhe livremente os seus apóstolos.

---

(*) Em muitas dioceses de todo o mundo, era costume organizarem-se, de tempos a tempos, umas semanas de pregação e de celebrações litúrgicas destinadas a intensificar o fervor religioso e a vida cristã; chamavam-se "missões", e normalmente convidava-se um orador famoso para dirigi-las (N. do E.).

## A VOCAÇÃO (1860)

Naquela noite, José permaneceu acordado, orando e implorando a ajuda e a orientação de Deus. O amanhecer haveria de trazer-lhe o desagradável dever de informar os pais da decisão que tomara e que – sabia-o muito bem – iria causar um amargo desapontamento ao velho camponês. O que tornava esse dever duplamente penoso era saber que o dinheiro investido na sua educação custara grandes sacrifícios ao pai e a toda a família. Mas o caminho estava claro e tinha de ser seguido até o fim. Pela manhã, tomou da pena e escreveu para casa, mencionando prudentemente em primeiro lugar a irmã que acabava de tomar o véu: "Que felicidade a dela! Garantiu desde já a coisa mais difícil que todos temos de buscar nesta vida [...]. Espero que chegue também a minha vez de escolher o caminho a tomar; não me seria possível seguir o de Augusto?"

Esse pedido inesperado caiu como um raio sobre os aturdidos genitores, que já tinham adquirido o hábito de, à noite, junto ao fogo, traçar planos ambiciosos para o futuro do filho mais novo, como costumam fazer os pais de todas as latitudes e de todos os tempos. A carta parecia lançar-lhes por terra todas as esperanças e reduzir a nada os sacrifícios que tinham feito por ele. A primeira reação do pai foi escrever ao filho umas linhas indignadas, mas as ponderações mais serenas da esposa convenceram-no de que deviam falar primeiro com o seu velho amigo e conselheiro, o pároco.

Depois de ler a carta de José e de ouvir o que lhe tinham a dizer, o sacerdote resolveu escrever a um velho conhecido seu, que era professor do colégio. A resposta chegou pouco depois, com notícias sobre o fervor com que o rapaz participara da missão e o crescente interesse que manifestava por assuntos religiosos. O pároco chamou os pais e explicou-lhes que, se o filho estava realmente decidido a tornar-se religioso, eles deveriam ser os últimos a impedir essa decisão ou a pôr-lhe obstáculos; mas havia a possibilidade de que as suas emoções, apesar

de sinceras, não passassem de uma impressão passageira, despertada na sua alma juvenil pela eloqüência dos sermões que ouvira; o tempo diria. Aconselhou, pois, o pai a escrever uma carta branda em que expressasse dúvida e surpresa, mas não uma rejeição absoluta, porque – argumentava-lhes –, tratando-se de jovens, as dificuldades servem apenas para lhes aumentar a determinação; se não encontrasse oposição nem tivesse de superar grandes barreiras, o rapaz poderia seguir os ditames da sua consciência com mais clareza e honestidade.

Logo se tornou evidente que José não estava sob os efeitos de nenhum fervor temporário. Poucas causas foram defendidas com tanta persistência: passavam-se os meses, e um caudal constante e ininterrupto de cartas respeitosas e deferentes, mas absolutamente decididas, fluía do colégio para Tremeloo.

Por volta dessa época, Panfílio foi transferido de Paris para o estabelecimento dos padres de Picpus de Lovaina, um incidente em si intranscendente, mas que mudaria definitivamente o curso da vida de José. Com efeito, a essas alturas, ele estava tão dominado pelo seu zelo que não somente decidira consagrar-se ao serviço da Santa Igreja, como pensava até em fazer-se trapista, ingressando na mais austera das ordens monásticas, cujos membros fazem voto de silêncio perpétuo, trabalho manual rude e oração contínua. Quando comunicou essas intenções por carta ao irmão, este, com grande sabedoria e compreensão fraterna, limitou-se a convidá-lo para uma visita a Lovaina. José aceitou entusiasmado e, na segunda semana de dezembro de 1858, vemo-lo pela primeira vez visitar um convento. Com um orgulho perfeitamente desculpável, Panfílio mostrou-lhe toda a casa e explicou-lhe a história e os objetivos da ordem, que havia sido fundada por um sacerdote francês, o padre Coudrin, nos começos do século XIX.

O nome completo da ordem era "Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e da Perpétua Adoração do Santíssimo Sacramento do Altar". Mas era conhecida também por um nome mais familiar, os "padres de Picpus", derivado da rua de Paris

onde o padre Coudrin estabelecera o seu quartel-general em 1805. A sua espiritualidade fundava-se em quatro fases da vida de Cristo: na Sua infância, e daí as atividades de educação de crianças e de formação dos aspirantes ao sacerdócio; na Sua vida oculta, base para uma vida de adoração do Santíssimo Sacramento; na Sua vida pública, inspiração constante para a pregação e o trabalho missionário; e na Crucifixão, convite ao cultivo permanente do espírito de sacrifício e mortificação.

O entusiasmo de Augusto pela ordem contagiou o irmão que, abandonando a idéia de fazer-se trapista, pôs os olhos na Congregação dos Sagrados Corações. Mas como o pai ainda não lhe dera o seu consentimento, elaborou com o irmão um plano de ação conjunta. Como primeira manobra, escreveu aos pais precisamente no dia do Natal, data em que os sentimentos familiares costumam mostrar-se mais cálidos e compreensivos:

> "Não posso deixar de escrever-lhes neste maravilhoso dia de Natal, pois esta festa grande me incita de novo a deixar o mundo e a abraçar a vida religiosa. Mas o mandamento da obediência aos pais não se aplica apenas à infância; portanto, meus queridos pais, volto a implorar-lhes o seu consentimento, pois sem ele não me atrevo a dar este passo [...]. Augusto escreveu-me a dizer que poderei ser admitido na Congregação como irmão leigo, mas que não devo deixar passar o Ano Novo sem falar com o superior, se quero começar logo o noviciado. Ansiando por esta grande felicidade, subscreve-se o filho obediente"...

Depois dessa carta, os pais desistiram de continuar a levantar diques contra a inundação, mas o velho e teimoso flamengo recusou-se até o fim da vida a dar explicitamente o seu consentimento à decisão de José. O modo como acedeu aos desejos do filho não deixa de ter graça: uma semana depois de recebida a carta, o sr. Veuster vestiu o seu terno domingueiro, deixou a fazenda aos cuidados da esposa e dos filhos e partiu para Braine-le-Compt. Era o aniversário do rapaz, que estava longe

de imaginar que o pai o visitasse; mas mais surpreendido ainda ficou quando o ouviu dizer-lhe que tinha vindo a Lovaina "tratar de negócios" e que, se o filho quisesse, poderia ir com ele à cidade e depois passar umas horas com o irmão no convento.

No caminho, José abordou impetuosamente o tema que lhe era mais caro, mas o sr. Veuster atalhou a conversa resmungando que não queria saber desse assunto pois estava preocupado com os "negócios". Tal como o filho, era homem de poucas palavras. Jamais confidenciaria a ninguém os seus sentimentos nem explicaria o que aconteceu naquele dia; ao que tudo indica, porém, a iniciativa foi inteiramente sua, não de Augusto nem de José. Chegando à residência dos padres de Picpus, deixou o rapaz à porta e disse-lhe inopinadamente que podia dispor como quisesse do resto do dia e mesmo jantar com o irmão, mas que estivesse pronto para regressar ao cair da tarde.

Encontrando-se por fim no lugar que representava a meta dos seus sonhos e ambições, José viu que era chegado o momento de pedir a admissão na ordem. Depois de um bom tempo de oração na capela, convenceu o irmão a levá-lo à presença do superior, um religioso tão prudente como bondoso.

Em pleno vigor dos seus dezenove anos, o rapaz tinha uma aparência excepcionalmente agradável. Além da força física e de uma saúde de ferro, características fundamentais para o trabalho missionário, tinha um rosto franco e cativante, emoldurado por cabelos escuros e crespos. Anos mais tarde, esse rosto viria a ser cruelmente desfigurado pela pior das doenças humanas; naquela altura, porém, não refletia senão a esperança e a veemência da mocidade.

Depois de uma breve conversa, o superior convenceu-se de que os desejos do rapaz eram genuínos e não uma simples veleidade passageira, e disse-lhe que a partir daquele momento podia considerar o convento como seu lar. Quando François de Veuster chegou, à noite, encontrou o filho decidido a dar-lhe o abraço de despedida; sabe-se que não demonstrou a menor surpresa, mas se limitou a comentar de si para si: "É a vontade de Deus".

# DAMIÃO, O RELIGIOSO

## O NOVICIADO (1860-1863)

Já dentro das paredes do convento, o rapaz entregou-se à formação inicial com o afinco de sempre, talvez até com um ardor um pouco excessivo. Poucos dias depois de o terem admitido, Panfílio, que compartilhava o quarto com ele, foi acordado à noite por uns movimentos estranhos e, com grande espanto, descobriu que era o irmão tentando adormecer sobre as tábuas nuas do assoalho; as ânsias de mortificação e penitência que sentia tinham-no levado a rejeitar o parco luxo do catre monástico. Como as regras da ordem não aprovavam essas práticas extemporâneas, Panfílio fê-lo abandonar o improvisado leito penitencial e voltar para a cama.

Os estudos que fizera para a carreira comercial mostraram-se desvantajosos na sua nova vida, pois não lhe tinham proporcionado sequer os rudimentos das línguas clássicas. Ora, o conhecimento do latim era indispensável para ordenar-se, e José teve de fazer o noviciado como irmão leigo, isto é, sem esperanças de vir a tornar-se sacerdote. Pouco se importou com isso, já que a sua única ambição era servir, fossem quais fossem os cargos ou trabalhos, mesmo humildes ou desagradáveis, que lhe viessem a pedir.

Naquela ocasião, tivera início a construção de uma capela mais ampla que a existente, e José pôs-se a ajudar os operários a escavar as fundações e a transportar tijolos para o lugar. Havia

no terreno uma antiga chaminé, muito alta, que começou a balançar ameaçadoramente quando se removeram as paredes em que se apoiava. Deitá-la abaixo tornou-se um sério problema de engenharia: como estava muito próxima dos outros edifícios, não se podia usar dinamite, e os operários recusavam-se a entrar na zona perigosa. Foi José quem resolveu a questão, escalando a alvenaria cambaleante e pondo-se calmamente a remover tijolo por tijolo, a começar pelo topo, enquanto os operários prendiam a respiração.

Durante as breves horas de recreio, Panfílio dedicou-se a iniciá-lo nos mistérios da gramática latina, e José aplicou-se diligentemente a esse novo passatempo com a sua tenacidade habitual. Da manhã até à noite, quem passasse pelo quarto dos dois podia ouvi-los recitar as declinações e conjugações da mais nobre das línguas. Quando o rapaz se familiarizou com ela, desapareceu o principal obstáculo que o impedia de preparar-se para o sacerdócio, e os seus superiores, dando-se conta do seu valor, tomaram algumas medidas especiais para remediar as suas deficiências acadêmicas. José nunca tivera facilidade para os estudos, e sempre fora mais esforçado do que brilhante; agora, porém, ante a perspectiva de poder ordenar-se, redobrou de esforços para dominar em breve tempo todos os ramos das ciências sagradas e profanas que a formação sacerdotal exigia dele.

Chegou o momento de trocar o nome de batismo pelo "da religião", como era costume na ordem. Ninguém sabe por que escolheu o de *Damião*, mas, se tivermos em conta o destino que a Providência lhe reservava, não nos custa compreender que dificilmente teria podido escolher padroeiro mais apropriado do que o corajoso médico da Cilícia que, após uma vida ao serviço aos outros, sofrera o martírio com o seu irmão Cosme, nos começos do século IV.

Nesse período de formação para o sacerdócio, teve de sustentar longas lutas com o seu próprio temperamento. Havia momentos em que se sentia profundamente torturado por uma faceta da sua personalidade que, embora muito humana, teria

de ser completamente vencida se quisesse tornar-se um sacerdote digno: estava sujeito a súbitos acessos de cólera, seguidos imediata e inevitavelmente de remorsos torturantes. Quem quer que tivesse sido vítima de um desses acessos ou simplesmente presenciado a cena, recebia sem demora insistentes pedidos de desculpas e todo o tipo de demonstrações da sua vontade de emendar-se. Mas o tempo, combinado com um esforço constante de auto-domínio, haveria de encarregar-se de suavizar o seu caráter e de transformar a violência passional em fortaleza serena. Sobre a sua mesa de trabalho, pusera um bloco de madeira que trazia entalhadas estas palavras: *Silêncio, recolhimento, oração.*

Com essa divisa sempre diante dos olhos, permaneceu em Lovaina até o outono do ano seguinte (1861), ocasião em que foi transferido para Issy, nas proximidades de Paris, a fim de completar o noviciado. E foi lá, enquanto caíam as chuvas de outubro, que fez os três votos de pobreza, castidade e obediência, como membro da Congregação a cujo serviço queria viver e morrer.

Paris não pareceu ter impressionado o jovem flamengo, embora obviamente não dispusesse de muito tempo para ver todas as coisas que tornavam famosa a "cidade-luz". Em todo o caso, pouco antes da primavera, teve ocasião de praticar o esporte oficial de Tremeloo e, como ex-campeão, não pôde deixar de escrever à família com uma ponta de desdém: "Parece-me que hoje vamos patinar. Terei de pedir a Gérard [um colega valão] que me empreste os seus patins, porque aqui não há quem saiba praticar essa arte"...

Por essa época, faleceu-lhe a avó. O rapaz sentiu-se profundamente afetado, porque ela sempre lhe dedicara um carinho especial e porque era a primeira vez que a foice atingia um dos seus familiares. Ao receber a notícia, empalideceu bruscamente e teve de deixar o refeitório para refugiar-se na solidão da capela. Depois, numa carta aos pais, revelou uma sabedoria e uma capacidade de aceitar a morte incomuns num jovem da sua

idade: "Todos nós morreremos um dia [...]. Comecemos, pois, a preparar-nos desde hoje para uma morte feliz e não desperdicemos um só momento do pouco tempo que nos resta".

Naquela primavera, a frívola capital mostrava-se mais frívola do que nunca. Multidões ajanotadas enchiam as ruas recém-pavimentadas durante o dia e à noite lotavam os teatros. A liberalidade da nova Corte, presidida por um imperador que ainda exibia os modos de um presidente ansioso por agradar ao povo – Napoleão III, cognominado "o pequeno", em contraposição a seu tio Napoleão I "o grande" –, dava o tom aos despreocupados cidadãos. Damião, entretanto, nada via que lhe causasse inveja:

> "Sem dúvida estarão desejosos de saber como vão as coisas aqui em Paris. Só muito raramente vou à cidade. Todas as quartas-feiras fazemos uma caminhada por um bosque próximo [o Bois de Boulogne], do qual poderia fazer-lhes uma descrição completa, pois conheço cada uma das suas alamedas. Sempre há cerca de mil homens trabalhando por ali, a fim de torná-lo mais e mais belo: abrem caminhos novos e escavam pequenos córregos, de modo que a água possa correr em todas as direções. Mas, por desgraça, enquanto antes podíamos andar tranqüilamente e desfrutar do prazer de uma caminhada, agora só se vêem por toda a parte burgueses e senhoras, cavaleiros e carruagens, que nos distraem e perturbam. Também os passeios pela cidade já não têm o atrativo que tinham no início; para mim, há algo de muito melancólico neles, de modo que, quando posso escolher, sempre deixo as ruas para aqueles que são mais curiosos do que eu.
>
> "No convento, tudo vai indo muito bem. Trabalhamos como formigas e damo-nos maravilhosamente. A chegada de um dos nossos bispos missionários deu-nos a oportunidade de assistir aqui na capela a uma missa pontifical celebrada no domingo de Páscoa. Foi a primeira vez que presenciei essa cerimônia solene; em vez de dois ou três sacerdotes, foram uns vinte ou vinte e cinco que subiram ao altar.
>
> "À noite, depois das vésperas, a capela encheu-se de solda-

> dos. O bispo fez-lhes uma curta homilia e depois tivemos uma bênção solene com o Santíssimo. Os soldados cantaram e ajudaram o celebrante; na verdade, fizeram quase tudo, e com grande entusiasmo. Penso que esse zeloso prelado voltará em breve à sua missão na Oceania, e é possível que leve consigo alguns de nós. Vocês não se alegrariam se eu fosse um deles?"

A possibilidade de ir para os Mares do Sul gravou-se na imaginação do rapaz. O bispo descrevera em cores vivas o cenário da vida na Oceania: a beleza natural daquelas ilhas distantes, o inegável atrativo dos mares tropicais e das ilhas de coral, das palmeiras ondulantes e flores perfumadas. E quando o coração dos missionários noviços transbordava de entusiasmo, falara-lhes do imenso campo de trabalho que se abria diante deles: teriam a oportunidade de transformar em bem a influência maléfica dos primeiros colonizadores brancos.

A nobre ambição de servir que Damião alimentava havia tanto tempo encontrou assim um objetivo definido. Panfílio, sempre acolhedor, recebeu longas cartas do irmão, e os dois começaram a traçar planos para uma expedição conjunta aos Mares do Sul; mas, enquanto os sonhos não se concretizavam, Damião continuou a empenhar-se nos seus deveres de estudante. As longas horas de trabalho que passou curvado sobre os livros acabaram por cobrar o seu tributo: naquele mesmo verão, o jovem religioso encontrava-se no consultório de um oculista, tentando a duras penas soletrar as letras miúdas do cartaz usado para testar os pacientes, e a partir desse dia passou a olhar o mundo através de grossas lentes.

## O DESTINO (1863)

Já começavam a cair as primeiras neves do outono quando retornou a Lovaina para enfrentar as últimas matérias do quadriênio de teologia. Os dois irmãos voltaram a compartilhar o mesmo quarto e a freqüentar juntos as salas de aula da Uni-

versidade de Lovaina, uma instituição nobre e centenária, fundada no século XII com a finalidade de ensinar Medicina, Direito, Artes e especialmente Teologia. A circunstância de freqüentar uma das mais tradicionais e renomadas Universidades do mundo, em companhia de colegas brilhantes e professores famosos, parece ter despertado em Damião sentimentos de reverência e humildade, tanto mais que era consciente das suas dificuldades no campo intelectual. Certa vez, comentou com o irmão: "Quando assisto às aulas rodeado de tanta gente talentosa, sinto-me profundamente envergonhado".

Apesar disso, o ano que passou na Universidade parece ter sido um dos mais tranqüilos. Tremeloo dista poucos quilômetros de Lovaina, e os dois irmãos puderam com certa freqüência fazer rápidas visitas aos pais, o que constituía um verdadeiro acontecimento familiar. Nessas ocasiões, a sra. Veuster preparava grandes refeições e todos os parentes e vizinhos se reuniam sob o vasto céu de Flandres. Foi durante uma dessas visitas que Damião teve ocasião de exercer o seu primeiro trabalho missionário: o pai, como vimos, era um bom homem que cumpria com regularidade os seus deveres religiosos, assistindo à missa aos domingos e dias santos e recebendo os Sacramentos pela Páscoa e pelo Natal. Mas o rapaz pensava que se devia comungar pelo menos uma vez ao mês*, e empenhou-se em "converter" o velho lavrador que, depois de umas longas conversas, acabou por render-se aos argumentos do filho, primeiro com um sorriso divertido, mas depois com sincera convicção...

A primeira missa de Panfílio foi um feliz acontecimento para todos. Dez parentes, entre eles evidentemente os pais, foram a Lovaina para participar do grande evento. Damião ajudou o celebrante e a sra. Veuster chorou copiosamente ao ver o filho subir ao altar em companhia do irmão. Até o pai sentiu

---

(*) Na época, não era freqüente a prática da comunhão semanal ou diária, que se difundiu principalmente graças aos ensinamentos do papa São Pio X (N. do E.).

os olhos úmidos quando ressoaram as palavras solenes do ritual, pronunciadas por esses rapazes que ele vira crescer. "*Benedicamus Domino*, bendigamos o Senhor", entoou Panfílio no final, e, na simplicidade dos seus corações, os familiares devem ter vibrado em uníssono quando Damião respondeu: "*Deo gratias*, demos graças a Deus".

De um vitral da capela, uma imagem de São Francisco Xavier assistira à celebração; o santo missionário conhecia já de longa data os dois irmãos, que haviam recorrido muitas vezes à sua intercessão para que também eles pudessem em breve trabalhar e pregar nas terras de além-mar. E, pelos vistos, não se esqueceu deles, pois soube-se naquele verão que o bispo do Havaí pedira que lhe enviassem com urgência mais missionários. Quem seriam os felizardos? Circularam rumores entre os jovens clérigos, e Panfílio e Damião invocaram mais do que nunca o padroeiro da propagação da fé. Por fim, num dia quente de julho, teve-se notícia de que haviam sido escolhidos dez membros já ordenados da comunidade, entre eles Panfílio, que deviam preparar-se para embarcar em começos de outubro.

Como o desapontado Damião só havia recebido as ordens menores, disseram-lhe que teria de esperar pela ordenação sacerdotal antes de pensar sequer em partir. Para sua maior infelicidade, esse era o último contingente que seria enviado aos Mares do Sul por um bom tempo; no refeitório, cochichava-se que, na década seguinte, os missionários da Congregação partiriam para a América do Sul. O rapaz procurou valentemente esconder o seu desgosto por trás de um rosto sorridente pela boa sorte do seu irmão, mas o coração pesava-lhe. Convencera-se tanto de que o seu destino estava ligado àquelas ilhas distantes! E agora...

Fosse como fosse, ajudou alegremente o irmão nos preparativos para a viagem. Ambos sabiam muito bem que a separação seria provavelmente pelo resto das suas vidas, mas, com a reserva característica da família, nada comentaram sobre isso.

Chegou o outono e os preparativos aceleraram-se. As poucas caixas que o navio permitiria levar tiveram que dar de si, pois havia um sem-número de bagagens: rosários e quinquilharias para ganhar a confiança dos pequenos pagãos, roupas para o clima quente, medicamentos para as febres tropicais...

Mas Panfílio não teve de esperar pelo clima equatorial para saber o que eram as febres: uma epidemia de tifo, com todos os horrores e confusão de uma calamidade daquelas, varreu a cidade de Lovaina e não deixou escapar quase nenhuma família. Enquanto sacerdotes e médicos corriam de um lado para o outro, o ruído surdo das carroças funerárias sobre o pavimento desigual tornou-se parte do cotidiano da cidade. O recém-ordenado sacerdote teve de administrar a Unção dos Enfermos num ritmo esmagador, muitas vezes em ambientes de higiene precária, até que chegou o dia em que ele próprio sucumbiu. E foi Damião quem velou e rezou à sua cabeceira, observando o termômetro subir e baixar, até que passasse o perigo de morte.

Mas a febre debilitara muito o jovem sacerdote, e era de prever uma longa convalescença. Evidentemente, não estava em condições de partir com os outros. Quem o substituiria? Houve longas conversas ao pé da cama do enfermo e, mais uma vez, os dois irmãos montaram uma pequena tramóia para levar avante a "carreira" de Damião. Contrariando uma regra da Congregação, o rapaz escreveu diretamente ao superior geral, em Paris, pedindo-lhe em tom súplice e ardente que lhe permitisse tomar o lugar do seu irmão; esperava assim escapar à provável recusa do seu superior imediato, o pe. Wenceslau Vincke.

Seguiram-se longos dias de expectativa, de uma expectativa perturbada pela incerteza e pelos remorsos da transgressão deliberada à regra. Por fim, certo dia, à hora do café da manhã, o pe. Vincke entrou no refeitório. Lia-se-lhe no rosto uma certa severidade, e Damião, já nervoso, sentiu um frio no estômago quando o viu aproximar-se dele. O barulho dos pratos e talheres diminuiu respeitosamente:

– "É uma tolice que você queira partir antes de ordenar-se, mas terá o que deseja. Pode partir!"

Damião ouviu a voz gelada, mas não percebeu a desaprovação*. Tudo o que entendeu foi que a sua oração tinha sido ouvida.

– *"Pode partir!"*

O coração cantava-lhe no peito e ele deu graças a Deus.

---

(*) Embora plenamente justificada, a irritação do superior não demorou a apaziguar-se. Num relatório enviado a Paris pouco depois, o pe. Vincke comentaria a respeito de Damião: "Desde o começo, observou as regras com tal cuidado que o olhar mais vigilante nunca pôde encontrar nele nada que merecesse censura". Ao atropelar a obediência – que, para um religioso, é o verdadeiro modo de saber qual é a Vontade de Deus –, Damião cometeu objetivamente um erro. Mas Deus pode valer-se até das falhas das suas criaturas – se partem de um reto desejo de servi-lo ou são retificadas posteriormente pela penitência e, se for o caso, pela confissão – para extrair delas um bem (N. do A.).

# DAMIÃO, O SACERDOTE

## O MAR (1864)

O ar estava repleto de sons estranhos: o áspero ranger da talha a levantar uma carga, o rechinar de pesadas correntes, os gritos agudos das gaivotas a sobrevoar a arrebentação. E havia também odores igualmente desconhecidos, cheiros de navio: alcatrão e tinta fresca em espaços confinados, o ranço dos porões de carga, o odor pungente da carne de porco e de boi em salmoura que se exalava das barricas amarradas ao passadiço.

Era o começo da tarde. Damião, sentado num beliche estreito e pouco confortável, escrevia uma carta a Tremeloo. Orgulhosamente, traçou em grandes letras o nome do porto: Bremerhaven.

> "Hoje jantamos pela primeira vez com o capitão, que nos recebeu muito afavelmente. O tratamento é muito bom e não nos falta nada. Cinco bons padres de Paris cuidam de nós da melhor maneira possível. Tenho a impressão de que levamos roupa pelo menos para uns três anos. As nossas cabines são pequeninas, com beliches de dois leitos em cada uma. A vida a bordo deve transcorrer como no convento, e guardaremos a mesma regra que em Lovaina. Poderemos dedicar as primeiras horas do dia à oração, ao estudo e ao recreio no salão que nos serve de refeitório e que usamos para tudo o mais que fazemos.
>
> "Esperamos partir no sábado ao meio-dia, confiados à Providência e à direção de um capitão bastante experiente, que

> tem feito esta viagem anualmente nos últimos sete ou oito anos. O seu nome é Geerken. Embora seja protestante, tem sido muito gentil conosco e sempre nos acompanha ao jantar. Há apenas mais um passageiro além de nós [...].
>
> "Não se preocupem nem um pouco conosco. Estamos nas mãos de Deus, do Deus Todo-Poderoso, que nos tomou sob a sua proteção. Tudo o que lhes peço é que rezem para fazermos boa viagem e termos coragem para cumprir os nossos deveres em toda a parte e a todo o momento. Esta é a nossa vida!
>
> "Adeus, queridos pais. Não teremos mais a felicidade de ver-nos, mas estaremos sempre juntos pelo amor que nos une. Lembremo-nos especialmente uns dos outros nas nossas orações, e unamo-nos aos Sagrados Corações de Jesus e Maria, nos quais permaneço para sempre seu afetuoso filho,
>
> "*Padre* Damião".

Assinou a carta floreando especialmente o "padre", pois ainda era muito jovem para não sentir esse orgulho bem humano dos títulos a que a sua vocação lhe dava direito. Naquela época, os membros da ordem podiam chamar-se "padre" mesmo antes da ordenação. Damião selou a carta e desceu desajeitadamente do beliche. Teve de fazê-lo com muito cuidado, pois não havia muito espaço na minúscula cabine que seria o seu lar nos próximos cinco meses. Pôs o chapéu baixo de abas largas e dirigiu-se ao convés, onde presenciou uma cena que, aos seus olhos de homem de terra, lhe pareceu de uma incrível desordem.

A ampla coberta do atarracado navio mercante formigava com a atividade característica dos últimos dias antes da partida. Marinheiros nem sempre perfeitamente sóbrios subiam e desciam pelo cordame sob a chuvarada de ordens dos oficiais já enrouquecidos. Filas intermináveis de estivadores com volumes às costas cruzavam as altas amuradas. Por cima do alarido geral, ouvia-se o martelar incessante dos carpinteiros e os berros aflitos das provisões vivas – alguns porcos e uma vaca, engaiolados no castelo de proa. Damião olhava fascinado a teia de cabos e vergas que quase escondia o céu, maravilhado com o vasto

conhecimento que se requeria para controlar aquele imenso mecanismo de madeira e cânhamo, criado pelos homens e impulsionado pelos ventos.

– "Fique de lado!"

Um marujo empurrou-o sem-cerimoniosamente do lugar onde estava, enquanto um grosso rolo de corda despencava lá do alto.

– "Bom dia, padre".

O capitão, um alemão de rosto largo, com os modos diretos de um marinheiro e os ombros de um boi, pilotou-o bem-humoradamente para regiões mais seguras na coberta da popa.

– *"Bonjour, père Damien".*

Um grupo de freiras passou na mesma direção, também em busca de um lugar seguro. Eram companheiras de viagem, que iam fundar em Honolulu um colégio das Damas dos Sagrados Corações.

Damião encontrou os seus companheiros entre a amurada da popa e a roda do leme. Todos aparentavam a melhor das disposições. Nenhum deles tinha estado antes a bordo de um navio e a perspectiva de uma viagem ao mesmo tempo longa e perigosa despertava-lhes o espírito de aventura; trocaram palavras brincalhonas uns com os outros, enquanto discutiam sobre os horrores do enjôo em alto mar. Mas as tripulações dos navios vizinhos, ao ouvirem as risadas clericais, fechavam a cara e murmuravam profecias lúgubres, pois, segundo uma velha superstição do mar, o riso de um padre traz desgraça ao navio.

Por fim, no sábado, ergueu-se o vento que devia levá-los ao outro lado do mundo. Era uma fria manhã de novembro e uma fina névoa esbatia as silhuetas da gente que se movimentava no cais. Soltaram-se as amarras e as bandeiras começaram a ondular ao som rouco das cantigas de marinheiros. Os missionários acotovelaram-se junto da amurada posterior para acenar o último adeus, e um brigue espanhol que entrava

no porto, à vista de tantas batinas, abaixou a bandeira em respeitosa saudação. Quando o barco se encontrou em mar aberto, o rebocador, que parecia moer furiosamente a água com as suas rodas de pás laterais, soltou as amarras e o navio se viu livre.

Damião estremeceu ao sentir as tábuas do convés arfarem sob os seus pés com o movimento das ondas. Rumo ao mar alto!: se estas palavras são uma expressão mágica até para o mais empedernido dos marinheiros, quanto mais não soariam assim para aqueles jovens missionários?

O navio parecia ganhar vida à medida que as velas se desprendiam uma após outra das vergas e se desdobravam e enfunavam com o vento. O tombadilho foi posto em ordem, fecharam-se as escotilhas com estrondo e as cordas foram cuidadosamente enroladas, até que por fim o lema gravado na bitácula adquiriu o seu sentido: "Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar". E quando o sol conseguiu atravessar a névoa, o navio adquiriu subitamente uma beleza inesperada com o brilho dos seus vernizes e dos seus bronzes, enquanto ganhava velocidade e cortava as ondas. Borrifos salgados começaram a umedecer o castelo de proa. A larga esteira traçada pelo casco foi-se estreitando na lonjura. Pouco a pouco, a terra desapareceu por trás da linha do horizonte e o rebocador lançou com o seu apito melancólico a última saudação da Europa aos viajantes. Começara a travessia.

Seguindo o conselho do capitão Geerken, que pareceu simpatizar com ele desde o início, Damião começou a dar longos passeios pelo convés, procurando firmar as pernas. A maior parte dos seus companheiros, enjoados, recolhiam-se às cabines; ele seria o único do grupo a sofrer muito pouco desse incômodo. Olhava fixamente para a linha que dividia o céu e o mar e que durante cinco meses pareceria não aproximar-se nunca. Que destino lhe teria preparado o Senhor, para além daquele fugidio horizonte? Fosse o que fosse, o jovem rezava para estar à altura das exigências divinas.

Acostumou-se facilmente à vida em alto mar, pois a disci-

plinada rotina que se vivia a bordo não diferia muito da do convento. Naquela época, as travessias eram longas, mas ninguém parecia importar-se com isso: "Mais dias, mais dólares", cantarolavam os marinheiros. O navio formava um mundo à parte; os toques da sineta dividiam o tempo, e cada um se ocupava em cumprir os seus afazeres. Damião gostava especialmente da paz das vigílias noturnas: os gajeiros, mudos e alertas, destacando-se contra o céu estrelado; a face imóvel do timoneiro à luz fantasmagórica da bitácula; as passadas regulares do contramestre... Era dessas coisas que gostava, e tudo isso lhe parecia a situação ideal: essas longas horas tranqüilas em que os homens trabalham calados e só abrem a boca quando necessário.

Não demorou a sentir pelos tripulantes uma curiosa camaradagem, e eles, por sua vez, correspondiam-lhe tratando-o com um respeito que não se devia apenas ao traje talar. As alturas não lhe infundiam medo nenhum: quando havia trabalho a fazer no topo de algum mastro, não era raro vê-lo subir pelo cordame oscilante junto com os marinheiros, de batina enrolada na cintura. Assim veio a conhecer o prazer de lutar com uma vela rebelde, sacudida por rajadas de vento, e a alegria embriagante de descansar na verga real, muito acima do convés e das próprias velas, sob o fulgir generoso do sol da manhã.

Além dos tempos de oração e de um horário de estudo bem organizado, os jovens religiosos tinham recebido algumas outras incumbências. Damião fora nomeado sacristão pela duração da viagem, e cabia-lhe preparar os paramentos para as missas, cuidar dos vasos sagrados e armar e desarmar o altar portátil sempre que se celebrasse o Santo Sacrifício, o que evidentemente ocorria todos os dias e não deixava de ter as suas complicações quando o mar estava agitado. No meio da viagem, esgotou-se a provisão de hóstias, mas Damião não se perturbou: sempre inventivo, pôs-se a fabricar hóstias com a ajuda do camareiro, e, depois de algumas tentativas e de estragar muita farinha, conseguiu produzir uma fornada aceitável.

Embora ainda não fosse sacerdote e, por isso, não estivesse

obrigado a rezar a liturgia das horas*, também passou a fazê-lo diariamente. Desde essa época, o breviário constituiu para ele um verdadeiro tesouro; no seu entender, continha tudo o que era necessário para inspirar a fé: passagens das vidas dos santos, orações e salmos, trechos comoventes extraídos tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Enquanto o navio avançava rumo ao Sul, fugindo do inverno para latitudes mais quentes, o capitão Geerken passeava pelo convés e conversava sobre religião com o seu jovem amigo. Nessas ocasiões, Damião sentia queimarem-se-lhe as entranhas de ardor missionário e farejava um possível converso. O velho e empedernido protestante divertia-se com as zelosas tentativas do missionário e até manifestava um interesse genuíno, embora sempre se mantivesse evasivo.

Chegou a fase das calmarias tropicais. O navio avançava morosamente, com as velas pensas, enquanto o alcatrão fervia ao sol nas juntas do tombadilho. O capitão passava solenemente entre os missionários o seu telescópio – com um fio de crina de cavalo esticado sobre a lente – para que pudessem "ver a linha do Equador". O deus pagão Netuno, na pessoa do contramestre, subiu a bordo com a sua ruidosa corte e, depois dos banhos e brincadeiras de costume, exigiu dos passageiros o imposto tradicional: duas garrafas de vinho, que os jovens religiosos lhe entregaram de bom humor. Em baixo, no calor sufocante das suas cabines, as freiras deixavam pacientemente passar as horas: a farta exibição de pernas cabeludas e tatuagens chamejantes não aconselhava a sua presença no convés.

O vento voltou afinal e o navio pôde continuar viagem rumo ao Sul. À medida que se aproximava do Estreito de Magalhães, as ondas tornavam-se mais agitadas e o ar mais frio, as brisas convertiam-se em tormentas e o escarmentado capitão

(*) A *liturgia das horas* ou *ofício divino* é uma das formas da oração pública, litúrgica, da Igreja. Devia e deve ser rezada diariamente pelos sacerdotes e religiosos, e divide-se em "horas". O conjunto das "horas", que varia ao longo do ciclo litúrgico anual, estava compendiado no *Breviário romano*, hoje *Liturgia das horas* (N. do E.).

mandou recolher as velas. Cresciam as latitudes e subitamente um inverno abrupto e gelado os envolveu. As ondas já não dançavam mansamente: eram agora montanhas ameaçadoras, cujas cristas o navio escalava muito a custo para, logo em seguida, se precipitar nos vales entre elas, a ponto de obrigar os dois timoneiros a amarrar-se à roda do leme.

Embrulhado em lona impermeável, Geerken apontava em vão o seu sextante para as pálidas aberturas que vislumbrava entre as nuvens fustigadas pelo vento transformado em furacão. A situação era preocupante, pois navegavam às cegas em águas eriçadas de recifes; mesmo em condições normais, o Cabo Horn goza de péssima fama entre os marinheiros, e desta vez, apesar da sua experiência, o capitão teve de reconhecer que nunca enfrentara condições piores. O navio gemia terrivelmente sob as avalanches de água que se lançavam sobre o convés com a força de cataratas; vindas de todas as direções, as ondas pareciam furiosamente empenhadas em afundá-lo, arrastando equipamentos e ferindo os marinheiros. Como o tempo não dava o menor sinal de melhora, a tripulação começou a desesperar.

Entretanto, os missionários, reunidos no oscilante e úmido salão do navio, já tinham começado a apelar para uma instância superior, dando início a uma novena. E foi precisamente no nono dia, a 2 de fevereiro de 1864, que, sob o olhar atônito dos marinheiros, o vento amainou e o capitão pôde anunciar que o perigo havia passado.

Estavam agora em águas do Pacífico e rumavam para noroeste. A vida a bordo voltou aos poucos à normalidade e Damião pôde enfim retomar a carta que começara a escrever ao irmão e na qual repetiu o clássico trocadilho de que o Pacífico não era assim tão pacífico. O sol esquentou, abriram-se as escotilhas, as roupas secaram e voltaram a ouvir-se canções durante as vigílias noturnas. As noites eram agora muito amenas e as estrelas pareciam estar ao alcance da mão. Cruzaram de novo o Equador e as freiras tiveram mais uma vez de voltar

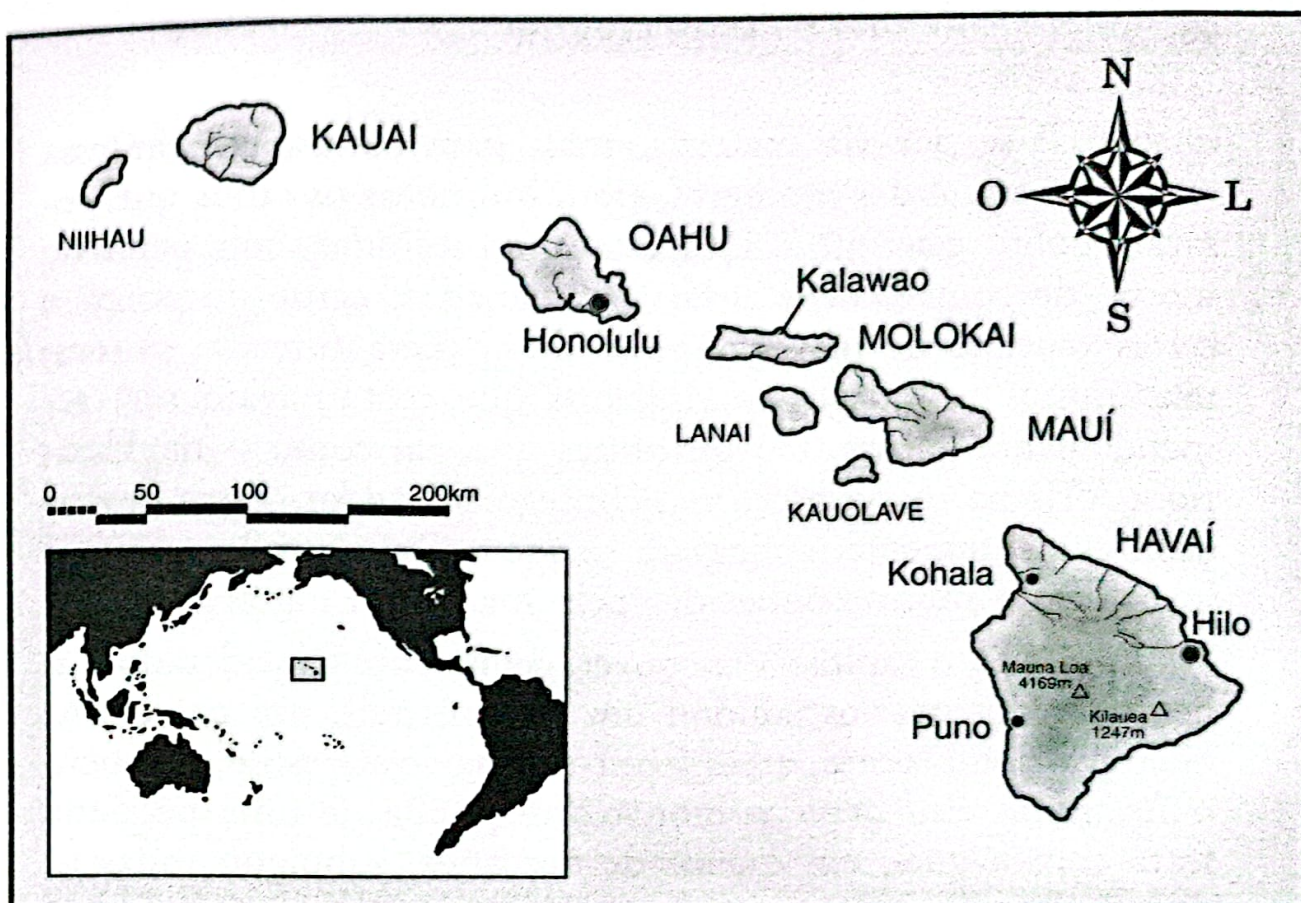
discretamente os olhos para o mar, a fim de não presenciarem o espetáculo oferecido pelos torsos bronzeados dos marinheiros.

O navio avançava e o sol continuava a dar o ar da sua graça. Os missionários liam os seus breviários caminhando pelo convés, acostumados já aos botos e peixes voadores que cintilavam sobre as ondas. Estavam embarcados havia cinco meses e sentiam por fim pesar-lhes o cansaço da viagem. Até que um dia, ao som de "vivas", começaram a divisar sobre a linha do horizonte a silhueta de uma montanha e, à medida que o barco se aproximava, as suas encostas verdes e incrivelmente belas.

Aos olhos cansados do mar, aquilo parecia uma ilha encantada. Era o fim da viagem: 18 de março de 1864.

## HAVAÍ (1864)

O arquipélago do Havaí, composto por doze ilhas de origem vulcânica, das quais apenas oito são habitadas, encontra-se a quase três mil quilômetros da América do Norte e a cerca de cinco mil do Japão. Foi descoberto pelos europeus em 1778, quando o capitão Cook ali desembarcou, no meio de grandes manifestações de hospitalidade por parte dos nativos, que julgaram ver nele uma espécie de divindade. A impressão que lhes causou foi tão duradoura que, mesmo depois de o terem assassinado e devorado, no ano seguinte, continuaram a venerá-lo e guardaram os seus ossos e outras relíquias nos templos, tratando-os com grande reverência. Há também quem sustente que essas ilhas já eram conhecidas mais de duzentos anos antes, pois um navegante espanhol ali teria aportado em 1555; com efeito, já as cartas marítimas inglesas do século XVII registram corretamente a sua existência. Cook batizou-as com o nome do seu mecenas, o conde de Sandwich, e foi sob o nome de "Ilhas Sandwich" que passaram a constar dos mapas marítimos até data relativamente recente.

Os nativos, conhecidos por *kanakas*, são de raça malaio-

*O arquipélago do Havaí.*

-polinésia. Pensa-se que tenham colonizado o arquipélago por volta do século X, vindos de Samoa e, anteriormente, do Taiti e das ilhas Marquesas; mas, na verdade, pouco se sabe da sua história, e esse pouco baseia-se exclusivamente em tradições locais mais ou menos lendárias. Há fortes laços lingüísticos que os ligam aos habitantes das Marquesas e aos maoris da Nova Zelândia.

À época da chegada de Cook, o arquipélago estava dividido em três reinos independentes. Apesar de constituírem um povo de boa índole e de possuírem um certo grau de civilização – por exemplo, trabalhavam a terra e tinham um sistema de irrigação tecnicamente avançado –, conservavam alguns costumes bárbaros: embora os seus defensores modernos o neguem, praticavam o canibalismo como elemento de certos ritos religiosos, e além disso eram polígamos e poliândricos. A descendência

estabelecia-se por via materna, mas, para contrabalançar essa vantagem social das mulheres, eram inúmeros os tabus que pesavam sobre elas: até 1810, estavam proibidas, sob pena de morte, de comer coco, tartarugas, bananas, carne de porco e certas espécies de peixes. Apesar dessa dieta forçada, porém, relatam-nos os antigos marinheiros que costumavam ser tremendamente gordas, tão disformes que, tal como o rei Henrique VIII na sua velhice, mal conseguiam andar. Essas descrições, evidentemente, aplicavam-se apenas às matronas, pois as jovens eram muito conhecidas pela sua beleza e graça.

Em 1792, o capitão Vancouver, geralmente considerado um benfeitor dos nativos, ajudou um dos três reis, um chefe ambicioso e competente, a construir um navio de estilo europeu, o *Britannia*. Em breve o monarca dispunha de uma pequena frota com a qual, em menos de dez anos, subjugou todas as demais ilhas, fazendo-se proclamar Kamehameha I, rei do Havaí e fundador de uma infeliz dinastia. Com a sua morte, terminou o sistema de tabus: em 1820, o seu sucessor, vestido com trajes simples – somente meias de seda e chapéu à Napoleão –, dava as boas-vindas a um grupo de missionários vindos de Boston.

Até essa altura, à exceção do mencionado Vancouver, o mundo exterior pouco havia contribuído para a cultura havaiana, a não ser sob a forma de rum, armas de fogo e as tradicionais manifestações de devassidão e vício: os capitães dessa época proclamavam com arrogância que, "a oeste do cabo Horn, não existem nem as leis de Deus nem as dos homens". Com a chegada dos missionários da Nova Inglaterra, porém, as ilhas passaram a adotar com uma rapidez admirável os métodos europeus de administração e governo e, depois de alguns "incidentes", as grandes potências tiveram de reconhecer a existência do reino independente do Havaí. A situação permaneceria assim até 1893, data em que se derrubaria a monarquia e se estabeleceria um governo provisório, ao qual sucederia, um ano mais tarde, uma república de fachada, seguida da inevitável anexação pelos Estados Unidos em 1895.

Infelizmente, tal como no caso de tantas nações muito maiores e mais antigas, este esboço histórico não estaria completo se não mencionássemos alguns episódios de intolerância religiosa. Sete anos depois dos protestantes, desembarcaram também os missionários católicos, prontamente banidos em 1831 sem qualquer motivo. Mas já em 1836 os sacerdotes retornaram, cheios de coragem e esperança, e nos dois anos seguintes passaram por todo o tipo de dificuldades, chegando a correr risco de vida.

Um dia, porém, a fragata francesa *Artemise* entrou na baía de Honolulu. Desde Cook até o almirante japonês Togo, os oficiais da marinha de todas as nações haviam tido os seus atritos com o governo local, e o capitão dessa fragata, um fanfarrão chamado Laplace, não seria uma exceção à regra. Tomado de simpatia pelos missionários, franceses como ele, hasteou uma tricolor excepcionalmente grande, enfeitou o navio como se se tratasse de uma festa de gala e... assestou os canhões sobre a cidade, ameaçando reduzi-la a pó se Sua Majestade Kamehameha III se recusasse a assinar um tratado comprometendo-se a deixar de perseguir os católicos e a dar-lhes o mesmo tratamento que aos protestantes.

Curiosamente, este ato de "diplomacia da pólvora" teve excelentes resultados. Poucos anos depois, o catolicismo estava firmemente estabelecido e as ilhas puderam tornar-se sede de um vicariato apostólico*. Por ocasião da chegada de Damião, o titular dessa sé era mons. Maigret, que se apressou a correr até o porto logo que soube da chegada do navio.

Mas o capitão Geerken não quisera entrar na baía durante a escuridão da noite e havia ancorado o navio na barra. Enquanto esperavam, os passageiros, por demais ansiosos para conciliar o sono, passaram a noite em claro, respirando a brisa aromatizada pela doce fragrância das flores tropicais e obser-

---

(*) Regime previsto para regiões de missão, onde muitas vezes não há fiéis nem clero suficientes para constituir uma diocese (N. do E.).

vando com a imaginação acesa as luzes da cidade. Quando chegou a aurora, os inéditos esplendores que a claridade agora lhes mostrava de perto não fizeram mais do que inflamar-lhes a curiosidade.

O navio balançava suavemente sobre as ondas com as velas enroladas. Os marujos, pendurados no cordame, divertiam-se com historietas inverossímeis sobre a hospitalidade dos kanakas, enquanto os missionários conversavam no convés, junto à amurada, à espera de que chegasse a lancha oficial com as autoridades portuárias. Com ela chegaram também outros barcos, dúzias de canoas tripuladas por nativos de pele dourada que não se pareciam muito com os selvagens ariscos que Damião mais ou menos esperava ver; pelo contrário, davam a impressão de serem extremamente delicados e amistosos, pois gritavam saudações de boas-vindas e acenavam com grinaldas de flores.

A chegada de um navio sempre foi um acontecimento para os havaianos, e ainda hoje, apesar da intensa movimentação nas águas de Honolulu, os navios de passageiros são recebidos com as cerimônias de costume. Não nos custa imaginar, portanto, o espetáculo que ofereceu a chegada do veleiro de Bremerhaven; confusos, os missionários viram literalmente chover sobre eles uma nuvem de presentes trazidos a bordo: enormes cachos de bananas, abacaxis dourados e outras frutas e flores exóticas cujos nomes desconheciam.

O convés transformou-se mais uma vez numa enorme balbúrdia quando se desenrolaram os cabos de atracação e se fizeram os preparativos para aportar. Um rebocador veio puxá-los e um piloto de terra passou a orientar o timoneiro. A despeito dessas precauções, o desconfiado capitão germânico manteve os seus homens lançando sondas a estibordo e bombordo, e as suas vozes, gritando no jargão do mar a profundidade da água, não demoraram a sobrepor-se ao burburinho dos nativos que, a essas alturas, se movimentavam pelo tombadilho às centenas. Quando o navio entrou no canal escavado no recife, bandos de meninos se lançaram dos bancos de coral ao mar, como

cardumes de golfinhos dourados, aumentando com os seus gritos agudos a confusão geral.

O capitão, que andava de lá para cá no convés da popa, percebeu Damião inclinado sobre a amurada, observando fascinado as brincadeiras dos nadadores. Parou por um instante ao seu lado e comentou-lhe que a população nativa não chegava aos cinqüenta mil habitantes, ao passo que no tempo do capitão Cook tinha sido calculada em mais de quatrocentos mil; essa dramática redução, ocorrida em menos de noventa anos – pouco mais que a duração de uma vida –, fora causada pelo tríplice flagelo da tuberculose, da sífilis e da lepra, doenças desconhecidas antes da chegada do homem branco. Damião jamais esqueceria essas desoladoras palavras do marinheiro, que lhe ataram às costas um pesado fardo de vergonha e culpa. Não sabia ainda que um dia, levando ao limite as forças humanas, viria a contribuir pessoalmente para expiar esse crime.

Por volta das oito horas, o navio estava finalmente atracado. Os recém-chegados puderam beijar o anel do vigário apostólico e despediram-se do comandante e da tripulação. A seguir, foram escoltados até o cais, onde despertaram muitas risadas com o seu precário equilíbrio, pois os pés e as pernas habituados ao balanço do navio pareciam achar que a terra firme é que ondulava. Até no andar das freiras, que procuravam caminhar pausadamente, se notava um leve balancear...

Foram conduzidos à catedral por umas ruas estreitas, muito diferentes daquelas a que estavam acostumados – estreitas, serpenteantes, sombreadas por árvores enormes –, que se ramificavam em todas as direções. Depois do deserto do mar, os seus olhos bebiam avidamente a profusão de cores e a riqueza das folhagens tropicais: eram miríades de tons de verde, do mais pálido ao mais escuro, como ainda hoje se vêem por toda a parte em Honolulu; verdes sobre verdes, pontilhados pelo vermelho vivo dos hibiscos, pelas longas cascatas amarelas da cássia imperial, pelo branco e rosa aveludado dos frangipanis.

Damião jamais havia visto essas plantas, mas as pessoas que

observava pelas ruas não lhe pareceram menos estranhas: moleques kanakas descalços e seminus; matronas envoltas nos longos vestidos introduzidos pelos missionários protestantes; o rosto mongólico dos imigrantes chineses, ainda de rabicho e saiote; os vistosos quimonos bordados das japonesas; uns pescadores de pele requeimada, carregando a pesca matinal em fieiras iridescentes presas à ponta de uns bambus; marinheiros ingleses de bochechas vermelhas e casacos azuis; e os queixos pronunciados dos comerciantes ianques nas suas camisas engomadas...

Como um caleidoscópio de novas maravilhas, a cena mudava continuamente diante dos olhos estupefatos dos missionários. Quando por fim chegaram à catedral, a súbita semi-obscuridade do interior pareceu trazê-los do sonho à realidade. Nessa terra estrangeira, onde tudo parecia diferente, puderam experimentar agradecidos a sensação de quem se encontra de novo em casa: porque toda a igreja católica, quer se trate de uma imensa catedral, rica em séculos de história e tradição, ou simplesmente de uma pequenina capela, é sempre a mesma em toda a parte.

## A ORDENAÇÃO (21 de maio de 1864)

Mons. Maigret não demorou a dar-se conta de que o jovem belga estava preparado para receber a ordenação de presbítero. Dois meses depois da sua chegada, no Domingo de Pentecostes de 1864, Damião recebeu, pois, a imposição das mãos do seu bispo, juntamente com dois companheiros de viagem.

Tornava-se assim, para sempre, um *sacerdote*, herdeiro das tradições e do poder dos Apóstolos, apto a oferecer o Sacrifício eucarístico em nome da Igreja e de administrar os sacramentos, investido da responsabilidade de pregar a palavra de Deus e, sob a jurisdição do seu Bispo, do tremendo poder de ouvir os fiéis em confissão e de *ligar ou desligar* as almas dos seus pecados. Recebera aquela graça que, nas palavras de São Gregório

Niceno, "eleva e honra aquele que, pelo Sacramento da Ordem, foi escolhido dentre a multidão. Aquele que ainda ontem era mais um entre o povo torna-se subitamente um guia, um chefe, um mestre da virtude e um dispensador dos mistérios ocultos".

Plenamente consciente da dignidade e dos deveres do seu novo ofício, Damião celebrou a sua primeira missa no dia seguinte à ordenação. Semelhante ocasião é um acontecimento na vida de todo o novo sacerdote, e não nos custa imaginar a alegria que invadiu a alma do jovem flamengo quando se aproximou do altar, naquela manhã. Iria renovar o Sacrifício instaurado por Cristo na Santa Ceia e predito por Malaquias, o último dos Profetas. A catedral estava repleta. Todos os olhos estavam voltados para ele, olhos de homens e mulheres que não muito tempo atrás assistiam aos ritos pagãos diante de uns ídolos de pedra, e que agora acompanhavam cada movimento desse jovem de outra raça, mas ligado a eles pela fé comum.

*In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti*, "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Damião traçou lentamente o sinal da cruz e pronunciou as palavras que havia tanto tempo desejava dizer: *Introibo ad altare Dei*, "Subirei ao altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude"*: com que orgulho e sinceridade o jovem sacerdote fez essa declaração litúrgica! Depois, concentrado, prosseguiu a celebração: preparou o Sacrifício que é um só com o Sacrifício da Cruz, consagrou as sagradas espécies e, por último, administrou a Sagrada Eucaristia a uma centena de fiéis de pele escura.

Com uma complacência que lhe perdoaremos facilmente, escreveu pouco depois a Panfílio: "Lembre-se dos sentimentos que você mesmo experimentou no dia em que teve a felicidade de subir pela primeira vez ao altar. Os meus foram os mesmos, com esta diferença: você estava rodeado de amigos e irmãos de religião, ao passo que eu estava rodeado de crianças e recém-

---

(*) Palavras da oração preparatória com que se iniciava a celebração da missa, antes da reforma promovida pelo Concílio Vaticano II (N. do E.).

-convertidos, que tinham vindo de todas as partes para ver o seu novo pai espiritual [...]. Como foram fortes as emoções que tomaram conta de mim quando distribuí pela primeira vez o Pão da Vida a uma centena de pessoas, muitas das quais talvez tivessem outrora dobrado os joelhos diante dos deuses ancestrais"...

Não teve de esperar muito para receber o seu primeiro trabalho pastoral. Uns dias depois da primeira missa, mons. Maigret informou-o de que deveria assumir a paróquia situada no distrito de Puno, na maior e mais ocidental das ilhas do arquipélago. Mais uns dias, e Damião embarcou num pequeno vapor que fazia a ligação entre as ilhas, voltando a sentir o balanço do mar sob os seus pés; novamente um navio servia de prelúdio ao Desconhecido, embora desta vez a viagem fosse curta.

Embarcaram também o pe. Clément, que se ordenara com ele e tinha aproximadamente a mesma idade, e mons. Maigret, que desejava conduzir os seus sacerdotes às respectivas paróquias. O bispo, tal como o seu antecessor Alexis Bachelot, era um desses missionários pioneiros que deixam rasto na história da Igreja e cuja coragem só é igualada pelo seu sólido bom senso. Era verdadeiramente um pastor que ia à frente do seu rebanho e conhecia a fundo cada recanto do seu extenso e difícil vicariato. A sua rotina cotidiana constituía uma verdadeira saga de aventuras: gastava a vida percorrendo o seu imenso território a bordo de minúsculas escunas ou em canoas balouçantes conduzidas por dois nativos, e arriscando-a uma e outra vez em desembarques impossíveis, entre ondas, rochedos e praias batidas pelo vento. Em todas as ilhas, não havia quem não conhecesse a sua faixa púrpura e não beijasse o seu anel episcopal, fosse católico, cacique pagão ou capitão protestante, pois embora o prelado não buscasse quaisquer homenagens, o seu comportamento granjeava-lhe espontaneamente o respeito e o afeto de todo o mundo.

Era natural, pois, que entre ele e Damião surgissem senti-

mentos de mútua admiração: ambos tinham o mesmo gosto pelo trabalho duro e o mesmo pendor para a ação silenciosa. Mons. Maigret pôde observar o seu jovem sacerdote mais de perto durante essa curta viagem e depois continuou a interessar-se especialmente por ele durante os primeiros anos em que exerceu o ministério pastoral. O resultado dessa longa observação foi uma profunda amizade e entendimento entre o superior e o subordinado, que daria frutos saborosos durante os anos de Molokai.

*Molokai:* pela primeira vez, da amurada do navio, Damião avistou as praias dessa ilha cujo sombrio nome estaria tão intimamente ligado ao seu próprio destino. Os enormes precipícios e picos denteados que tinha diante de si não lhe devem ter atraído a atenção tanto como a vida tumultuosa que o cercava no convés. Com efeito, a bordo dos barcos que fazem o trajeto entre as ilhas, não há necessidade de espraiar o olhar à procura de distrações no cenário distante, pois o que não falta é o elemento pitoresco nessas pequenas embarcações superpovoadas que mais parecem uma aldeia flutuante. O convés transforma-se numa feira em que a multidão barulhenta se acotovela, espalhando por toda a parte as mercadorias compradas em Honolulu. Reina uma alegria contagiante, dedilham-se violões, os jovens dançam e riem muito quando um movimento inesperado do navio os derruba; os homens discutem, as crianças correm e as velhas contam mexericos umas às outras; seja qual for a idade ou o sexo, todos se adornam como noivas, com colares de flores perfumadas. As esteiras sobre as quais dormem estão estendidas por toda a parte e os infelizes que sofrem de enjôo jazem apaticamente em longas fileiras, com a cabeça apoiada sobre as grandes trouxas embrulhadas em panos de cores berrantes que compõem a sua bagagem.

Os olhos ávidos do jovem sacerdote mergulhavam no estranho espetáculo que tinham diante de si, enquanto o bispo, acostumado à cena, lhe contava episódios dos anos anteriores. Não demorou a aparecer-lhes a ilha de Mauí, linda e verdejante;

lançaram âncoras diante de uma praia branca de areia de coral, num cenário que parecia encarnar tudo o que a fantasia espera das "ilhas dos Mares do Sul". Uma aldeia minúscula aninhava-se languidamente à sombra de árvores centenárias, e os recém-chegados missionários ficaram com a impressão de que a vida devia ser muito fácil para esses nativos que nadavam ou remavam ao seu encontro.

O solo da ilha era e é extremamente fértil; havia frutas em abundância e as águas transparentes fervilhavam de peixes em quantidades extraordinárias. Nesse quase-paraíso, os kanakas haviam aderido docilmente à doutrina cristã e a construção da igreja terminara havia pouco. Os três padres locais foram de canoa até o navio para cumprimentar o bispo e os colegas e anunciar-lhes que os esperava em terra uma recepção festivamente preparada pelos habitantes.

Foi nessa altura que Damião experimentou pela primeira vez a comida nativa: carne de porco assada sobre pedras quentes; *poi*, o prato havaiano por excelência, um mingau de araruta servido em calabaças especiais; coco verde fresco, camarões enormes e peixes suculentos, cozidos em folha de pândano. Houve longos discursos, porque o havaiano, não menos que o seu irmão branco, aprecia a oratória nos banquetes, e as moças da aldeia executaram a dança de boas-vindas, bastante decorosa apesar dos rodopiantes saiotes de palha. Terminado o almoço, acenderam-se os cachimbos e, enquanto a fumaça subia em longas volutas, os sacerdotes sentaram-se em torno do seu bispo para recordar, com a paz que nessas ocasiões desce sobre os homens, as pátrias distantes que nenhum deles esperava tornar a ver.

De manhã cedo, Damião celebrou a missa na nova igreja. Assim que se desparamentou, ouviu o peremptório apito do navio que o chamava para bordo: uma pena, pois tinha gostado da quietude dessa aldeia que, de certo modo, lhe lembrava Tremeloo. Os nativos acompanharam os sacerdotes de volta ao navio e penduraram-lhes ao pescoço os *leis* de flores ver-

melhas e brancas, enquanto entoavam canções de despedida. Damião, que começava a impacientar-se com essas demonstrações de afeto, estava a ponto de tirar as grinaldas que punham uma nota tão alegre na sua batina quando o bispo, que conhecia bem os seus filhos, lhe indicou que as deixasse ficar. Logo se encontraram de novo em mar aberto, mas por breve tempo.

## PUNO (1864-1865)

As poucas horas passadas em Mauí foram a única experiência que Damião teve dos nativos antes de tomar contacto com o seu próprio distrito de missão, em Puno, no meio dos vulcões da ilha de Havaí. Não demorou a descobrir que seria o único homem branco naquelas paragens, mas isso não o abateu:

> "Lamento não ser nem poeta nem escritor para lhes enviar uma descrição adequada da minha nova pátria [...]. O clima é excelente, de modo que os estrangeiros se adaptam rapidamente e, em geral, gozam de mais saúde aqui do que nos seus países de origem. O arquipélago está composto de oito ilhas, quatro grandes e quatro pequenas. A de Havaí, à qual fui enviado, é maior do que todas as outras juntas. Tem a mesma área que a Bélgica, se não maior. No centro da ilha há três vulcões, dois dos quais parecem extintos. O terceiro continua em atividade e foi nas suas vizinhanças que a Providência me colocou.
>
> "Para ir de uma extremidade à outra do meu distrito, tenho de atravessar trechos de lava solidificada [...]. Penso que levaria uns três dias para percorrê-lo de ponta a ponta. Pequenas aldeias se espalham em todas as direções, e nos últimos sete ou oito anos não tiveram nenhum sacerdote permanente. Antes de partir, o bispo disse-me que não devia esquecer que a missão está nos começos. Com efeito, não vim a encontrar aqui nenhuma igreja onde pudesse celebrar a missa, mas agora já há duas em construção"...

Com essa frase sucinta, Damião encobria longos meses de duro trabalho pessoal sob um sol escaldante, pois ele próprio seria o arquiteto, o engenheiro, o carpinteiro e até o pedreiro das duas igrejas. Não tinha dinheiro para comprar o material de construção nem para contratar operários, mas... não havia madeira abundante em toda a volta? Derrubava, desbastava e carregava os troncos, e os seus músculos enrijeceram; o ruído das suas machadadas ecoava por toda a floresta, e por fim os nativos, impressionados e atraídos pelo seu exemplo, puseram-se a ajudá-lo sem que ele o tivesse pedido.

Seja qual for a raça, é próprio da natureza humana admirar a força física, e não demorou muito a circularem pelas aldeias as mais floridas lendas sobre a musculatura do padre. Dizia-se que conseguia carregar pesos maiores e por mais tempo do que qualquer outro, e Damião, sabiamente, não tratou de desmentir esses rumores; o resultado foi que todos os valentões das redondezas, feridos no seu orgulho pelos relatos, vieram medir forças com ele. Organizaram-se competições para ver quem seria capaz de carregar troncos mais pesados, e, enquanto todos se divertiam, as construções iam saindo do chão...

Nesse ínterim, o sacerdote celebrava a missa em plena montanha ou nalguma choupana, onde quer que conseguisse reunir uns quantos fiéis. O seu corpanzil coberto pela batina tornou-se em breve uma visão familiar nas picadas e carreiros do seu pequeno domínio. A bagagem reduzia-se a uns artigos de primeira necessidade e à mochila em que carregava uma ara de altar, os vasos sagrados e os paramentos. Não havia lugar que lhe parecesse difícil ou inacessível: abria caminho a golpes de facão no meio da floresta tropical e percorria tranqüilamente os atalhos de montanha à beira de crateras ativas que referviam traiçoeiramente. Muitas vezes parou para observar os lagos de fogo, absolutamente indiferente aos vapores de enxofre que aspirava, recordando-se do que ouvira aos padres de Mauí, segundo conta numa carta ao irmão: "Não há nada melhor para se ficar com uma boa idéia do inferno"...

É curioso que alguém tão acostumado à placidez dos campos de Flandres se perturbasse tão pouco à vista desse Hades terreno. Em compensação, havia outros fenômenos, mais ligados a este mundo terrenal e particularmente florescentes nessas ilhas, que lhe tiravam a paz. A moral sexual dos polinésios é sabidamente laxa, e o jovem sacerdote não demorou a insurgir-se contra a promiscuidade geral que se vivia entre os sexos e a combater o costume da troca de esposas entre casais. Os seus esforços nessa direção foram geralmente bem acolhidos pelo povo, e muitas vezes até seguidos, pois a imensa maioria dos nativos – mesmo aqueles que, num zelo um tanto imaturo, Damião qualificava como "selvagens" ou "hereges" (os protestantes) – simpatizava profundamente com esse homem branco de rosto sério, empenhado de maneira tão patente em fazer-lhes bem.

Guardava em casa, para quem quer que precisasse, um pequeno estoque de remédios simples que o bispo prudentemente lhe deixara. Não se detinha diante de nenhuma dificuldade quando estavam em jogo a saúde ou a vida dos seus fiéis, e o nome de Kamiano – a versão de Damião em kanaka, língua que já dominava fluentemente a essas alturas – tornou-se querido em toda a parte. Em carta ao irmão, comentava: "Quanto a mim, gosto imensamente deles [...]. Apesar dos dois males que os afligem, a inconstância e a incontinência, não se poderia desejar um povo melhor, mais afável, mais bem-educado e bondoso do que este".

As palavras que o superior geral dirigira aos missionários, incentivando-os a ver sempre o lado bom das coisas, tinham deitado raízes nele, pois não há dúvida de que, nos seus dias de jovem seminarista, certamente teria concentrado a atenção principalmente nos pecados desses filhos do sol; agora, porém, sabia ter em alta conta as qualidades que revelavam: "Não procuram juntar riquezas nem há exageros na sua alimentação ou maneira de vestir. São extremamente hospitaleiros e, se temos de pedir-lhes abrigo por uma noite, estão sempre dispostos a

privar-se até do necessário para satisfazer qualquer desejo que tenhamos. Mesmo um herege tratará muito bem um sacerdote que o visite".

Essa mútua simpatia e benevolência, combinada com a evidente sinceridade e o trabalho paciente do missionário, não podia deixar de dar frutos copiosos. Nasceu um novo interesse pelo cristianismo e começaram a aparecer às dezenas os que desejavam converter-se, embora Damião não facilitasse a admissão a ninguém. Previa os perigos e as dificuldades que se criariam para os seus fiéis se houvesse entre eles renegados e tíbios, e, antes de administrar o Batismo a um catecúmeno, procurava certificar-se de que era sincero e tinha pleno conhecimento das responsabilidades e privilégios da vida cristã. Observaria esta regra durante toda a vida, abrindo exceções somente quando a pessoa estivesse em perigo de morte.

Logo que a comunidade começou a crescer, comprou um cavalo. Todas as manhãs, de cabeça descoberta, porque já se acostumara ao sol, partia sobre o seu rocinante a caminho de diferentes aldeias, a fim de lhes celebrar a missa. Quando se concluiu a construção das duas primeiras igrejinhas, lembrando-se talvez da música pungente dos seus campos natais, pediu a Tremeloo que lhe comprassem "dois sinos pequenos para as minhas novas igrejas".

Entretanto, foram surgindo outras capelas, na maioria simples cabanas de madeira cobertas com folhas de palmeira. A paróquia começava a mostrar certa organização, mas o espírito missionário do pastor ainda não se dava por satisfeito. Trabalho, trabalho, trabalho: assim se pode resumir a sua vida, mesmo nesses primeiros tempos. Era um desses homens que se sentem infelizes quando não têm as mãos ocupadas, e o seu trabalho nunca se limitou aos assuntos espirituais: estava constantemente ocupado com o machado, a pá ou o martelo. E esse ritmo inacreditável de trabalho incessante só se interromperia com a morte.

# DAMIÃO, O MISSIONÁRIO

## KOHALA (1865-1873)

Chegou o primeiro Natal, sem as baixas temperaturas que o acompanham nos climas do Norte. Os padres da ilha reuniram-se para celebrar a festa e trocar idéias, conversando avidamente em francês e flamengo sobre os problemas do mundo exterior. Um novo rei havia sido coroado em Honolulu; criara-se uma secretaria da imigração e pretendia-se estimular a entrada de mão-de-obra estrangeira para aumentar a produção de açúcar e arroz; a Guerra da Secessão continuava a devastar os Estados Unidos; notícias recebidas da Bélgica relatavam que os prussianos estavam a ponto de derrotar os dinamarqueses... Enquanto Damião ouvia respeitosamente os comentários dos seus colegas mais velhos, reparou que o padre Clément, que viera com ele para o Havaí, estava muito pálido: com a mudança de clima, tinha sofrido de umas febres e parecia fraco e debilitado. Uma idéia começou a germinar dentro dele.

No dia em que fez vinte e cinco anos, os seus paroquianos trouxeram-lhe frutas e peixes para a sua ceia de aniversário. Por muitas razões, sentiam-se orgulhosos do seu laborioso pastor, do seu porte físico soberbo e da sua força descomunal. Tinham profundo respeito e não pouca admiração pela sua vida de celibato, pois, de acordo com as tradições dos seus antepassados,

homens que viviam a castidade eram mais do que simples humanos e estavam dotados de poderes sobrenaturais*.

Jamais haveria o nosso sacerdote de conhecer o repouso que se segue ao trabalho acabado, pois voltava constantemente os olhos para novas metas, mais distantes e difíceis. Pensando na saúde abalada do pe. Clément, ofereceu-se para trocar de paróquia com ele; com efeito, o território deste, chamado Kohala, era muito mais extenso que o de Puno e, a julgar pelos rumores que corriam, bem mais difícil de administrar; abrangia cerca de quatrocentos quilômetros quadrados. Por fim, depois de uma longa troca de cartas e de algumas visitas, Damião conseguiu finalmente convencer o seu colega a aceitar o distrito mais fácil; a seguir, pediu a aprovação formal do bispo, que a concedeu sem problemas.

Um mês depois, encontrava-se já instalado na sua nova paróquia. Conforme escreveu, só então caiu na conta do que tinha pela frente: "A primeira visita completa que fiz ao meu distrito mostrou-me que, se quiser administrá-lo como deve ser, terei de empenhar-me a fundo. Levei nada menos que seis semanas só para percorrer o território inteiro"...

No entanto, pensando no bom nome do seu antecessor, acrescentava cavalheirescamente que a paróquia próxima da igreja matriz estava "muito bem organizada; a própria igreja é de madeira e foi construída pelos nossos confrades no tempo do pe. Eustace. É muito bonita por dentro. Também a minha residência, embora recoberta apenas por folhas de *pala*, está confortavelmente dividida: tem uma pequena oficina, dois

---

(*) Mas não sofreria ele, pelo menos alguma vez, a tentação de transgredir os seus votos? Damião era um homem, e não devemos supor que estivesse isento das tentações humanas. Naquele jardim tropical, as noites eram cálidas e embriagantes, perfumadas pela fragrância das flores e repletas da música suave de cantos distantes. Por outro lado, nunca se ouviu dizer que as jovens do Havaí se excedessem em matéria de pudor, e o solitário homem branco de Puno não deve ter sido poupado aos olhares provocadores. É muito provável, pois, que tivesse sofrido tentações e que, ao menos em parte, se aplicasse tão voluntariosa e constantemente aos trabalhos manuais pesados como meio de combatê-las (N. do A.).

quartos, uma sala de jantar e uma pequena sala de visitas. Bem, chega a ser luxuosa! Certamente, parece ampla demais para quem, há poucos anos, rejeitou um catre monástico por considerá-lo excessivamente macio. Mas o meu olhar irrequieto está sempre voltado para o interior do distrito, onde nos primeiros tempos um sacerdote pioneiro se aventurou a construir capelas feitas de folhas. Infelizmente, agora estão todas em ruínas. A heresia e a idolatria têm causado grandes estragos".

Não há dúvida de que não lhe ia faltar trabalho. Dentro em pouco, nas aldeias mais longínquas, olhos atônitos se arregalavam ao verem os largos ombros do homem branco curvarem-se sobre um altar improvisado, enquanto o sonoro latim litúrgico reboava pelo arvoredo: *In nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti.*

Essas palavras deviam cantar-lhe no coração enquanto abria caminho pela mata, chapinhava na lama durante as chuvas torrenciais, escalava montes alcantilados ou lutava sobre o seu cavalo contra rios transbordados. "Você se perguntará como fazemos viagens tão longas", escrevia ao irmão. "Bem, temos cavalos e mulas. Acabo de comprar um par: um bom cavalo por 100 francos e uma mula por 75. Mas, às vezes, tenho de ir de barco ou a pé".

## A ALDEIA NO FIM DO MUNDO

A certa altura, chegaram-lhe notícias de uma aldeia distante onde havia alguns católicos, mas que estava encerrada num vale ladeado por montanhas inacessíveis e precipícios que caíam a pique sobre o mar, e cujo acesso era considerado impossível naquela época do ano. Mas essas dificuldades só serviam para aguçar o seu espírito de iniciativa. Como poderia chegar lá? Consultou os anciãos da aldeia, que abanaram a cabeça e o aconselharam a esperar pela estação adequada, daí a alguns meses, já que naquele momento, em plena primavera, as chuvas

eram mais do que chuvas e muitos desfiladeiros intransponíveis poderiam contar-lhe histórias de horror. Mas Damião, pensando com dor naqueles cristãos privados dos sacramentos havia tanto tempo, não quis esperar e resolveu ir até lá por mar. Conseguiu uma canoa – que não passava de um simples tronco escavado – e convenceu os dois espíritos mais aventureiros da aldeia a acompanhá-lo.

Quando partiram, o mar tinha a serena quietude do amanhecer; mas, à medida que o sol subia, foi-se encrespando, até que, ao cair da tarde, a canoa virou. A essas alturas, encontravam-se bastante longe da costa, em mar aberto, e a situação parecia – e era – bastante grave: abundavam naquelas águas os tubarões, as ondas cresciam cada vez mais e a noite aproximava-se.

Aterrorizados, os nativos estavam a ponto de lançar-se numa desesperada tentativa de alcançar a praia a nado, mas o sacerdote, mais tranqüilo, convenceu-os a permanecer junto à canoa. Foi o que os salvou, porque logo apareceram as ominosas barbatanas triangulares, movendo-se em círculos cada vez mais apertados. Era impossível desvirar a canoa naquele mar turbulento, mas podiam empurrá-la devagar, e foi o que fizeram, por turnos e com muito esforço, enquanto gritavam e batiam na água para afugentar os tubarões. Por fim, acabaram por alcançar a praia, e Damião, depois de dar graças, passou em revista os seus encharcados pertences; quase nada se perdera porque, com uma prudência legitimamente flamenga, o sacerdote tinha "amarrado muito bem todas as trouxas no fundo do barco, antes de partir. Só o meu breviário, de que gostava tanto porque era muito completo e contudo bem leve, ficou completamente encharcado de água do mar, de modo que já não posso usá-lo nas minhas andanças. Bastou-me essa experiência; adiei a visita para a semana seguinte, e então fui pelas montanhas"...

A viagem pelas montanhas demorou quatro dias. Percorreu as primeiras etapas a cavalo, mas, quando o caminho se tornou

difícil demais para a montaria, prosseguiu a pé, com a pesada mochila atada às costas. O caminho levou-o até o mar, onde teve de vadear a arrebentação e depois nadar até umas rochas; novamente em terra firme, descobriu que se encontrava na base de uma escarpa alta e íngreme. Escalou-a agarrando-se com as mãos e os pés em touceiras de capim e raízes podres, escorregadias e traiçoeiras. Começou a chover, mas continuou adiante, escorregando e caindo...

Por fim chegou ao cume, que era afilado como a lâmina de uma faca e, além do mais, dava para um profundo desfiladeiro. Não havia o menor sinal de qualquer aldeia e, pior ainda, nenhum indício de que aquela região tivesse sido habitada algum dia; diante dele, outra montanha, tão alta como aquela que acabava de vencer, fechava-lhe o horizonte. Descansou uns momentos, repondo as forças com uma apressada refeição à base de frutas, e, sem hesitar, atacou a perigosa descida que tinha de fazer antes de poder iniciar a subida da segunda montanha. Sabia que corria o perigo não só de cair, mas de ser obrigado pelas chuvas a permanecer no fundo do desfiladeiro, o que significaria uma morte lenta por esgotamento e inanição.

Como o destino lhe reservava um fim muito mais lento e terrível do que esse, conseguiu escalar a segunda montanha, embora para descobrir que culminava num platô desolado, além do qual se erguia ainda um terceiro cume. Tinha as mãos dilaceradas e, no lugar das três unhas que perdera, três feridas que sangravam dolorosamente. Também os pés estavam feridos, porque as botas se tinham desfeito havia muito, e o rosto, como aliás o corpo inteiro, apresentava fundos arranhões produzidos por espinhos e trepadeiras.

Nenhum ser vivo parecia freqüentar aquelas regiões sinistras, nenhum pássaro, nenhum animal. Continuou a caminhar sob a chuva torrencial, agora misturada com um granizo escorchante, através de espinheiros que lhe rasgavam a carne e da lama que em alguns lugares quase lhe chegava à cintura. Quando atingiu o topo da terceira montanha, pareceu-lhe que

não havia nada mais entre ele e o céu plúmbeo, e que o mundo inteiro se encontrava a seus pés. Iniciou a descida, no meio da escuridão traiçoeira da noite. Contornando precipícios, de rocha em rocha, de árvore em árvore, foi prosseguindo o seu caminho. Para baixo, sempre para baixo, para novas profundezas e renovadas angústias. Era demais, até para um homem como ele. Quando chegou ao limite da resistência, simplesmente desmaiou.

Mal sabia ele que o objetivo estava próximo. Pela manhã, ainda inconsciente, foi encontrado por uns nativos, que o carregaram até um riacho, lhe lavaram as feridas e o reanimaram. No outro dia, já estava novamente em pé; o corpo podia doer-lhe, mas havia trabalho a fazer: batizou uma criança moribunda, visitou toda a aldeia e fez os preparativos para celebrar a missa na manhã seguinte. Os habitantes estavam felicíssimos por verem um sacerdote, e os primeiros dias se lhe foram entre a catequese e os batismos. Não demorou a estar em condições de fazer a viagem de volta, mas custava-lhe retirar-se dessas paragens remotas sem deixar entre os seus habitantes algo mais que a lembrança da sua visita:

> "Pedi-lhes que construíssem uma capela. Dispuseram-se a fazê-lo imediatamente. Subiram à montanha, cortaram umas árvores grandes e transformaram os troncos em vigas para levantar, não uma cabana de folhas, como são a maior parte das nossas capelas, mas uma verdadeira igrejinha toda de madeira. Ali estava, pois, o material necessário; mas quem seria capaz de levantar convenientemente o edifício? Era impossível trazer um carpinteiro de outro lugar, de modo que eu mesmo desenhei a planta o melhor que pude e comecei a construção com a ajuda de dois nativos. Quando têm alguém para orientá-los, não falta habilidade a esta gente".

Lamentou não dispor de vidro para as janelas e, à falta de um sino, ter de convocar os fiéis servindo-se de uma grande concha soprada por uns pulmões firmes. Mas foi com orgulho

e enorme satisfação que pôde afixar na cumeeira uma grande cruz "com dois metros de altura!"

Também os nativos estavam felizes; essa capela, construída no meio da sua aldeia e dedicada ao seu Deus, era a construção mais sólida do lugar e pertencia-lhes. De bom grado prometeram cuidar sempre do altar e manter limpo todo o recinto. Mas... quem celebraria os atos de culto depois que o padre se fosse? Damião escolheu dois homens que tinham freqüentado a escola em Honolulu e ensinou-os a fazer as leituras litúrgicas do Antigo Testamento, das Epístolas e do Evangelho previstas para os domingos e dias de preceito. Assim, pelo menos, não faltaria àquele povoado alguma instrução.

O dia em que se despediu dos seus fiéis foi ao mesmo tempo solene e triste. A aldeia inteira – homens, mulheres e crianças – caminhou ao seu lado no primeiro trecho da jornada, entoando canções de despedida, e dois jovens acompanharam-no durante todo o percurso de volta.

O regresso a casa não significou senão a retomada da rotina diária de infindáveis cavalgadas e caminhadas por florestas úmidas ou ao longo da costa rochosa. Nenhum recanto do seu território permaneceu muito tempo sem receber a sua visita.

> "Neste momento, estou-me preparando para tornar a visitar uma região do meu distrito que fica a uns trinta quilômetros daqui. Moram lá cerca de cem católicos. Onde celebro a missa para essa pobre gente? Numa cabana de palha, cuja porta tem menos de metro e meio de altura; o teto talvez tenha uns três. O vento entra livremente por todos os lados e às vezes apaga as velas durante a missa. O altar é extremamente simples: quatro estacas, uma tábua coberta por uma toalha e nada mais. Desde muito cedo, as pessoas vêm confessar-se e, como não há confessionário, tenho de arranjar-me da melhor maneira possível para ouvi-las. Às nove horas, toco a trombeta, que na verdade não passa de uma concha, e assim chamo o povo para o serviço divino, que celebro logo a seguir. É através desses meios tão acanhados que muitas vezes se faz o maior bem".

Mas a vida parecia insistir em fazer dele um protagonista de episódios heróicos. Certa manhã, enquanto cavalgava pela orla do mar, observou um barco aparentemente vazio à deriva. Protegendo os olhos do sol quente, pôde perceber que não se tratava de uma das costumeiras canoas dos pescadores nativos, mas de um escaler de navio. Um remo pendia melancolicamente da cavilha e um corpo imóvel estava estendido sobre a barra do leme.

Não perdeu tempo. Sem se lembrar dos tubarões, atirou-se ao mar e nadou para o barco. Aguardava-o um triste espetáculo: oito marinheiros extenuados e queimados pelo sol, nos últimos estágios da exaustão, jaziam entre os bancos. Sozinho, conseguiu levar o barco até à praia e arrastar os homens para a areia, deitando-os à sombra de uns arbustos, em leitos improvisados com folhas verdes. A seguir, apanhou uns cocos verdes e derramou cuidadosamente a água fresca naquelas gargantas ressequidas, até que os homens voltaram a si e puderam contar o que lhes sucedera.

Declarara-se um incêndio em alto mar e haviam passado oito dias de horror dentro do bote, sem água nem mantimentos. Eram quatro ingleses, três americanos e um holandês, todos protestantes. O sacerdote hospedou-os o melhor que pôde, até que um navio costeiro os levou para Honolulu. Passou com eles umas poucas noites de conversa tranqüila, oferecendo-lhes o seu tabaco e trocando impressões, num inglês hesitante, sobre os navios e a vida no mar.

## O *KAHUNA*

As vicissitudes da natureza não eram o único obstáculo que o sacerdote tinha de enfrentar. Havia outros, menos evidentes mas mais poderosos, e sem dúvida mais difíceis de vencer: continuavam a praticar-se na ilha os ritos pagãos e muitos dos fiéis de Damião se encontravam ainda sob a influência nefasta dos

curandeiros nativos, que procuravam manter a sua identidade em segredo. Nos tempos antigos, esses feiticeiros, chamados *kahunas*, tinham constituído uma casta muito respeitada e temida, situada logo abaixo dos reis, a quem não se subordinavam.

Com efeito, apenas cerca de cinqüenta anos antes da chegada de Damião, o poder dos feiticeiros chegara a tal ponto que as ilhas estavam dominadas por uma infinidade de *tabus*, que seriam ridículos se não tivessem resultados trágicos. Um kahuna podia decidir da vida e morte de um homem e, como era crença geral que estava em constante comunicação com a sua divindade favorita, podia decretar um tabu por qualquer motivo. A única escapatória possível para quem transgredisse uma proibição dessas era fugir para uma cidade-refúgio, pois, tal como os antigos israelitas, também os havaianos possuíam redutos murados e cercados de templos, dentro de cujos limites podia abrigar-se qualquer pessoa, independentemente do crime que tivesse cometido.

Depois da morte de Kamehameha I, os reis passaram a opor-se ao poder dos kahunas e a casta dos feiticeiros entrou em decadência. Só nas regiões mais afastadas é que ainda aparecia ocasionalmente algum desses feiticeiros, formando ao seu redor um grupo de adeptos que praticava em segredo determinados ritos sinistros.

A certa altura, Damião percebeu indícios de que existia no seu distrito um desses grupos: chegaram-lhe rumores vagos acerca de feitiços, medos e exóticas e obscenas danças rituais, e à cabeceira dos moribundos começaram a aparecer amuletos e simpatias, sinais evidentes do trabalho de algum curandeiro. Embora se tivesse lançado numa vigorosa campanha, pregando contra a superstição e procurando descobrir a identidade dos sectários e os seus locais de reunião, não obteve resultado algum. Mesmo os seus paroquianos mais fiéis e dedicados assumiam um ar taciturno diante das suas perguntas, como se temessem alguma vingança sobrenatural, e o missionário teve de reconhecer, com grande tristeza, que o mal parecia estender-se, ao invés

de diminuir. Rostos que antes se abriam num sorriso amistoso agora viravam-se de lado quando passava; muitos já não lhe respondiam aos cumprimentos; o número de assistentes à missa começou a decrescer e até nos funerais, quando encomendava o corpo, surpreendia às vezes uns olhares furtivos entre os presentes, como se se tivessem invocado outros poderes.

Certa noite, sentado à porta da sua casa para desfrutar da paz do entardecer, observava tranqüilamente o céu estrelado quando ouviu à distância uns tambores que soavam com uma nota estranha: não era o habitual toque festivo, mas um tantã rápido e inquietante, que se interrompeu abruptamente. O agudo silêncio que se seguiu foi cortado por um grito lancinante e inumano, e novamente o silêncio. Damião pôs-se de pé num salto e olhou alarmado na direção de onde viera o barulho, mas já vivera nas ilhas tempo suficiente para saber que era melhor não tentar nada durante a noite.

Na manhã seguinte, explorou meticulosamente os arredores e efetivamente encontrou, escondido numa moita de xaxins, um ídolo de pedra toscamente esculpido. Examinou-o com cuidado, à luz esverdeada que se filtrava através das frondes: as feições eram grosseiras e a figura obesa e atarracada; tinha cerca de um metro e vinte de altura e estava colocado sobre uma laje achatada, evidentemente um altar, salpicada de manchas escuras e pegajosas de sangue coagulado, sinais claros de um recente sacrifício sangrento. Tomado de horror, Damião aplicou os ombros contra a imagem e derrubou-a sobre o altar, que se despedaçou. A seguir, cortou dois galhos de uma árvore próxima e amarrou-os com um cipó, formando uma cruz tosca que cravou triunfalmente no mesmo lugar onde se erguera o ídolo. E, para que ninguém tivesse dúvidas sobre o autor do feito, deixou o seu chapéu de clérigo ao lado, bem à vista.

O dia seguinte era um domingo, e na homilia o sacerdote não mediu as palavras para denunciar os praticantes da idolatria. Era um desafio, e a reação não se fez esperar: na manhã seguinte, encontrou atado à sua porta um amuleto feito de uma concha

retorcida cheia de cinzas mal-cheirosas. Sabendo muito bem que o vilarejo inteiro estava pendente das suas menores ações, tomou a peça e, alardeando desprezo, amarrou-a ao rabo de um grande porco. Sem dar importância ao abracadabra que arrastava, o suíno fuçou e chafurdou por toda a aldeia naquele dia, à ruidosa maneira dos da sua espécie, mas durante a noite foi morto e deixado à porta de Damião, com a garganta aberta por um profundo corte serrilhado.

O missionário procurou levar o incidente para a brincadeira, mandando dizer que, apesar de o açougueiro não lhe ter parecido dos mais competentes, agradecia muito o presente anônimo da carne fresca. Mas os habitantes da aldeia não compartilhavam da sua tranqüilidade: ninguém ousou aproximar-se da carcaça e até o nativo que o ajudava nas tarefas da casa desapareceu quando Damião foi chamá-lo para esfolar o porco.

Tarde da noite, enquanto se remexia na cama, inquieto com o novo problema que minava e até ameaçava destruir todo o seu trabalho, o ruído distante dos tambores veio novamente interromper o fio dos seus pensamentos. Aguçou os ouvidos e percebeu um segundo som, como de alguém que arranhasse a sua janela. Do lado de fora estava uma mulher, uma criatura tímida e amedrontada, que conhecera tempos atrás por haver-lhe tratado o filho doente. Com a voz quase irreconhecível de pressa e de medo, ela sussurrou-lhe umas poucas palavras e depois, como que assustada com a sua própria ousadia, desapareceu de novo nas sombras antes de o sacerdote ter podido fazer-lhe qualquer pergunta. Mas tinha dito o bastante: numa caverna mortuária não longe dali, acabara de começar uma cerimônia de invocação dos espíritos malignos contra a vida do padre.

Damião vestiu-se e em poucos instantes estava a caminho do local, situado na base de um penhasco encravado no monte. Essa caminhada de cerca de uma hora pela mata fechada e no meio da mais absoluta solidão deve ter posto à prova os seus nervos indomáveis, mas em momento algum hesitou.

Ouvia-se o ritmo abafado dos tambores. A boca da caverna

estava iluminada por um pálido clarão vermelho, que bruxuleava sobre as rochas vizinhas. Saindo das sombras da floresta, Damião aproximou-se da penha e, nesse momento, sobrepondo-se ao ruído dos tambores, ressoou um longo estertor agudo, como se algum animal estivesse sendo torturado. Os participantes da cerimônia deviam sentir-se seguros, pois não se viam sentinelas, e o sacerdote pôde chegar sem problemas à entrada da caverna e contemplar o espetáculo por detrás de um enorme pedregulho.

No centro do recinto, fincadas no chão, erguiam-se quatro tochas altas e fumarentas. A sua luz vacilante permitia entrever um semicírculo formado por uns trinta homens de diversas idades, agachados ombro a ombro, o olhar voltado para as sombras do fundo da caverna, onde uma figura fantasmagórica, curvada como uma hiena, estava ocupada num trabalho que Damião a princípio não conseguiu distinguir. Em voz baixa, a criatura cantarolava monotonamente uma invocação. Por todos os lados, sobre pilhas de mortalha, viam-se restos humanos, ossos estranhamente brancos naquela obscuridade, espalhados numa confusão inextricável de caveiras, pernas e mãos desmembrados. O ar estava quase irrespirável e fedia a morte. À luz das tochas, as paredes negras brilhavam como carvões umedecidos.

A ladainha cresceu de tom e Damião, cujos olhos mais e mais se acostumavam à luz mortiça, reconheceu o feiticeiro, um certo Mauae, que gozava em toda aquela região da reputação de sábio e adivinho. Mirrado e de pele negra, sem nenhum dente e incrivelmente velho, não era uma figura grata de se ver, e muito menos naquelas circunstâncias. A certa altura, levantou-se e mostrou o corpo inerme de um cachorro cuja garganta tinha cortado. Segurando-lhe a cabeça em ângulo reto, deixou o sangue do animal escorrer para uma grande gamela e, depois de enchê-la, abandonou o cadáver e concentrou-se sobre a sua repugnante poção, balançando o corpo para frente e para trás ao som de uma cantilena, como se tentasse entrar em transe. Subitamente, a invocação cessou e o feiticeiro ergueu a mão, em sinal aos tamborileiros para que parassem.

O profundo silêncio que se seguiu, quebrado apenas pela respiração ofegante do mago, parecia quase sobrenatural e estava carregado de expectativa. A um segundo sinal, apagaram-se três das tochas e os olhos de todos, esgazeados de terror, fixaram-se obsessivamente na sombria figura do feiticeiro, que agora estendia a mão para além da carcaça degolada do cachorro e extraía da escuridão outro objeto, um tosco boneco de madeira cujo rosto fora pintado de branco e que vestia algo de parecido com uma batina preta. Em volta do seu pescoço pendia uma pequena cruz de madeira, e em torno da cintura trazia um terço cuja falta Damião sentira havia algum tempo. Sem sombra de dúvida, o boneco pretendia ser uma efígie do sacerdote, e o feiticeiro fez-lhe umas caretas enquanto se voltava para a sua sangrenta gamela.

Damião entrou em ação. Sem uma única palavra, lançou-se no meio dos assistentes, e estes, atordoados pelo seu súbito aparecimento, ficaram momentaneamente paralisados. Mas logo um urro uníssono se ergueu de todas as gargantas e o grupo tentou avançar sobre ele. Enraivecido, o missionário fez sem querer a coisa mais conveniente de todas: arrancou o boneco das mãos de Mauae e, com um safanão, lançou o feiticeiro para longe, fazendo-o derrubar a gamela, cujo conteúdo se espalhou numa grande mancha escura. Ao verem o sangue derramado, os nativos detiveram-se imediatamente e caíram num silêncio pasmo, enquanto presenciavam um espetáculo que não esperavam: o sacerdote fazia em pedaços a efígie. Nos seus rostos, o ódio deu lugar ao medo e depois à perplexidade. Esperavam que uma terrível catástrofe se abatesse sobre o homem branco que se atrevia a destruir o boneco mágico, mas nada de grave aconteceu; em vez dos trovões dos espíritos irados, só se ouvia uma torrente de imprecações vindas da figura agachada do feiticeiro, que, tendo-se esgueirado para a escuridão do fundo, morria visivelmente de medo do padre.

Damião perscrutou os rostos escuros que o cercavam, lendo-lhes os pensamentos. Os pais desses homens haviam prati-

cado os mais horrendos sacrifícios humanos sob as ordens dos seus kahunas, e nas suas aldeias ainda viviam anciãos que se vangloriavam de ter visto a carne do capitão Cook queimada sobre os altares; se aqueles nativos continuassem a ter a menor ponta de fé no autor do estúpido ritual a que acabavam de assistir, era muito provável que dessem a Damião o mesmo fim que tivera o descobridor. Mauae tinha de ser completamente desacreditado.

Com um movimento de braços repentino e violento, que fez os kanakas recuarem alarmados, o sacerdote dispersou pelo chão com desprezo os restos do boneco. "Por acaso vocês são crianças, para terem medo de um boneco e do sangue de um cachorro?", perguntou-lhes com desdém. A seguir, calcando a cabeça do fetiche na lama, demonstrou-lhes de maneira irrefutável que nenhum mal lhe podia advir dos maus espíritos, por mais que os insultasse. Os rostos tensos assumiram um ar de dúvida e a seguir de vergonha, e ninguém tentou detê-lo quando se encaminhou para a saída, depois de lhes dizer que aquele lugar infecto não era próprio de homens de bem e que deviam retornar para as suas esposas e filhos. A passos largos, o sacerdote regressou a casa, feliz com a vitória alcançada.

## A IGREJA

Depois desse incidente, quase ninguém ousou opor-se à sua pessoa. Em breve, toda a paróquia fervilhava de atividade, tal como sucedera na anterior. Construíram-se novas capelas e Damião treinou um bom número de pregadores leigos para darem aulas de catecismo. Mas era necessário abrir escolas para que as pessoas aprendessem pelo menos a ler e escrever, e o missionário solicitou ao governo de Honolulu que lhe enviasse professores. Na época, devido à influência dos missionários norte-americanos, as autoridades costumavam favorecer a educação protestante, mas já tinham tido notícias do trabalho desse no-

tável jovem sacerdote; acederam, pois, ao seu pedido e enviaram-lhe quatro professores católicos, com instruções para trabalharem sob a sua orientação.

Animado pelo sucesso desse primeiro apelo, Damião requisitou outra vez a ajuda do governo, principalmente em material de construção. Até um surpreendido mons. Maigret recebeu uma longa epístola sua em que exaltava as vantagens da madeira, não aparelhada a golpes de machado, mas aplainada por carpinteiros profissionais; em passagens verdadeiramente líricas, o missivista estendia-se também acerca da inspiração que uns belos vitrais coloridos trariam à gente simples do seu rebanho, que por sinal – escrevia ele modestamente – já era demasiado grande para caber na minúscula igreja existente... Como tantos sacerdotes espalhados pelo mundo inteiro, Damião sonhava com uma igreja maior e menos precária, construída com materiais mais dispendiosos do que aqueles de que dispunha na ilha.

O bispo leu a extensa carta e sorriu consigo, pois também tivera notícias indiretas dos progressos de Damião. Lembrou-se de que apenas trinta anos antes, banido de Honolulu e refugiado a bordo de uma pequena escuna, oficiara o sepultamento do pe. Bachelot em pleno mar. Como o futuro lhe parecera negro naquela ocasião!: os sacerdotes eram odiados, os conversos aprisionados e condenados a trabalhar como lixeiros. Ele mesmo fora escarnecido, ameaçado e exilado, mas retornara; e a recompensa do seu trabalho refletia-se nessa carta que acabava de ler. Trinta anos, e agora um jovem sacerdote de uma paróquia distante queixava-se de capelas superlotadas, da falta de melhores escolas e da "absoluta necessidade" de uma igreja maior! O bispo sorriu e mostrou a carta à superiora das freiras belgas que tinham vindo com Damião e que se lembrava bem do rapaz; os dois juntos decidiram levantar fundos para a nova igreja.

Dois meses depois, os materiais tinham sido comprados e estavam prontos para serem enviados a Kohala. A madeira fora cortada e talhada por carpinteiros experientes, e algumas imagens sagradas, uma pequena pia batismal e uma série completa

de estações da Via-Sacra pintadas em cores brilhantes esperavam, devidamente encaixotadas, o momento do embarque. Sentindo que se tratava de uma ocasião histórica, o sacerdote e a comunidade inteira acorreram ao cais logo que o navio que trazia o material despontou no horizonte.

> "Você precisa saber – escrevia o missionário ao irmão – que o local onde pretendemos levantar a igreja se situa no alto de um monte, a uns treze quilômetros do mar. A costa é tão acidentada que seriam precisas três juntas de bois para muito a custo conseguirem puxar uma carroça vazia. Como não há estrada, teríamos de pular de pedra em pedra e, além do mais, o sol é insuportável deste lado do morro. Por isso, não vi outra saída senão pedir a todos os meus neófitos – homens, mulheres e crianças – que descessem à tardezinha. Passaram a noite na praia, ao relento, com umas pedras por travesseiros. Mal amanheceu, cada um apanhou o que podia carregar e todos se puseram a trazer o material cá para cima".

Deve ter sido uma cena pitoresca e comovente: a preciosa carga levada em canoas e botes, através da arrebentação, até à praia coalhada de rochas; depois, a fila sinuosa dos nativos, curvados sob o peso dos seus fardos, subindo a montanha e equilibrando-se sobre os pedregulhos; e por fim as mulheres e crianças ao lado dos homens, cantando, ajudando e bradando palavras de encorajamento. Quanto ao missionário, não se contentou com dirigir a empreitada, mas carregou pessoalmente uma viga que ninguém conseguira sequer levantar do chão. Na aldeia, "as peças foram sendo montadas à medida que chegavam, o que infundiu nova coragem em todos".

Damião era um grande admirador do que chamava "a imponente pompa das nossas solenidades", e cuidou pessoalmente dos detalhes de decoração da nova igreja. A sua inata sobriedade flamenga, combinada com as limitações da pobreza e um grande senso prático, levou-o a exceder-se em lances de surpreendente criatividade, que, entre outras peças, produziu um esplêndido

e digno altar de madrepérola. Conseguiu fabricar no local os próprios círios, com a cera de umas colméias que mantinha no seu jardim. Quanto aos bancos, não teve de preocupar-se, pois os kanakas não estavam acostumados a essa comodidade e contentavam-se com as tradicionais esteiras.

Mesmo assim, a sua inesgotável energia não se dava por satisfeita. Na mesma carta em que relatava ao irmão a construção da igreja, acrescentava: "Se Deus o permitir, no ano que vem recomeçarei o mesmo trabalho noutra parte deste distrito, a uns quarenta e cinco quilômetros daqui".

Semelhantes hábitos só podiam contribuir para modelar-lhe ainda com mais firmeza a força física e moral que demonstrara desde os começos. Aproximava-se já dos trinta e era um sacerdote de rosto franco e alegre, seguro de si e da sua vocação. Talvez estivesse aí – nessa segurança em Deus – o segredo da sua coragem e a razão pela qual o seu bispo, acostumado a homens valentes, se referia a ele como "o intrépido". A sua saúde era excelente, e o exercício diário das viagens a cavalo e das caminhadas por montes e vales, bem como um regime frugal, contribuíam para mantê-la assim. Dividia o seu dia com regularidade e método, levantando-se ao nascer do sol e seguindo uma rotina invariável, que terminava pontualmente às oito da noite, a menos que tivesse de visitar algum doente.

Era muito popular entre os seus paroquianos e tratava-os como verdadeiros amigos, mas cuidava de não dar ocasião a familiaridades que pudessem afetar o respeito que lhe tinham como sacerdote. Para eles, tal como para os seus ancestrais, os homens de Deus constituíam uma casta à parte. Por isso, os poucos momentos de lazer que lhe sobravam, passava-os sozinho. Fumar era o único luxo que se permitia, embora nos primeiros anos tivesse tentado limitar-se a uma cachimbada por dia. Agora, durante os poucos e preciosos momentos de que dispunha antes de deitar-se, saboreava as baforadas enquanto escrevia para casa ou lia as cartas que de lá recebia.

Estas andavam escassas nos últimos tempos, de modo que

a sua irmã Paulina não tardou a receber na Holanda, onde residia, uma carta suavemente recriminadora: "Há já três anos que não recebo uma linha sua! Onde está você, minha querida irmã? Já se foi para o céu? Mais devagar, por favor; é preciso um pouco mais de tempo para conquistar essa coroa. Tenha piedade do seu pobre irmão que, por se sentir tão esquecido, em breve se transformará num selvagem entre selvagens. Aliás, aprecio muito os meus selvagens, que em breve serão mais civilizados que os europeus. Estão aprendendo a ler e escrever"...

A uma carta dos pais, recebida com muito atraso, respondia assim: "Andei muito tempo preocupado com vocês, imaginando o que poderia ter acontecido. Deixou-me feliz saber que estão todos de boa saúde"...

A breve visita que mons. Maigret lhe fez constituiu uma agradável quebra da rotina. O bispo trouxe consigo outro sacerdote, que deveria assumir metade do território: via-se já claramente que o trabalho começava a ultrapassar as forças de um único padre, mesmo que este fosse um Damião, e que havia fiéis suficientes para justificar a divisão. Apesar do encurtamento das distâncias, Damião ainda teria de celebrar pelo menos três missas aos domingos, em capelas que distavam mais de vinte quilômetros umas das outras.

No dia seguinte à chegada do prelado, o missionário improvisou na sua recém-construída igreja algo semelhante a uma cadeira episcopal e oficiou uma missa solene, cantada na sua sonora voz de barítono, muito apropriada ao latim litúrgico. Mas não foi a voz, apesar de esplêndida, o que mais impressionou o bispo: aquele sacerdote imprimia a cada nota, a cada gesto prescrito pela liturgia, uma intensidade emocionada que só podia provir da sua fé, e essa fé comunicava-se visivelmente aos fiéis que abarrotavam a Igreja. No momento da consagração, fez-se um silêncio profundo, esse silêncio de adoração que é muito mais do que a simples ausência de ruído. O altar era simples e despojado, mas francamente belo, com os seus altos castiçais de latão e os brancos panos de linho doados pelas

freiras, e convidava à devoção; e assim, enquanto o sacerdote realizava com precisão os gestos litúrgicos, o bispo observava aquele mar de cabeças curvadas e sorria.

Durante os dois meses em que permaneceu na ilha, mons. Maigret visitou cada canto do distrito em companhia de Damião. Remotas capelas de palha assistiram a solenes missas de Crisma, precedidas por procissões e acompanhadas de nuvens de incenso perfumado a escapar dos turíbulos. Mas não pensemos que essa visita de inspeção tenha sido uma espécie de pomposo cortejo triunfal, entre brilhos de púrpura e maçantes cerimônias oficiais: houve alegres festivais de flores e festas, e, apesar das longas distâncias, era freqüente ver o bispo, já idoso mas robustecido por muitos anos de vida sadia, desafiar os mais jovens para corridas a cavalo ou em mulas; não era raro que, cedo pela manhã, os nativos ouvissem surpreendidos o tropel da eclesiástica cavalgada. "E, como Sua Eminência Reverendíssima era um dos melhores cavaleiros do grupo – conta-nos o admirado Damião –, quase sempre saía vitorioso"...

## LEPRA! (1870)

Quando terminou a visita, o missionário voltou à sua rotina. Aproximava-se o seu quarto Natal nessa ilha onde nada indicava a mudança de estação, a não ser a desconfortável umidade provocada pelas chuvas torrenciais. O seu pensamento voltava-se para terras distantes situadas além dos mares. A essas alturas, o inverno já teria começado em Tremeloo; ainda não devia fazer muito frio, apenas o suficiente para ativar a circulação, mas o Laak já estaria congelado no ponto certo para se poder patinar; na cozinha da casa paterna, devia arder um belo fogo, emprestando reflexos brilhantes às panelas de cobre polido, e a sua mãe cantarolaria uma canção flamenga enquanto preparava a ceia do Natal.

Chegou o ano de 1870, e com ele muitas notícias do ex-

terior. O Concílio Vaticano I acabara de definir o dogma da infalibilidade papal. Concluíra-se enfim o Canal de Suez, e no mundo inteiro escreviam-se loas à indomável perseverança do engenheiro francês, Ferdinand de Lesseps. Mas havia outros franceses que aspiravam à glória: os marechais apontavam os seus bastões para Berlim e ouviam em resposta o rufar dos tambores alemães; nem mesmo Damião, no longínquo Havaí, escapou à preocupação causada pela nova guerra: "Espero que pelo menos a Bélgica não seja perturbada [...]. Aflige-me ouvir falar dessa guerra e rezo para que termine em breve". Mas a história persistia a todo o custo em ser escrita com sangue, e em Sedan a cavalaria francesa carregava com inútil bravura; mais uma vez um Bonaparte caía prisioneiro e o *kaiser* Guilherme I recebia a espada das mãos de Napoleão III.

Mas se as luzes da ribalta mundial estavam fixadas principalmente em generais cobertos de medalhas e políticos ambiciosos, e nas sombras apenas se entreviam as figuras secundárias da guerra, outras forças escondidas, menos espetaculares mas nem por isso menos eficazes, também já começavam a fazer sentir os seus efeitos. Pasteur iniciara as suas pesquisas sobre micróbios e, na Inglaterra, Miss Nightingale*, já aureolada pelo renome adquirido em Scutari, durante a guerra da Criméia, propunha reformas nos métodos de enfermagem que encontravam eco até nos gabinetes dos poderosos.

O saneamento público e a administração hospitalar tornaram-se assim tópicos de moda e um novo passatempo para os líderes das nações. E quando o Duque de Edimburgo, numa visita a Honolulu, falou das novas instituições sanitárias que acabavam de nascer na Grã-Bretanha, Kamehameha V pôde mostrar-lhe orgulhosamente o novo hospital que acabava de inaugurar e a que dera o nome da rainha Vitória.

---

(*) Florence Nightingale (1820-1910), nascida em Florença, numa família inglesa de posição desafogada, dedicou-se por vontade própria ao trabalho com doentes. Pela sua ação em favor da reforma dos hospitais e do treinamento científico das enfermeiras, é considerada a fundadora da moderna profissão de enfermagem (N. do E.).

Tratava-se, sem dúvida, de um belo edifício, comparável a qualquer similar europeu, mas infelizmente não estava equipado para cuidar da doença mais temida nas ilhas. A *lepra* fizera ali a sua aparição em 1853, e dez anos mais tarde encontrava-se já tão espalhada que as autoridades perceberam a necessidade de tomar medidas urgentes e drásticas para segregar os infectados e combater a doença. Os primeiros esforços nesse sentido foram totalmente inadequados: montou-se um pequeno hospital especializado nos arredores de Honolulu, mas os habitantes, horrorizados com a proximidade dos enfermos, armaram tal gritaria que o governo se apressou a comprar para esse fim, na ilha de Molokai, uma península desabitada e tão isolada do mundo pelo oceano e por uma cadeia de montanhas intransponível, que satisfez até os cidadãos mais hipocondríacos... E, em 1866, enviou para lá uma primeira leva de cento e quarenta leprosos – não como pacientes, mas como *colonizadores!*

Os exilados receberam cada um o seu lote de terreno e o material agrícola estritamente necessário para cultivá-lo, e a seguir foram abandonados à sua sorte. O engenhoso projeto, obra-prima da burocracia estatal de todos os tempos, previa que essa gente de membros apodrecidos e corpos deformados produziria o suficiente para alimentar-se e deixar assim de constituir um fardo para o governo. Evidentemente, o plano fracassou, e o fracasso custou torturas indizíveis e uma morte macabra a um sem-número de vítimas. Mas, apesar de impraticável, esse esquema tinha a grande vantagem de ser pouco dispendioso, e os zelosos guardiães do erário público não duvidaram em levar avante a fantástica colonização. Mais e mais leprosos, juntamente com uns suprimentos ridiculamente insuficientes, continuaram a ser desembarcados em Molokai.

Disso resultou uma comunidade que desafiava qualquer descrição. Aqueles homens e mulheres, já condenados à morte pela doença, sentiam-se rejeitados e banidos: deviam morrer num lugar estranho, longe dos seus e em condições desumanas.

Amargurados e desesperançados, sabiam-se fora do alcance de qualquer lei humana e, como não conheciam nenhuma outra, davam rédea solta às piores paixões. O cotidiano da colônia oscilava entre a apatia mais absoluta e as orgias mais selvagens. Os suprimentos esgotavam-se em questão de horas, os moribundos agonizavam ao ar livre, os cadáveres permaneciam insepultos. Não havia sequer um simulacro de ordem pública; era um espetáculo de devassidão e licenciosidade inacreditáveis, representado ao som ininterrupto e ignorado dos estertores dos moribundos.

Uns poucos leprosos conseguiram fugir, e em breve todos os habitantes das ilhas ficaram a saber das condições que reinavam naquele lugar. Dos confortáveis escritórios das autoridades, em Honolulu, partiram decretos que mandavam restaurar a ordem na colônia, mas... quem os executaria? Nomeou-se um superintendente para Molokai, que nem chegou a desembarcar, pois foi recebido a tiros. Enviaram-se tropas, mas os mesmos soldados que enfrentavam sem temor as balas e a pólvora fugiam espavoridos diante daqueles fantasmas que usavam as suas chagas como armas: precipitavam-se aos dois e três sobre um homem sadio, envolviam-no num abraço medonho e esfregavam-lhe na pele saliva e pus. O caso tomava as dimensões de um diabólico pesadelo.

Entretanto, a doença continuava a espalhar-se a uma velocidade alarmante entre a população inteira. Quando Kamehameha V assumiu o trono, o seu Ministério da Saúde, alarmado com as cifras do último recenseamento, procurou tomar medidas que melhorassem as condições tanto fora como dentro da colônia. Aplicaram-se com rigor e reforçaram-se as leis de segregação e quarentena: quem quer que estivesse sob suspeita de ter contraído a doença devia apresentar-se imediatamente às autoridades sanitárias e preparar-se para partir para Molokai.

Mas a reputação de que a colônia gozava a essas alturas contribuiu para tornar a medida impopular. Os kanakas sempre tinham sido um povo dedicado à família, e não compreendiam

por que deveriam abandonar uns doentes que amavam e de quem estavam dispostos a cuidar, e menos ainda por que deveriam consentir que fossem enviados a um verdadeiro inferno na terra. O governo, porém, estava decidido a erradicar a doença, e os leprosos passaram a ser caçados impiedosamente pelos fiscais sanitários, o que levou muitas famílias a fugir para as montanhas e a viver em cavernas. Em breve, havia comunidades inteiras nesses refúgios isolados. É desnecessário dizer que – não sem razão – as simpatias da maioria iam para essa gente.

O distrito de Damião não escapou à perturbação geral. Por volta dessa época, escrevia ele à família: "Estão começando a aparecer muitos casos de lepra por aqui. Essa doença não mata logo, mas só se cura muito raramente e é altamente perigosa por ser de fácil contágio".

Cerca de um mês depois de escritas essas linhas, um médico e quatro policiais chegaram ao seu distrito e afixaram num lugar visível um anúncio redigido no frio estilo oficial: "Todos os leprosos deverão apresentar-se às autoridades sanitárias no prazo de quinze dias a partir desta data, para serem examinados e encaminhados a Molokai".

O sacerdote observou-os no cumprimento da sua terrível missão. Ao longo das semanas seguintes, a aldeia foi tomada de uma profunda tristeza: em obediência à lei, famílias inteiras chegavam do interior para entregar aos homens brancos, um filho, um marido, uma esposa ou uma filha. Estendiam as esteiras diante da igreja e ali permaneciam dias a fio, em pequenos grupos angustiados, à espera da despedida final. O som lúgubre das contínuas lamentações e soluços enchia o ar; era a atmosfera surrealista de um funeral de que participassem os próprios mortos, caminhando com os seus próprios pés.

De coração oprimido, Damião atendia esses infelizes com todo o seu zelo sacerdotal: ouvia-os em confissão, dava-lhes a absolvição, administrava-lhes a Unção dos Enfermos. Muitos deles haviam aprendido dos seus lábios a amar profundamente os Sacramentos, esses suportes tangíveis da vida espiritual, e a

recebê-los com freqüência; e agora, sem qualquer culpa própria, eram desterrados para um lugar onde estariam praticamente privados de qualquer auxílio material e espiritual.

## O DESESPERADO

Tal como ocorrera nas outras ilhas, houve casos em que as pessoas não se resignavam pacificamente a submeter-se à sua sorte. Uma vez ou outra, os policiais foram obrigados a tomar "medidas de exceção", e alguns daqueles abatidos grupos familiares acampados à porta da igreja passaram a ter entre eles um prisioneiro algemado.

Um dos moradores da região, cuja esposa contraíra a doença, chegou até a improvisar uma barricada no alto de uma estreita ravina, para dali desafiar a polícia. Não era difícil simpatizar com ele: amava profundamente a sua mulher e cuidara dela da melhor maneira possível, procurando não causar problemas a ninguém e passando a morar sozinho com ela numa praia deserta, longe de qualquer aldeia. Quando tomou conhecimento da proclamação das autoridades sanitárias, preferiu resistir até à morte a deixar que lhe tirassem a esposa. Não se sabe como, conseguiu arrumar um velho rifle e alguma munição, e, quando a polícia tentou aproximar-se, foi recebida com tiros de aviso e com a ameaça de que, se persistissem no seu propósito, a pontaria seria melhor.

Organizou-se um cerco e, como não se tinha conseguido nada ao cabo de alguns dias, os policiais começaram a planejar um ataque cerrado, que tornaria inevitável o derramamento de sangue. Damião interveio e pediu que o deixassem subir até onde estava o refugiado, para conversar com ele e persuadi-lo de que era inútil continuar a resistir. Os soldados acederam, mas avisaram-no de que a responsabilidade e o risco ficavam por conta dele.

Imediatamente, o missionário começou a subir até à barri-

cada pelo leito do sombrio desfiladeiro. Ouviu o irritado estrondo de um rifle e o som enervante de uma bala a ricochetear nas rochas próximas, mas não diminuiu o passo. Seguiram-se mais três disparos e, no silêncio angustioso que deixaram atrás de si, Damião, continuando sempre a subir, bradou: "Sou eu, seu amigo Kamiano". Não houve mais tiros, mas, quando o sacerdote finalmente transpôs a improvisada muralha de pedras, encontrou-se diante de um par de olhos desconfiados e da boca negra da arma.

Dirigiu-se diretamente à mulher, que estava agachada atrás do marido, mas o homem interpôs-se raivosamente. Os homens brancos queriam aprisionar a sua esposa pelo crime de ter contraído uma doença que eles mesmos haviam trazido às ilhas; por que não podiam, pelo menos, deixá-la morrer nos seus braços? Por que não lhe permitiam ao menos passar em paz o pouco tempo que lhe restava? Nada pediam a não ser que os deixassem a sós; por que lhes negavam até isso?

Diante daquela aflição desnorteada, de que servia a fria evidência dos argumentos médicos e estatísticos? No entanto, durante seis longas horas, Damião esforçou-se por explicar ao refugiado a necessidade daquelas medidas de isolamento, não porque confiasse nos méritos de Molokai, mas porque sabia que, se falhasse na sua tentativa, as armas que, lá em baixo no vale, ainda permaneciam caladas não deixariam de afogar em sangue o medo e a confusão daquelas duas pobres criaturas. Pondo em jogo toda a sua autoridade, prometeu-lhes que, se consentissem em obedecer à lei, não seriam punidos pela sua rebeldia e o marido seria autorizado a acompanhar a mulher à colônia de leprosos.

Por fim, ao anoitecer, quando já o davam por perdido e se preparavam para atacar, os policiais tiveram a surpresa de vê-lo retornar são e salvo, trazendo consigo o casal. Diga-se em favor das autoridades que elas souberam honrar o compromisso assumido pelo sacerdote: não se pensou em punir os renegados e o marido pôde gozar do pungente privilégio de permanecer

com a esposa e com ela reunir-se ao triste contingente prestes a embarcar.

Os leprosos partiram e Damião pôde retornar à rotina habitual da paróquia. O estigma da doença desaparecera da região e, para a maioria dos seus fiéis, o tempo diluiu as lembranças e amenizou a ferida aberta pela partida dos parentes. Mas não aconteceu o mesmo com o sacerdote. Não podia nem queria esquecer o destino que esperava aqueles infortunados em Molokai. Os seus pensamentos seguiam-nos através do mar e por eles oferecia diariamente a missa.

# DAMIÃO DE MOLOKAI

## O CONVITE

Damião não era o único a empenhar-se nos seus labores pioneiros. Em todas as ilhas, outros sacerdotes trabalhavam com o mesmo fervor, a mesma tenacidade e, em muitos casos, o mesmo sucesso. Um certo pe. Leonore acabava de concluir a construção de uma nova igreja em Waikuku, na ilha Mauí. Era uma paróquia com muitos imigrantes, na maioria trabalhadores que labutavam nas florescentes plantações de cana-de-açúcar, e o bispo, consciente da impressão que uma cerimônia solene e vistosa causaria no povo, quis que um grande número de sacerdotes comparecesse à dedicação do templo.

Damião foi um dos convidados e, sem esperar pelo vapor costeiro, embarcou numa pequena escuna comercial. É estranho que, apesar de se tratar de uma viagem de curta duração, tenha tido o pressentimento de que nunca mais voltaria ao seu distrito; com efeito, alguns meses mais tarde escreveria: "Ouvi como que uma voz interior a dizer-me que nunca mais tornaria a ver os meus queridos neófitos nem as minhas capelas. Invadiu-me uma grande tristeza quando lancei o último olhar sobre a minha paróquia cristã de Kohala".

A cerimônia durou quase um dia inteiro e foi certamente a mais solene e grandiosa que já se vira em Mauí. Emolduradas por uma paisagem belíssima, as vestes purpúreas do bispo mi-

trado, precedido por uma cruz dourada em que vinham brincar os reflexos do sol, brilhavam à frente de uma longa procissão que se estendia até à entrada da igreja. Avançando pausadamente cercado pelo seu cortejo, Sua Excelência aspergiu três vezes com água benta as paredes da igreja, incensou as catorze estações da Via-Sacra, ungiu o altar conforme as prescrições rituais e a seguir passou à celebração da missa pontifical. Durante alguns dias, não se falou de outro assunto.

Mas, mesmo nesse momento de triunfo palpável, o zelo apostólico de mons. Maigret não se sentia satisfeito. Após a cerimônia, reuniu-se com os seus missionários e, depois de louvá-los pelo trabalho realizado, traçou-lhes também o panorama dos problemas que ainda estavam por resolver. E a sua voz tornou-se particularmente grave quando abordou o inevitável tema de Molokai.

Não deixara de haver, na história daquela malfadada colônia, algumas tentativas de missão, tanto católicas como protestantes; poucos meses antes, um irmão leigo, Bertrand, erigira ali uma pequena capela de madeira, e antes disso três sacerdotes, os padres Raymond, Albert e Boniface, tinham passado curtos períodos com os leprosos. Essas visitas ocasionais agora teriam de cessar, pois o novo regulamento baixado pelo Ministério da Saúde punia severamente qualquer pessoa que saísse de Molokai; ou seja, daí por diante, quem quer que pusesse os pés em terra firme na colônia teria de permanecer ali pelo resto dos seus dias.

Todos sentiram a voz do bispo tremer quando lhes comunicou essas notícias; sabiam o que significavam, e sabiam que mons. Maigret não podia exigir semelhante sacrifício de ninguém. No entanto, assim que terminou de falar, quatro sacerdotes se puseram de pé num salto e pediram-lhe que lhes permitisse viver entre os leprosos. Um deles era Damião.

Mons. Maigret sentiu os olhos turvarem-se de lágrimas ao ver aqueles quatro rostos transbordantes de ardor e sinceridade. Era uma decisão duríssima, que nem mesmo nos dias de hoje

seria fácil tomar, apesar de todos os avanços da medicina e das condições de higiene. Sentiu pesar-lhe sobre os ombros a certeza de que aquela escolha equivalia a uma condenação à morte, pois o escolhido não teria como escapar ao contágio. Observou longamente cada um daqueles jovens que o olhavam ansiosamente, a imaginar que estragos faria a doença naquelas carnes sadias.

Damião percebeu a indecisão do superior. "Monsenhor – disse-lhe, indicando os colegas, que eram todos missionários recém-chegados –, qualquer um destes rapazes poderia facilmente assumir a minha paróquia"... E, sem dar tempo a que o interrompessem, argumentou que quem fosse enviado à colônia teria de contar com uma experiência como a que ele adquirira em Puno e Kohala. O bispo, que sabia perfeitamente da sua coragem e pioneirismo, viu-se obrigado a concordar: não havia dúvida de que era o homem certo para Molokai. E a mão episcopal pousou sobre o ombro de Damião.

– "Esta tarefa – disse-lhe em voz surda, com dificuldade, como se estivesse ditando uma sentença de morte – é de tal natureza que não a poderia impor a ninguém; mas aceito com alegria o seu oferecimento".

E foi tudo. Embora nenhum dos presentes ignorasse que Damião acabava de escolher o martírio, não houve palavras de louvor nem parabéns ruidosos; apenas uns apertos de mão, comovidos e com sabor de despedida.

## A DESPEDIDA (10 de maio de 1873)

Um vapor destinado a Honolulu aguardava no porto o embarque de mons. Maigret. Decidiu-se que Damião o acompanharia, e assim, menos de uma hora depois de ter tomado uma decisão que mudava por completo a sua vida, o sacerdote encontrava-se de novo num barco.

Ao chegarem a Honolulu, souberam que naquela mesma

noite um grupo de cinqüenta leprosos partiria para a colônia. Não poderia haver melhor oportunidade, pensou o sacerdote; se passasse algumas preciosas semanas em Honolulu a cuidar dos preparativos para o exílio, era muito provável que as autoridades, em geral pouco amistosas no relacionamento com o clero católico, encontrassem algum pretexto para impedir a sua partida. Comentou com o prelado que seria aconselhável partir imediatamente, e mais uma vez a sua opinião prevaleceu. Sem ter tido tempo de comprar ou sequer de juntar alguns artigos de primeira necessidade – à exceção de uma camisa limpa e do seu breviário –, subiu no último instante ao barco que levava os leprosos, acompanhado por mons. Maigret, que decidira continuar ao seu lado até que chegasse a Molokai.

O vapor, um navio de cabotagem chamado *Kilauea*, era uma verdadeira "nau dos desesperados". Grupos de leprosos, com as patéticas trouxas em que levavam os seus pertences, amontoavam-se junto à amurada, acenando o último adeus à multidão no cais. Todos usavam os colares de flores tradicionais, mas, ao invés dos alegres cantos de despedida que costumavam acompanhar a partida dos navios, ouvia-se um estranho concerto de soluços e gemidos que fluía e refluía, mas não cessava. O olhar de Damião vagueou pelos rostos amargurados: alguns não aparentavam nenhum sinal da doença; outros estavam tão corroídos pelo mal que o fizeram estremecer.

Removeu-se a prancha de desembarque, soltaram-se as amarras e, à medida que o navio se afastava do cais, ergueu-se um coro uníssono de gritos de agonia, enquanto os condenados e seus parentes se olhavam pela última vez. Os *leis*, os colares de flores, caíram ao mar em nuvens perfumadas, como um último e inútil estertor de esperança; pois, segundo afirma o costume, quem joga flores frescas à água ao deixar Honolulu, com certeza haverá de voltar.

Haviam embarcado também um rebanho de bois, cujos mugidos aterrorizados acompanharam os soluços e lamentos humanos durante todas as horas daquela longa noite. Nem

mons. Maigret nem Damião pensaram em dormir, mas também não trocaram palavra; simplesmente permaneceram sentados no tombadilho, em silêncio, cada qual mergulhado nos seus pensamentos.

Na hora fria e nevoenta que precede o amanhecer, o navio aproximou-se do litoral onde os leprosos seriam desembarcados: *Kalawao*. Como não havia cais, o desembarque tinha de se fazer por meio de botes. Segurando-se a umas cordas, os dois sacerdotes foram escorregando pelo costado oscilante do navio até porem os pés no primeiro escaler que rumou para a praia.

Vista do mar, Molokai avulta ameaçadora e terrível, com os seus precipícios negros e as suas montanhas pontiagudas; naquela fria manhã, ao embate fragoroso das ondas, deve ter-lhes parecido ainda mais inóspita. Piscavam na praia umas luzes vacilantes, e quando o bote escalou a crista de uma onda, perceberam que eram aguardados por uma pequena multidão.

Damião vira leprosos a bordo, e também os vira na sua paróquia, mas nunca tivera ocasião de observar o efeito dos estágios avançados da doença como no momento em que desembarcou naquela praia. As pessoas que o receberam pareciam restos de seres humanos, apodrecidos, inchados e disformes num grau impossível de imaginar. Quando o viu empalidecer diante dessa cena de horror, mons. Maigret convidou-o a reconsiderar a decisão, mas o sacerdote sacudiu firmemente a cabeça, respondendo-lhe que estava tão disposto a ir avante como o estivera em Mauí. Permaneceria em Molokai, custasse o que custasse.

Depois que os últimos passageiros desembarcaram, o escaler permaneceu na praia, à espera do bispo que, comovido e taciturno, relutava em separar-se do seu missionário. Foi um momento difícil; por muito convencido que estivesse da necessidade daquela missão, mons. Maigret procurava adiar o mais possível o momento definitivo em que deixaria o jovem sacerdote entregue ao seu destino na praia inóspita. Por fim, foi interrompido nas suas hesitações pelo impaciente contramestre,

que lhe bradou não ser possível esperar mais. Incapaz de encontrar palavras para Damião, o prelado voltou-se para os leprosos que o rodeavam:

– "Até agora, meus filhos – disse-lhes na língua nativa –, vocês estiveram abandonados e sem ajuda nenhuma. Mas não será mais assim; trouxe-lhes alguém que será como um pai, alguém que os ama tanto que, pelo bem-estar de todos e pela salvação das suas almas imortais, não hesitou em tornar-se um de vocês, a fim de viver e morrer aqui".

Ergueu as mãos para abençoá-los e Damião caiu de joelhos, descobrindo a cabeça. Trocaram umas poucas palavras de despedida e a seguir, mergulhada no mais absoluto silêncio, a multidão observou o bispo caminhar para o bote, o único elo que os ligava a esse mundo exterior que deixara de existir para eles. O contramestre gritou uma ordem rouca e os remos mergulharam na água. Sentindo uma enorme solidão abater-se sobre ele, Damião observou o barquinho tornar-se menor e menor, até alcançar o costado do navio.

O sol já havia nascido, e o sacerdote pôde ver içarem o escaler para bordo. Uma branca nuvem de fumaça surgiu no topo do castelo de proa e o ranger das correntes deu-lhe a perceber que estavam levantando a âncora. Como um sussurro vindo de outro planeta, ouviu a voz do oficial da ponte que supervisionava a operação, e ainda conseguiu ver uma minúscula silhueta negra erguer o braço num último adeus.

O apito gemeu lugubremente. A silhueta do navio, com a mastreação recortada contra o céu pálido, afastou-se rumo ao alto mar. Era a despedida.

# A "MORTE ANTES DA MORTE"

## O FLAGELO

Os antigos egípcios chamavam à lepra "a morte antes da morte". É uma descrição apropriada para esse mal que, ao longo de muitos séculos, foi conhecido como a mais incurável e temida das doenças. Os escribas hebreus falam dela com horror, e os textos gregos e romanos provam-nos que esses povos partilhavam do mesmo sentimento. Só em épocas relativamente recentes (1874) é que se conseguiu isolar e identificar o microorganismo causador (*Mycobacterium leprae*), e foi apenas com o aparecimento das sulfas, a partir de 1933, que se pôde chegar a um tratamento efetivo; até hoje, porém, não se conhece nenhuma vacina específica, de modo que estamos longe de uma erradicação completa dessa doença que, embora dramaticamente reduzida, continua a ser em determinadas regiões um dos piores flagelos que assolam a humanidade.

A acreditar nas tradições conservadas nos hieróglifos, parece ter sido no vale do Nilo que esse mal surgiu pela primeira vez, há cinqüenta séculos. Não se sabe ao certo quando irrompeu na Europa, embora provavelmente não tenha sido antes da invasão do Egito pelos romanos, em 30 a.C.; os soldados e os marinheiros sempre foram notórios agentes de dispersão das doenças infecciosas. Do que não há dúvida é de que chegou à Germânia vindo de Roma, no rasto dos legionários.

Em 550 d.C., havia atingido a distante Irlanda, e a partir dessa data espalhou-se tão rapidamente que poucos anos mais tarde já havia leprosários na Inglaterra. Na época das Cruzadas, assumiu subitamente as proporções de uma epidemia; se não é verdade que os cruzados foram responsáveis pela introdução da doença no norte da Europa, como às vezes se escreveu, não há dúvida de que trouxeram consigo germes suficientes para deflagrar a calamidade, que coincidiu precisamente com o seu regresso.

Durante os séculos XII e XIII, a devastação assumiu proporções monstruosas. Estima-se que, pelo menos durante algumas décadas, um quarto da população da Europa do Norte era constituída por leprosos. A Inglaterra foi o país mais afetado, pois a doença encontrou ali condições adequadas para desenvolver-se: a higiene pessoal e o saneamento urbano encontravam-se em estado calamitoso, as cidades eram densamente povoadas, sujas e desprovidas de esgotos, e a dieta da maioria dos cidadãos parece ter consistido em pão de centeio, carne salgada e peixe em salmoura. A maior parte das pessoas não tinha o hábito de comer legumes e frutas frescas, e pouca gente trocava de roupa para dormir ou descansar. As regras de higiene ditadas outrora pelo bom senso dos hebreus tinham sido abandonadas; só continuava em vigor a terrível prescrição da Lei mosaica: *Todo o homem atingido pela lepra terá as suas vestes rasgadas e a cabeça descoberta; cobrirá a barba e clamará: "Impuro! Impuro!" Enquanto durar o seu mal, estará impuro e habitará só, fora dos acampamentos* (Lev 13, 45-46).

*Impuro!* Esse trágico clamor ressoou por toda a terra, enquanto os afligidos eram expulsos das cidades e se ditavam novas leis contra eles:

"O leproso não deverá andar sem um capuz negro.
"Não deverá entrar nas igrejas, moinhos e padarias.
"Não deverá freqüentar feiras ou mercados.
"Não deverá lavar as mãos e o rosto nas fontes públicas.

> "Não deverá tocar em nada, a não ser com o seu bastão.
> "Se lhe dirigirem a palavra, não deverá responder enquanto o seu interlocutor estiver a favor do vento.
> "Não deverá andar por caminhos estreitos ao fim do dia.
> "Só poderá morar em campo aberto, longe dos homens e das estradas".

Quem tivesse contraído o mal era considerado civilmente morto e os seus bens distribuídos entre os herdeiros. Ao menos é reconfortante saber que se tomavam todos os cuidados para verificar se o suspeito efetivamente sofria de lepra. Examinavam-se meticulosamente o seu passado e a sua família, pois a responsabilidade que pesava sobre o juízo dos médicos era enorme. Uma vez confirmado o diagnóstico, emitia-se um atestado público de que o interessado era leproso perante Deus e os homens. O documento era redigido mais ou menos nestes termos:

> "Nós, médicos juramentados, examinamos este homem por ordem das autoridades a fim de verificar se é leproso, e relatamos o seguinte:
> "Descobrimos que a sua pele, principalmente no rosto, apresenta borbulhas e tem cor arroxeada. Arrancamos um pelo da sua barba e outro da sua pestana, e na raiz de cada um encontramos um minúsculo pedaço de carne. Descobrimos pequenos inchaços ao redor das sobrancelhas e atrás das orelhas. A expressão do rosto é fixa e imóvel. O hálito é malcheiroso e a voz rouca e nasal.
> "Em virtude destes e de outros sintomas inconfundíveis, declaramos solenemente que se trata de um leproso".

O infeliz era então entregue às autoridades eclesiásticas que, via de regra, iam à sua casa depois da meia-noite para animá-lo a aceitar a doença enviada por Deus e ajudá-lo a conformar-se com a sua sorte. Aspergiam-no com água benta e a seguir conduziam-no em procissão solene até à igreja, onde se celebrava na sua presença a missa de réquiem, com os mesmos paramentos

que se usavam na liturgia de defuntos. Com essa resignação fatalista tão própria da natureza humana, os parentes e amigos assistiam à cerimônia vestidos de luto rigoroso e com lágrimas nos olhos, como se já estivessem diante de um cadáver irremediavelmente perdido para este mundo.

A partir desse momento, o doente deixava de ser uma pessoa para tornar-se apenas uma lembrança querida na memória dos seus. Podia-se rezar pela salvação da sua alma, mas quase nada se podia fazer pelo seu corpo. Mais ainda, a lúgubre cerimônia não terminava na igreja, mas no cemitério, onde o leproso devia ajoelhar-se ao lado de uma cova recém-aberta, enquanto o sacerdote lançava um punhado de terra sobre a sua cabeça em sinal de que estava enterrado aos olhos dos homens e de que, embora ainda respirasse, o seu corpo estava daí em diante destinado à sepultura. A seguir, recebia as poucas posses que podiam acompanhá-lo no seu exílio: um capuz negro, uma cesta de vime, luvas especiais, um barril e um longo bastão com um chocalho na ponta. "Recebe este chocalho, diziam-lhe, para advertir os homens da tua presença impura". E ao soar este instrumento, os circunstantes persignavam-se e desapareciam, e os mais cruéis armavam-se de pedras e espantavam o infeliz em outra direção.

## OS LEPROSÁRIOS

À medida que a epidemia se alastrava, esses costumes duríssimos tornaram-se cada vez mais impraticáveis. Havia leprosos por todos os lados; os nobres e os ricos podiam precaver-se, mas entre as classes pobres o problema atingiu tal volume que chegou a ameaçar a própria sobrevivência dos povos.

Foi a Igreja quem finalmente encontrou o remédio. Acumulem-se os preconceitos que se quiserem acumular sobre as fraquezas da Igreja medieval, é impossível negar que foi somente graças aos esforços heróicos e perseverantes dos religiosos e clé-

rigos que o mal acabou por ser varrido da Europa. Enquanto nos campos e cidades os homens traçavam o sinal-da-cruz e fugiam espavoridos, ou recebiam os "lazarentos" a pedradas, inúmeras ordens religiosas antigas e novas transformavam os seus mosteiros em hospitais e leprosários. No século XIII, chegou a haver nada menos que duas mil dessas casas, e na Inglaterra fundaram-se mais de duzentas!

A primeira regra desses "lazaretos", fielmente observada, era: "Todos os hóspedes que vierem deverão ser recebidos como se fossem o próprio Cristo". Mesmo nos piores períodos de fome e pestilência, guerra ou perseguição, ninguém foi rejeitado, e qualquer pessoa, independentemente da sua posição social, recebia a mesma acolhida carinhosa e igual tratamento*. Cada lazareto tinha o seu próprio regimento interno, que variava muito de acordo com os costumes, mas, apesar dessa falta de uniformidade, no seu conjunto esses "hospitais de Deus" foram um imenso sucesso, e os primeiros a reconhecê-lo foram os doentes.

Pela primeira vez na história, os leprosos foram tratados com consideração; eram bem alimentados (sabemos, por exemplo, que num dos lazaretos a ração diária era de um pão grande e um litro de cerveja, acompanhados semanalmente de uma dieta variada de queijo, carne e peixe), recebiam roupas adequadas, tinham um teto sobre a cabeça e, sobretudo, encontravam quem os atendesse espiritualmente. Existem ainda diversas igrejas medievais em que podemos observar o que se chama a "janela dos leprosos", uma abertura baixa na parede do presbitério, normalmente protegida por grades através das quais os leprosos, reunidos no pátio externo, podiam assistir à missa e até comungar, privilégio que o liberal pontífice Gregório II lhes concedera já no século VII.

---

(*) Acerca do papel que a Igreja medieval desempenhou no cuidado dos doentes e feridos de guerra e no desenvolvimento dos modernos serviços de saúde, veja-se Daniel-Rops, *A Igreja das catedrais e das cruzadas*, Quadrante, São Paulo, 1993, cap. VI, par. *Da caridade de Cristo à previdência social* (N. do E.).

Mas a lepra não foi a única doença epidêmica da Idade Média. A falta de asseio pessoal, a ausência de saneamento, o alto grau de imoralidade dos costumes e a contínua movimentação de peregrinos, cruzados e simples vagabundos contribuiu para a disseminação do tifo, da cólera, de gripes, sarna, sífilis e por fim da peste negra, o pior de todos os flagelos conhecidos, que varreu a Europa depois das sucessivas ondas de lepra. Enquanto as outras doenças traziam consigo uma lenta e dolorosa agonia, a peste causou o desaparecimento repentino de quase um quarto da população do mundo conhecido, trazendo pânico e confusão a uma humanidade desanimada que pensava já ter experimentado a pior de todas as doenças; só na Inglaterra, sucumbiram a esse mal nada menos que 25.000 membros do clero.

As portas dos lazaretos abriram-se para receber as vítimas do novo flagelo, e em breve se descobriu que os leprosos, já com a resistência diminuída, contraíam com facilidade a doença. Assim, numa espécie de amarga ironia, até a peste negra acabou por ter um efeito positivo: quando a epidemia passou, tão rapidamente como tinha aparecido, descobriu-se que quase já não havia leprosos. Os remanescentes foram mantidos rigorosamente isolados e, como resultado, já em 1346 não havia um único leproso em Londres. A doença continuou a declinar rapidamente também no resto da Europa e, embora tenha persistido algum tempo na Escócia, desapareceu quase por completo em fins do século XV.

## A MEDICINA

A Medicina não era então a ciência avançada e respeitada dos dias de hoje. O primeiro livro sobre a matéria impresso na Inglaterra – com o florido título de *A Passing Gode Lityll Boke Necessarye and Behovefull Agenst the Pestilence*, que se pode traduzir mais ou menos como: "Um excelente pequeno livro

necessário e útil contra a pestilência" –, escrito originalmente em latim pelo médico papal Jean Jasme, apareceu em 1480; era um volume *in-quarto* de apenas doze páginas. Remédios e instrumentos cirúrgicos dignos de confiança eram tão raros como a bibliografia médica, e os esculápios – com exceção de alguns pioneiros do século XV, como Paracelso, Vesálio e Paré – eram via de regra autodidatas mais ou menos desorientados que gostavam de exibir os seus conhecimentos, lidos às pressas em algum cartapácio latino de Galeno, ou charlatães itinerantes que aprendiam a sua profissão com os barbeiros, ciganos, agentes funerários, cartomantes e parteiras.

No que dizia respeito aos leprosos, a tradição ditava que os médicos deviam considerar encerrado o seu trabalho uma vez feito o diagnóstico e identificada a doença. Nos lazaretos, os religiosos cuidavam dos leprosos, confortando-os e consolando-os e mesmo vendando-lhes as feridas, mas não se sabe de nenhum médico que tivesse tentado aplicar qualquer método de tratamento.

O século XVII trouxe cabeças brilhantes – foi a época de Shakespeare, Milton e Cervantes, Bacon, Newton, Rembrandt, Raleigh e muitos outros, cujos nomes continuam a ser sinônimos de genialidade e talento – e uma melhora geral no nível de ensino científico. As Universidades de Bolonha, Pádua e Pisa, bem como as de Paris e Montpellier, além de algumas outras instituições, passaram a formar estudantes de Medicina versados nos conhecimentos tradicionais e bastante céticos com relação ao emaranhado de crendices, charlatanismo e magia que cercavam a profissão.

Curiosamente, ao lado desse surto inegável da ciência médica e do brilho dos talentos pessoais, a administração hospitalar desabou para níveis inferiores aos dos séculos precedentes. Com o fim da peste negra, a maior parte dos lazaretos fora fechada, e os que tinham sobrevivido haviam sido confiados às autoridades civis, transformando-se com o tempo em covis repletos de uma sujeira inimaginável, onde os doentes eram alimentados

ou tratados ao deus-dará. Por incrível que pareça, essa situação não foi esporádica: a ciência médica continuou a avançar, mas, para vergonha geral, até meados do século XIX não houve praticamente melhora alguma na administração da saúde pública. Os hospitais passaram a ser evitados o mais possível; eram lugares de péssima reputação, onde se abandonavam os pobres para morrerem.

Como vimos, antes do aparecimento dos remédios modernos, uma enfermagem cuidadosa e um ambiente tranqüilo eram as únicas coisas que podiam proporcionar algum alívio a um leproso. Do século XV até o tempo de Damião, porém, os atingidos por esse mal tiveram de prescindir delas; mais ainda, pode-se dizer que passavam pior do que na Idade Média. Era do conhecimento comum que o leproso devia ser isolado e, como já não havia epidemias, mas apenas vítimas relativamente raras e espalhadas, geralmente originárias das classes pobres ou dos países colonizados, a sentença de segregação significava na prática uma sentença de prisão perpétua nalguma ilha isolada, capaz de fazer tremer o mais empedernido criminoso naquelas épocas de torturas e procedimentos penais fantásticos.

Seria necessária a imaginação de um Dante para descrever a privação e a crueldade daquelas miseráveis prisões onde se negava a umas criaturas esquecidas, já condenadas a enfrentar a mais horrível das mortes, o pouco de vida que ainda lhes palpitava no corpo. Alvo da repulsa geral, temidos por todos, os leprosos tinham de enfrentar a cruel verdade de que eram indesejáveis neste mundo e de que, quanto antes se fossem, melhor seria para o resto da humanidade. Essas eram as chocantes condições da maioria das colônias de leprosos existentes no mundo quando, naquela melancólica manhã de maio de 1873, um sacerdote belga desembarcou na praia situada diante da mais aterradora de todas elas: a colônia de Kalawao, na ilha de Molokai.

# 10 DE MAIO DE 1873

## A CHEGADA

Damião estava só e a solidão pesava-lhe. Era difícil sentir qualquer afinidade com aqueles seres viventes que o rodeavam. Não tinham rosto ou, se o tinham, estava a tal ponto desfigurado que não guardava semelhança alguma com um rosto humano. Ao invés de olhos, umas crateras cheias de pus; no lugar do nariz, chagas abertas, infectas, que se estendiam até aos lábios apodrecidos. As orelhas, inchadas até o dobro ou triplo do seu tamanho normal, pendiam como massas disformes ou se haviam corroído até quase desaparecerem. As mãos tinham perdido os dedos e alguns braços não passavam de cotos, os pés e as pernas eram igualmente repulsivos e os corpos da maioria dessas pobres criaturas estavam inchados aqui e deformados acolá, sem nunca preservarem a forma natural.

Havia alguns a quem a doença ainda não tinha desfigurado, mas Damião não reparou neles; involuntariamente, os seus olhos viam-se atraídos pelos horrores que presenciava, pois antevia neles o seu próprio destino. Pensou que aquelas criaturas certamente representavam os casos mais avançados, o último estágio da doença, mas enganava-se: ainda não vira os casos piores, aleijados demais para percorrerem os quatro acidentados quilômetros que separavam da praia os seus miseráveis alojamentos.

Muitos anos mais tarde, o escritor Robert Louis Stevenson visitaria a colônia. Nessa época, as condições haviam melhorado

muito graças ao trabalho do sacerdote; havia ordem e limpeza, mas mesmo então o escritor estremeceu ao contemplar o espetáculo, que descreveu como "uma tortura diante da qual os nervos do espírito humano se encolhem, como os olhos se contorcem diante da luz do sol [...]. É um lugar terrível para se visitar e um inferno para se morar [...]. Não sou mais medroso que a maioria dos homens, mas não consigo recordar os dias e noites que passei naquele promontório (oito dias e sete noites) sem dar muitas graças por achar-me agora em outra parte"... Quanto aos habitantes, pareceram aos seus nervos abalados "deformações cruéis da nossa comum humanidade. São figuras como as que só de vez em quando nos cercam nos horrores de algum pesadelo".

Foi com uma escolta dessas criaturas que o sacerdote chegou ao improvisado agrupamento de palhoças amontoadas entre enormes pilhas de lixo a que se reconhecia oficialmente o título de "vila". Como em qualquer outra aldeia nativa, havia mulheres e crianças sentadas à entrada das cabanas, mas com uma amarga diferença: as mulheres que Damião viu não riam nem mexericavam alegremente, nem cuidavam dos afazeres domésticos; limitavam-se a permanecer ali, silenciosas e apáticas, embora não tão indiferentes que, tomadas de um resto de pudor, não virassem os seus rostos desfigurados à passagem do homem branco. Também as crianças permaneciam acocoradas com uma solenidade pouco infantil, como se fossem velhos anões de rosto sério; as que estavam infectadas pela doença, com as cabeças inchadas e os corpos enfraquecidos, assemelhavam-se ao reflexo de uns pobres gnomos num espelho côncavo.

As palhoças eram primitivas e ofereciam pouco abrigo, pois na sua maioria estavam feitas de ramos desgalhados apoiados uns nos outros, com uma desleixada cobertura de sapé. Havia sinais de construções mais permanentes, umas poucas paredes em ruínas, sem teto, à sombra das quais viviam famílias inteiras, protegidas da inclemência do tempo unicamente por umas esteiras imundas.

Nem um só recanto daquela aldeia de horror deixou de ser visitado no mesmo dia. Damião percorreu tudo, com o coração a sangrar diante de tanta miséria. Tão deprimente como os efeitos visíveis da doença era a atmosfera de medo e desespero que dominava todo o acampamento; nunca foram tão verdadeiras as palavras colocadas por Dante à entrada do seu *Inferno*: "Abandonai toda a esperança, vós que aqui entrais". O próprio cenário contribuía para o aspecto ameaçador do lugar: as inacessíveis paredes de rocha que subiam até o céu, isolando o promontório do resto da ilha, pareciam as muralhas de uma gigantesca e estranha prisão; os altos blocos de lava negra que se erguiam no meio da vegetação rala eram como lápides retorcidas num enorme cemitério abandonado; e os gritos agudos dos pássaros marinhos, bem como o incessante estrondo da arrebentação, completavam a nota fúnebre.

## A CAPELA

Nesse ambiente depressivo, Damião encontrou por fim um sinal encorajador – uma pequena capela de madeira. Para o seu coração repleto de fé, deve ter sido um momento de profunda alegria aquele em que cruzou a soleira desse lugar de oração e culto. Era uma construção minúscula, muito grosseira e com claros sinais de desleixo, mas era um local destinado à adoração do seu Deus, do Deus Supremo a cujo serviço se tinha aventurado até àquelas ilhas. Ajoelhou-se diante do altar, mas por poucos minutos. Sempre prático, levantou-se e, improvisando uma vassoura com os galhos de uma árvore próxima, começou o seu primeiro trabalho em Molokai – a limpeza da capela de Santa Filomena.

Um leproso católico trouxe algumas frutas, oferecendo-as timidamente ao padre para a refeição do meio-dia. Damião aceitou-as daquelas mãos infeccionadas, sem demonstrar nenhuma repulsa, mas apenas gratidão; queria deixar claro desde o início

que não sentia qualquer temor ou aversão. Outro leproso trouxe-lhe flores e, em pouco tempo, a capela recendia a botões de laranjeira e se adornava alegremente com uns hibiscos amarelos e umas papoulas brancas. Quando terminou a sua tarefa, quatro horas depois, o círculo de espectadores curiosos que se formara à porta havia assumido as proporções de uma pequena multidão; para eles, era um espetáculo inaudito ver um homem branco, de joelhos, ocupado em esfregar o chão, um homem sadio que não os mandava desaparecer da sua presença.

Até àquele momento, o missionário não tivera tempo para pensar em coisas tão triviais (para ele) como o alojamento e a comida, e assim continuou nas horas seguintes. Mal terminou a limpeza da capela, vieram pedir-lhe que encomendasse o corpo de um leproso que falecera no dia anterior.

A morte era por demais corriqueira entre aquela pobre gente para despertar qualquer interesse especial. Na época, calculava-se que um leproso destinado a Molokai sobreviveria em média uns três a quatro anos, e não se passava um dia sem que algum infeliz fosse libertado das suas misérias. A "cerimônia" fúnebre não ia além das medidas necessárias para dar o devido destino ao cadáver com o menor trabalho possível. E o primeiro corpo sobre o qual Damião rezou as orações pelos mortos não dispunha sequer de um caixão; estava enrolado em restos de esteiras e, como não havia carro mortuário – ou qualquer espécie de veículo –, foi carregado até ao cemitério sobre os ombros de quatro leprosos, que, em troca, esperavam receber em breve um favor semelhante.

Damião assustou-se ao ver que a sepultura não passava de uma vala rasa, aberta às pressas a uma profundidade apenas suficiente para receber o corpo. Havia chovido na noite anterior e o cemitério era um mar de lama, mas percebia-se claramente que muitas das covas mais recentes tinham sido remexidas; havia ossos espalhados por toda a parte e o fedor era insuportável, como o de um campo de batalha que os exércitos houvessem abandonado tempos atrás. Para cúmulo de desgraças, um dos

leprosos contou-lhe que, à noite, cachorros e porcos semi-selvagens vinham alimentar-se dos restos enterrados.

O sacerdote rezou as orações pelos defuntos. Quando fechou o missal, tinha a cabeça a transbordar de planos, mas não pôde refletir sobre eles enquanto voltava para a aldeia, porque sentiu que o puxavam pela manga. Era uma velhinha, intocada pela doença, mas encarquilhada e alquebrada pela idade. Não era católica, disse, mas o seu filho sim, e estava morrendo. Poderia o padre acompanhá-la?

A cabana a que o levou estava tão imunda que, no tempo em que lá permaneceu, o sacerdote teve de sair várias vezes para conter a náusea que o dominava. A chuva penetrava livremente pela cobertura esburacada e, tal como no cemitério, a lama chegava-lhe aos tornozelos. Na penumbra, pôde ver o moribundo prostrado sobre uns restos de esteira empapados de sujidade. Vencendo à viva força as ânsias de vômito, ajoelhou-se ao lado do homem que, embora consciente, estava tão deformado pela doença que mais parecia uma massa disforme de carne decomposta; com os dois dedos que lhe restavam na mão direita, segurava fervorosamente as folhas amarfanhadas de um livro de orações sujo e sem capa, e, numa voz que já não passava de um rouco murmúrio, pediu à mãe que parasse de gemer e lamentar-se enquanto o sacerdote fazia os preparativos necessários para administrar-lhe a Unção dos Enfermos.

Com o óleo bento, Damião ungiu-lhe as orelhas chagadas, os olhos, o nariz, as mãos. Quando, porém, chegou a vez dos pés, deparou com um quadro tão horroroso que estremeceu de cima a baixo. Ambas as pernas – ou o que restava delas – jaziam sem vida, paralisadas, mas os pés *moviam-se*: nas palavras do próprio Damião, "estavam sendo devorados pelos vermes". O sacerdote não demoraria a aprender que esse seria o espetáculo que deveria esperar sempre que fosse chamado a administrar os últimos Sacramentos; com efeito, a expressão que acabamos de citar foi usada por ele numa carta para descrever a situação de outro leproso.

O crepúsculo já ia avançado quando o homem expirou, acompanhado pelos gritos lancinantes da mãe. Damião rezou a ladainha dos moribundos e permaneceu mais de meia hora ao lado do cadáver, mergulhado em oração. Depois convenceu a velha a sair com ele, a fim de tratarem das últimas providências, e foi com enorme alegria que a ouviu pedir-lhe para ser recebida na Igreja. Agora que o filho partira, não queria continuar a viver, e, como vira que a religião do sacerdote trouxera paz aos últimos momentos do seu filho, queria um pouco desse mesmo conforto e tranqüilidade para o seu próprio fim, que ela, com essa espécie de premonição própria dos polinésios, estava certa de que não tardaria. Damião batizou-a no dia seguinte, e, efetivamente, a pobre mulher falecia duas horas depois, para ser enterrada, conforme pedira, ao lado do corpo do filho.

Nessa primeira noite na ilha – como aliás em muitas outras –, Damião preparou-se para descansar sobre o chão nu, debaixo de um frondoso pândano que crescia ao lado da capela. Por felicidade, não choveu naquela noite, mas nem por isso devia esperar umas horas de descanso reparador, pois essa árvore tem enormes raízes aéreas pelas quais transitam batalhões de formigas, escorpiões e mosquitos; por outro lado, haveria algum modo de esquecer o que vira nas horas anteriores? Nem um colchão de penas lhe poderia dar um sono feliz.

A NOITE

Como de costume, rezou as orações da noite; a seguir, "acendi o cachimbo e recostei-me contra o tronco da árvore, refletindo". Não sabemos que rumo tomaram os seus pensamentos, mas sabemos que esse foi o primeiro momento livre de que dispôs naquele dia. A noite e o céu anuviado tinham encoberto com o manto impenetrável e sufocante da escuridão a maioria dos horrores que presenciara; só de vez em quando ouvia o barulho das folhas secas ou se assustava com um rosto

deformado que lhe parecia surgir das trevas: dirigia-lhe a palavra, e a visão desaparecia com a mesma rapidez com que surgira. O incessante vaivém que enfrentara durante o dia certamente amortecera a solidão que sentira na praia pela manhã, mas a inatividade da noite deve ter-lhe trazido de volta a sensação de desamparo, com uma força dez vezes maior. Vieram-lhe sem dúvida à memória a tranqüilidade de Tremeloo, o entusiasmo dos dias de seminário, a relativa felicidade que encontrara em Puno e Kohala.

Mas, por mais inevitáveis que fossem as lembranças, não era homem para perder o tempo em nostalgias. Uma coisa é certa: nessas longas horas noturnas, a sua mente transbordou de projetos. Havia muito que fazer em Molokai; na verdade, era uma tarefa tão vasta, tão difícil e intrincada, que qualquer pessoa normal, mesmo que contasse com todo o apoio das autoridades, teria desanimado logo de início. O trabalho teria sido esmagador até para uma equipe de médicos, engenheiros e policiais; que dizer de um solitário sacerdote?

Mas, se Damião não dispunha de meio algum, tinha aquilo que sabia ser o mais importante: a fé, a certeza de que a Providência divina não o abandonaria. Na sua oração, limitou-se a pedir a Deus que não lhe faltasse a fortaleza necessária para cumprir o seu dever, e assim continuou a fazê-lo sempre, pois sempre encarou como um estrito dever o serviço que era chamado a prestar àqueles leprosos; em nenhum momento do resto dos seus dias demonstraria, por qualquer gesto ou palavra condescendente, que se considerava um herói ou um benfeitor por ter-se oferecido para aquela missão.

A noite não se fez acompanhar do costumeiro silêncio. Havia ruídos na aldeia que não diminuíam com o passar das horas: os lamentos repentinos e ocasionais dos doentes mais graves, os brados lancinantes daqueles que a doença havia enlouquecido e a algaravia sem sentido de uma criança retardada. Mas havia também outros ruídos que fizeram o sacerdote levantar-se para tentar decifrar-lhes o significado; por fim com-

preendeu: era algo que parecia impossível naquelas circunstâncias – gritos de bêbados e acessos de gargalhadas que revelavam, para além de qualquer dúvida, uma orgia em alguma das cabanas. Até naquele fim de mundo existiam mulheres da vida, destilarias ilegais, vigaristas, jogadores de cartas e os mais variados criminosos. Num dos relatórios que escreveu mais tarde, dizia assim:

> "O vício reinava em lugar da virtude. Quando chegavam novos leprosos, os velhos apressavam-se a ensinar-lhes o princípio: *Aole kanwai ma keia wahi* – «neste lugar não há lei». Fui obrigado a combater ferrenhamente esse desafio à lei de Deus e às leis dos homens [...].
>
> "Debaixo de tetos primitivos, esses infelizes párias da sociedade viviam na mais revoltante promiscuidade, sem distinção de idade ou de sexo, de casos recentes ou antigos [...]. Muitas mulheres desamparadas tiveram de prostituir-se para poderem cuidar dos seus filhos; mas, quando a doença avançava muito, eram expulsas junto com as crianças e obrigadas a procurar outro abrigo. Com freqüência, eram simplesmente atiradas para trás de um muro de pedra, onde as deixavam morrer, ou então levadas ao hospital e abandonadas.
>
> "Outra fonte de imoralidade era a intemperança. Nas encostas da montanha cresce uma planta a que os nativos chamam *ki*, cuja raiz, fermentada e destilada, produz uma bebida embriagante muito forte [...]. Quando cheguei, a produção dessa espécie de cachaça tinha-se alastrado, e é mais fácil imaginar as conseqüências do que descrevê-las no papel. Sob a influência da bebida, os nativos abandonavam toda a decência e punham-se a correr nus, comportando-se como se estivessem loucos. Só depois de muito tempo, lançando mão ora de ameaças, ora de persuasão, é que consegui levá-los a abandonar essas bebedeiras [...]. Mas, durante longo tempo, não quiseram saber de nada exceto da prostituição e da embriaguez".

Não sabemos se dormiu naquela noite. É mais provável que tenha permanecido acordado, numa vigília de oração e desagravo.

# AS REFORMAS

## UMA CARTA

Foi somente seis meses depois de ter chegado que Damião encontrou tempo para escrever pela primeira vez de Molokai ao seu irmão:

> "Deus dignou-se escolher este seu indigno irmão para assistir uma pobre gente atacada pela medonha doença que o Evangelho menciona tantas vezes: a lepra. Durante estes últimos dez anos, esse mal espalhou-se pelas ilhas e, por fim, o governo viu-se obrigado a isolar os doentes. Encerrados num canto da ilha de Molokai, entre penhascos inacessíveis e o mar, estes infelizes foram condenados a um exílio perpétuo. De um total de *dois mil* que foram enviados para cá, apenas *oitocentos* continuam vivos, e entre estes há muitos católicos. Era necessário enviar-lhes um sacerdote, mas havia um obstáculo sério: como se proibiu toda a comunicação com as outras ilhas, qualquer padre que viesse para cá teria de considerar-se definitivamente enclausurado com os leprosos pelo resto da vida.
>
> "Mons. Maigret, nosso vigário apostólico, disse-nos que não iria impor semelhante sacrifício a nenhum de nós. Mas eu, lembrando-me de que no dia da minha profissão já me havia colocado sob um manto funerário*, ofereci-me a Sua Excelência

(*) Na Congregação dos Sagrados Corações, a cerimônia da profissão, em que o noviço faz os três votos de castidade, pobreza e obediência e é admitido na ordem como religioso, incluía um gesto simbólico: os noviços prostravam-se por terra e eram cobertos por uma mortalha negra, como sinal de que haviam "morrido para o mundo" (N. do E.).

Reverendíssima para ir ao encontro dessa segunda morte, se lhe parecesse conveniente. Pouco depois, um vapor desembarcava-me aqui, junto com um grupo de cinqüenta leprosos que as autoridades haviam recolhido na ilha de Havaí.

"Ao chegar, encontrei uma capelinha dedicada a Santa Filomena, e nada mais: nenhuma casa onde pudesse alojar-me. Dormi por uns tempos debaixo de uma árvore, pois não queria morar sob o mesmo teto que os leprosos. Mais tarde, os comerciantes brancos de Honolulu arrecadaram fundos para ajudar-me e pude construir uma cabana de cinco metros de comprimento por três de largura, na qual me encontro agora, escrevendo estas linhas.

"Bem, já estou aqui há seis meses, rodeado de leprosos, e ainda não contraí a doença; penso que isto revela uma especial proteção por parte do Senhor e da Santíssima Virgem. A lepra, tanto quanto sei, é incurável; parece-me que começa por uma infecção no sangue. No início, aparecem umas manchas descoloridas na pele, especialmente no rosto, e as partes afetadas vão perdendo sensibilidade; depois de algum tempo, essas manchas espalham-se por todo o corpo e, a seguir, surgem as feridas, principalmente nas extremidades. A carne vai-se desfazendo e exala um cheiro fétido; até o hálito de um leproso é tão infecto que empesta todo o ar ao seu redor.

"Custou-me muito acostumar-me a esta atmosfera; certa vez, ao celebrar a missa dominical, senti-me tão sufocado que pensei em deixar o altar para respirar um pouco de ar puro fora da capela, mas consegui controlar-me pensando em Nosso Senhor, quando mandou abrir a sepultura de Lázaro, apesar das palavras de Marta: *Senhor, já cheira mal.* Hoje, o olfato já não me incomoda tanto e sou capaz de entrar nas choupanas dos leprosos sem dificuldade; com freqüência, consigo até ouvir sem repugnância as confissões dos moribundos, cobertos de feridas cheias de vermes. É verdade também que muitas vezes mal sei como administrar-lhes a Unção dos Enfermos, quando vejo que as mãos e os pés nada mais são do que chagas em carne viva.

"Procurarei agora dar-lhe uma idéia dos meus afazeres diários. Imagine um aglomerado de cabanas habitadas por oito-

centos leprosos. Nenhum médico; aliás, como não existe cura possível, não parece haver campo para o exercício da medicina.

"Todas as manhãs, depois da missa e de uma aula de catequese, saio para visitar os inválidos, metade dos quais são católicos. Quando entro numa cabana, ofereço-me para ouvi-los em confissão. Os que recusam este auxílio espiritual nem por isso deixam de receber assistência material. Procuro dá-la a todos sem distinção e, em conseqüência, todos me consideram um pai, com exceção de uns poucos hereges de vistas curtas; quanto a mim, na verdade fiz-me também leproso, para ganhá-los a todos para Jesus Cristo.

"Poderá avaliar a influência que tem um missionário por este episódio. No sábado passado, alguns dos mais jovens, descontentes com a sua sorte e considerando-se maltratados pelo governo, tentaram revoltar-se. Todos, com exceção de dois, eram calvinistas ou mórmons. Bem, bastou que eu aparecesse e lhes dissesse umas poucas palavras, para que abaixassem a cabeça. Tudo terminou ali mesmo.

"Desde a minha chegada, já batizei mais de cem pessoas, muitas das quais faleceram em seguida, ainda revestidas da veste branca da graça batismal. Também já enterrei muitos; em média, há pelo menos uma morte por dia. Alguns encontram-se em tal estado de indigência que nem sequer deixam nada com que pagar as despesas do enterro; são simplesmente enrolados num cobertor e sepultados. Na medida em que consigo dispor de tempo, eu mesmo fabrico os caixões para essa pobre gente"...

## A ÁGUA

Além da sua prodigiosa aptidão para o trabalho manual, Damião possuía outras qualidades que agora se iriam revelar muito úteis. A sua inclinação para as tarefas de liderança e organização permitiu-lhe introduzir pela primeira vez na colônia um começo de ordem e disciplina, coisa que o governo jamais conseguira, nem mesmo com a intervenção das forças armadas.

Com exceção dos católicos, os leprosos haviam encarado a

sua chegada com uma indiferença mal-humorada ou mesmo com notório ressentimento: não era ele um representante daquela raça que fora culpada pelas suas desgraças? Não admira, pois, que, mal o missionário começou a mover uma campanha contra o "regime do vício" reinante, tivesse encontrado pela frente uma oposição declarada. Houve muitos embates tempestuosos e mais de uma vez foi ameaçado de morte, mas a sua coragem não era menor que a sua força física. Em breve deixou claro que não temia homem algum, nem mesmo aqueles leprosos cuja tática consistia em babujar o inimigo de saliva e sangue; todos perceberam rapidamente que, se essa arma funcionara no passado contra os soldados do governo, agora estavam diante de um homem de outra têmpera.

Desde o início, Damião compreendeu que, se queria conquistar o respeito e a confiança daqueles homens, não podia mostrar qualquer temor ou repulsa perante a doença de que sofriam. Ao invés de evitar o contacto com os enfermos, passou deliberadamente a comer dos mesmos pratos que eles e a emprestar-lhes o seu cachimbo. Hoje em dia, este método seria considerado uma loucura, mas não devemos esquecer que o sacerdote estava sozinho naquele lugar empestado e que a única maneira de que dispunha para ajudar aqueles doentes era despertar neles o interesse por se ajudarem a si mesmos. E o primeiro passo nessa direção seria levá-los a perder as suspeitas e a desconfiança com que olhavam o homem branco.

Começou por trabalhar no cemitério, com pá e machado, para pôr um pouco de ordem naquele caos incrível: escavou covas de pelo menos seis palmos de profundidade e, com uns poucos instrumentos que pediu emprestados, passou a fabricar caixões... Calcula-se que tenha construído mais de *dois mil* com as suas próprias mãos, antes de receber alguma ajuda. Como não havia médico na colônia, assumiu também a tarefa diária de visitar os doentes mais graves, lavando-lhes as feridas e trocando-lhes as ligaduras.

A imundície das choupanas e a total ausência de instalações

sanitárias preocupavam-no muito: "Quase todos jaziam prostrados nas suas camas, em cabanas de sapé úmidas. O mau cheiro dos dejetos, de mistura com o fedor das feridas, era simplesmente esmagador, insuportável para um recém-chegado. Muitas vezes, nas minhas visitas a essas choupanas, tive de sair às pressas para respirar ar puro". Agarrou-se com fervor ao seu cachimbo, porque "muitas vezes, foi somente o odor do meu cachimbo que me salvou da náusea e evitou que o cheiro da podridão permeasse as minhas roupas".

Não demorou a perceber que a causa de boa parte dessa situação era a falta crônica de água. Tinham de trazê-la em latas e garrafas velhas de uma fonte tão distante que os mais doentes só podiam obtê-la por obra e graça dos seus companheiros menos incapacitados. Não era raro, pois, que muitos deles chegassem a passar sede, e compreende-se que não quisessem "desperdiçar" nem uma gota lavando as cabanas, as roupas ou mesmo os pensos.

O sacerdote raciocinou que, onde havia montanhas altas, deveria haver também riachos ou fontes; como os nativos não sabiam dizer-lhe nada, decidiu explorar o lugar por conta própria, e acabou por descobrir um reservatório natural no fundo de um vale chamado Waihanau. Era um poço circular com mais de vinte e cinco metros de diâmetro, e uma sondagem rápida mostrou que tinha cerca de seis metros de profundidade; ou seja, era suficientemente grande para não se evaporar num período normal de estiagem.

Criara-se na colônia um cargo de "superintendente", bastante decorativo, ocupado por um leproso que, embora bem-intencionado, recebia pouca atenção tanto por parte das autoridades de Honolulu como dos seus colegas leprosos. O missionário pediu-lhe que escrevesse ao governo solicitando que lhes enviasse canos, materiais de construção, remédios e um médico. O pedido foi, evidentemente, ignorado, mas o sacerdote não desistiu, importunando o funcionário para que continuasse a escrever periodicamente, enquanto ele próprio bombardeava o

Ministério da Saúde com uma avalanche implacável de relatórios e queixas.

O primeiro resultado da sua tenacidade chegou sob a forma de uma remessa de canos e adutoras hidráulicas trazidos a bordo da escuna *Warwick*. Não havia nenhum engenheiro ou mesmo encanador acompanhando a carga, mas Damião, vendo já em imaginação a água jorrando na aldeia, pouco se importou e foi de cabana em cabana à procura de homens suficientemente fortes que se dispusessem a carregar os canos e colocá-los em posição.

Não foi fácil: aquela gente era indolente por temperamento e, além disso, sofria de uma doença que lhes aumentava a preguiça e os deixava entregues à apatia do desespero. Mas era impossível dizer não àquele sacerdote que lhes fazia longos e lisonjeantes discursos sobre a necessidade de trabalhar. Como os havaianos são uma raça sabidamente sensível à oratória, por fim conseguiu reunir um pequeno grupo que desceu com ele até à praia, ao encontro dos marujos da escuna que tinham começado a descarregar os canos.

Esses marinheiros, dignos representantes da sua profissão, eram homens fortes e musculosos, e ao vê-los o padre teve uma idéia. Dirigiu-se ao capitão, um havaiano que fizera o seu aprendizado em navios ingleses e por isso ostentava orgulhosamente a alcunha de *John Bull*(*), e despejou sobre ele uma longa arenga em que apelava para "o seu senso de cavalheirismo, a nobreza do seu caráter e a generosidade do seu coração". Bem-humorado, o oficial deixou-se convencer, e pouco tempo depois uma turma de marujos armados de talhas e cabos ajudava os leprosos a colocar os canos em posição, enquanto o padre e o capitão, servindo-se da areia da praia como prancheta, traçavam os planos para o novo sistema de água encanada.

Uma vez desenhada a planta, Damião pôs-se a supervisionar

---

(*) "João Touro", apelido que designa o campônio inglês, e que se popularizou graças à peça satírica *The History of John Bull* (1712), de John Arbuthnot (N. do E.).

o trabalho e, com as suas próprias mãos, começou a colocar no lugar diversas daquelas enormes manilhas; a topografia era acidentada e o sacerdote feito mestre-de-obras só contava com a sua memória para orientar-se nos detalhes de construção. De qualquer modo, ao fim de alguns dias de esforço hercúleo, um jato ininterrupto de água fresca jorrava no meio da colônia, como demonstração irrefutável de que o sistema funcionava. Instalaram-se torneiras a distâncias regulares, ao alcance das cabanas, e os leprosos descobriram atônitos que dispunham agora de toda a água que quisessem, não apenas para beber, mas para todas as necessidades domésticas. De repente, as longas e cansativas peregrinações até à fonte tinham-se tornado desnecessárias, e uns olhares agradecidos e repletos de uma admiração nova começaram a saudar aquele missionário cuja caridade tinha aspectos tão surpreendentemente práticos.

## PRIMEIRAS REFREGAS

Mas não havia tempo para descansar sobre os louros. A faina diária de abrir sepulturas, fazer caixões, cuidar dos doentes e um sem-número de pequenos afazeres de todo o tipo, para não falar da atenção pastoral dos enfermos, das confissões, da missa e do breviário cotidianos, continuavam a manter o sacerdote intensamente ocupado. É verdade que o seu prestígio entre os leprosos não parava de crescer, mas o mesmo acontecia com a insatisfação e a pena que lhe causavam as condições da colônia.

Oitenta por cento dos leprosos encontrava-se na reta final da doença, mas essa percentagem poderia diminuir se ele conseguisse oferecer a todos um padrão de vida mais elevado. As infectas choupanas eram uma afronta ao seu senso de decência e faziam-no pensar constantemente num modo de substituí-las por alojamentos mais dignos. Um dia, a natureza veio em seu auxílio sob a forma de um furacão que, na realidade, era por

assim dizer uma graça disfarçada. As frágeis construções de galhos e sapé voaram pelos ares e a pesada chuva que se seguiu lavou por completo o lugar. Os habitantes ficaram ensopados até aos ossos e privados de teto, mas Damião, enquanto os ajudava a buscar um abrigo mais higiênico sob a frondosa copa das árvores, considerou aquilo um alívio. Tinha agora em que se basear para dirigir ao governo um apelo que – pelo menos assim o pensava – não poderia ser ignorado. Escreveu, pois, uma longa carta em que sublinhava a necessidade de medidas de socorro imediatas. Por coincidência, no preciso instante em que a terminava, o *Warwick* voltava a lançar âncoras na praia de Kalawao. Meteu-se imediatamente numa canoa e, com a carta no bolso, dirigiu-se à escuna, onde "John Bull" o recebeu com satisfação. Mais uma vez, o padre dirigiu-lhe um colorido discurso em que descrevia a lamentável situação dos leprosos e, por fim, pediu-lhe que, chegando a Honolulu, informasse pessoalmente as autoridades sobre os termos da carta.

– "Por que não vem o sr. mesmo? A sua palavra terá muito mais valor do que a minha", disse-lhe o capitão.

Era uma sugestão razoável, porque Honolulu não distava muito de Molokai e o missionário só teria de ausentar-se por uns poucos dias. Nem bem concordou, e já a cabeça lhe fervilhava de planos: pediria ajuda ao bispo e às freiras; talvez pudesse organizar um comitê de assistência entre os cidadãos mais caridosos; tinha de falar a todo o custo com o Ministro da Saúde... Entretanto, o capitão não perdeu tempo; içou as velas e, momentos depois, um vento favorável os fazia singrar rumo à capital.

O sacerdote deve ter aspirado a brisa salina do mar com profunda gratidão, enquanto admirava o sol a brincar sobre as ondas. Embora curta, era uma mudança de ares bem-vinda, em contraste com a sordidez que aprendera a aceitar cotidianamente. Mas a sua tranqüilidade durou pouco. No dia seguinte, mal a escuna atracou, dirigiu-se à casa de mons. Maigret e, à sombra da varanda emoldurada por trepadeiras, detalhou-

-lhe os seus planos e as suas necessidades. O bispo prometeu-lhe toda a ajuda material possível, mas o Ministério da Saúde reservava-lhe uma recepção bem diferente.

Escrevera já diversas vezes aos funcionários mais graduados, porém era a primeira vez que os procurava pessoalmente. Assim que entrou no prédio e deu o seu nome ao porteiro, a notícia espalhou-se por todas as repartições e começou imediatamente o clássico mecanismo de protelações e obstáculos em que todos os burocratas são mestres. Teve de escrever inúmeras vezes, nos mais variados tipos de fichas, o seu nome e o propósito da sua visita, e foi deixado a mofar horas a fio numa saleta de visitas abafada e desconfortável.

Esse tratamento humilhante era ditado provavelmente pelas ciumeiras que o seu trabalho despertava nos altos escalões e pelo receio de que se pusessem a descoberto as falhas da administração pública. O seu exílio voluntário fora um ato por demais heróico para que a imprensa local pudesse ignorá-lo; poucos dias depois do seu desembarque em Molokai, a 17 de maio de 1873, o *Advertiser of Hawaii* publicava um artigo em que, entre outras coisas, se lia: "Sem que isto signifique nenhuma concessão à doutrina que esse homem professa, temos de proclamar em voz alta: é um herói!"

Quando por fim o ministro condescendeu em recebê-lo, deixou bem claro o que pensava dele: a seu ver, não passava de um intrometido que havia ultrapassado os limites do seu trabalho de missionário. Com mal contida hostilidade, ouviu o que o sacerdote tinha a dizer sobre a extrema necessidade de assistência aos leprosos, mas logo o interrompeu com impaciência, declarando que esses assuntos não eram da sua alçada e que a sua única preocupação deveria ser o cuidado *espiritual* dos *católicos* de Molokai.

Damião olhou o bem-nutrido ministro, refestelado na sua confortável poltrona, e, por trás dos ombros do paletó talhado segundo a última moda, viu surgir diante dos seus olhos a fantasmagórica visão dos horrores de Molokai. E a sua paciência

acabou. Perdendo a cabeça, não mediu as palavras para dizer o que pensava do Ministério da Saúde e dos seus métodos.

– "O sr. parece esquecer, padre Damião – respondeu o outro com a voz trêmula de raiva –, que há uma lei segunda a qual toda a pessoa oriunda da colônia de leprosos está proibida de sair de lá".

– "Eu não sou leproso".

– "Mas o sr. mora com os leprosos e a sua presença aqui constitui uma violação da lei. Suponho que voltará logo para Molokai, mas aviso-o de que, se aparecer novamente por esta cidade ou simplesmente puser o pé do outro lado das montanhas que separam a colônia do resto da ilha, será preso e encarcerado como um criminoso comum!"

– "De tempos a tempos, é necessário que fale com o meu bispo – retrucou Damião com firmeza –, e tenho paroquianos fora da colônia que terei de visitar".

A única resposta do ministro foi sair da sala abruptamente. Uns dias depois, enviou uma carta oficial ao sacerdote, reiterando as ameaças, e Damião respondeu-lhe com brevidade e firmeza que, sempre que os interesses dos leprosos e dos seus fiéis o exigissem, ele se ausentaria da colônia, a despeito de quaisquer medidas injustas que se pudessem tomar.

Em represália, o Ministério da Saúde publicou uma resolução determinando que, no futuro, ninguém que vivesse na colônia poderia subir a um navio ancorado ao largo ou ter qualquer contacto com algum dos tripulantes. Os capitães receberam ordens severas para aplicar a todo o custo essas diretrizes e foram avisados de que a carga a ser desembarcada em Molokai teria de ser transferida para botes descobertos e deixada em algum ponto isolado da costa.

As relações de Damião com as autoridades continuariam tensas até o fim da sua vida. De tempos a tempos, houve breves períodos de armistício, mas na verdade o religioso nunca chegou [...]der a lentidão governamental. Vivendo como vivia

no meio do sofrimento das criaturas mais miseráveis deste mundo, é mais do que compreensível que se exasperasse com as demoras e a ineficiência dos procedimentos burocráticos e oficiais. Em contrapartida, os órgãos públicos consideravam-no "obstinado, teimoso, ríspido e intrometido", e devemos conceder que havia nisso uma certa parcela de verdade.

Mas a situação que o sacerdote tinha de enfrentar exigia um temperamento muito forte, um altíssimo grau de agressividade (no sentido clássico, isto é, enquanto disposição para enfrentar os obstáculos), e um homem mais cordato e diplomático ter-se-ia certamente desesperado diante da oposição que lhe moviam. Nas palavras de Joseph Dutton, que viria a ser seu assistente nos últimos anos, a eterna procrastinação do governo apenas servia para torná-lo "mais veemente e exaltado naquelas coisas que, a seus olhos, estavam erradas. Algumas vezes, disse ou fez coisas de que depois se arrependeu [...], mas, para além de todos os desentendimentos, movia-o o sincero desejo de agir corretamente, de levar a cabo aquilo que lhe parecia o melhor. Não há dúvida de que cometeu erros de apreciação, tal como todos nós. Se tivermos isso em conta, entenderemos melhor as dificuldades que surgiram nas suas relações com os funcionários do governo. Aliás, essas relações variaram bastante, e houve épocas em que ele se dava bem com todo o mundo. Além disso, é preciso ter em conta que se esforçava continuamente por superar a sua rispidez".

## A NOVA VILA

Apesar do fracasso junto às autoridades, a viagem a Honolulu foi um sucesso. O bispo levantou fundos para a compra de ferramentas e material de construção, e até o Ministério da Saúde, submetido à pressão da opinião pública, acabou por enviar um carregamento de madeira.

As boas notícias que trouxe ao voltar a Molokai desenca-

dearam uma onda de entusiasmo entre os leprosos. Todos os que tinham condições de trabalhar apresentaram-se para colaborar na construção da nova aldeia. Os homens, a muitos dos quais faltava pelo menos um membro, arrastavam ou carregavam a madeira para locais previamente roçados e carpidos pelas mulheres e crianças. Descobriram-se alguns colonos com conhecimentos de carpintaria, que da noite para o dia se encheram de brios e em pouco tempo encheram os ares com o som industrioso dos martelos e das serras. As novas cabanas eram sólidas e levantadas sobre fortes estacas, de modo a resistirem às tempestades; foram alinhadas em fileiras regulares e, à medida que se terminavam, iam recebendo uma mão de cal.

Esqueceram-se as tristezas e misérias sob a embriaguez do trabalho. Homens que se haviam resignado a esperar a morte numa inatividade patética revelavam agora um novo interesse pela vida, e em breve esse lugar, onde o riso fora esquecido e onde cada qual estava abandonado à sua própria sorte, enchia-se das gargalhadas das equipes de construção que se desafiavam mutuamente, para ver qual delas conseguiria acabar uma cabana em menos tempo.

À medida que a aldeia foi adquirindo vida nova, o sacerdote passou a incentivar os moradores a cultivarem as suas hortas. Cada cabana recebia um pedaço de terra anexo que devia ser limpo e plantado com hortaliças e flores. Essas reformas e melhoramentos estenderam-se em breve à vizinha aldeia de Kalaupapa, que também fazia parte da colônia. Damião corria de uma para a outra, exortando e animando, para que a chama do entusiasmo não esmorecesse. Não fosse ele quem era, ter-se-ia deixado absorver completamente por essa atividade de direção administrativa, dispensando-se de qualquer esforço físico; mas, a não ser nos momentos em que atendia aos seus deveres sacerdotais, ninguém jamais o viu sem um martelo na mão, ou uma plaina ou outra ferramenta qualquer. Calcula-se que colaborou na construção de nada menos que *trezentas* das primeiras casas da nova colônia.

Por fim, construiu-se também a sua própria casa, uma cabana de um único cômodo, como as outras. Com uma coragem que podia parecer temeridade, quis erguê-la nas proximidades do cemitério. Podemos perguntar-nos por que insistiu em escolher para si aquele lugar poluído, ele que sempre exigira para os seus leprosos abundância de ar puro e boas condições higiênicas; mas havia uma razão prática para isso, e era que passava boa parte do seu tempo ali, pois não somente oficiava os enterros, como fabricava os caixões e desempenhava as funções de coveiro...

Outro problema que teve de enfrentar foi o da alimentação. O plano original do governo era que os leprosos cultivassem a terra e produzissem o seu próprio alimento, mas, depois do desastroso fracasso dessa espantosa idéia, uma pequena escuna passara a levar à colônia, a intervalos irregulares, provisões que por ocasião do embarque estivessem disponíveis a preços baixos no mercado de Honolulu.

Ora bem, uma criteriosa seleção dos alimentos é essencial para o bem-estar de qualquer doente, mas em nenhum momento se fez qualquer esforço nesse sentido, além de que as quantidades enviadas costumavam ser clamorosamente insuficientes. Por outro lado, a comida muitas vezes era descarregada em botes deixados à deriva na esperança de que chegassem por si próprios à praia, e em mais de uma ocasião se presenciaram verdadeiras tragédias: um bando de leprosos esfomeados tinha de observar da praia, impotente, como a sua única fonte de suprimentos era tragada pelas ondas de um mar encapelado.

Essa era a situação quando Damião chegou a Molokai, e também neste campo a mudança não demoraria a fazer-se notar. Graças às suas cartas, aumentou-se o volume dos suprimentos enviados e um vapor com escala regular passou a substituir as visitas ocasionais da velha escuna. Mesmo assim, o sacerdote nunca chegaria a sentir-se plenamente satisfeito com os resultados obtidos: até o fim da sua vida, esta seria uma das prin-

cipais causas da sua infindável controvérsia com as autoridades. Cinco anos depois da sua chegada, continuava a clamar: "Mandem mais alimentos", e dez anos mais tarde ainda solicitava "o luxo de um pouco de leite".

Roupas, ligaduras e remédios eram outros tantos itens que constavam regularmente dos seus volumosos relatórios e pedidos. Muitas vezes teve de reiterar que os leprosos, cuja resistência já naturalmente se encontrava combalida, vinham morrendo não tanto por causa da doença como de outras infecções secundárias. Nesta frente de batalha, obteve a sua primeira vitória quando o governo lhe enviou uns suprimentos médicos básicos, suficientes para abastecer duas pequenas farmácias, uma em cada aldeia.

Com o tempo, puderam também vender-se na ilha umas roupas simples, e cada leproso passou a receber dos cofres públicos a generosa pensão de *seis dólares* por ano para comprar um mínimo de roupa. Damião protestou contra essa quantia mesquinha, mas não pôde deixar de alegrar-se porque esse subsídio, por mais insignificante que fosse, marcava um novo ponto de partida. Junto com os donativos enviados pelo bispo e pelas freiras, essa verba permitiu que os leprosos deixassem de andar seminus e pudessem vestir-se com uma certa decência.

Outra das reformas que teve em vista desde o início foi a do "hospital", um telheiro a ponto de desabar que na prática servia apenas como "depósito de moribundos": era lá que se abandonavam os leprosos sem família ou amigos, para morrerem como pudessem. Damião reconstruiu o edifício, instalou catres, persuadiu alguns dos leprosos menos afetados a trabalhar como enfermeiros e ele próprio assumiu o papel de médico, lavando e vendando diariamente as feridas dos internados. É comovente observar que até 1887, isto é, até dois anos antes da sua morte, reservou para si essa tarefa particularmente repugnante.

Fazia tudo isso e muito mais, mas mesmo assim nunca descurou um só momento o seu trabalho pastoral. Apesar da

multidão de coisas a fazer que continuamente lhe "puxavam da manga", conseguiu construir "mais uma capela na outra extremidade da colônia [em Kalaupapa], a uns cinco quilômetros de distância daqui". Como é óbvio, mais uma vez assumiu as funções de engenheiro, carpinteiro e peão de obra. Numa carta aos pais, escrevia: "Não me envergonho de fazer de pedreiro ou carpinteiro, se é para a glória de Deus. Nos dez anos que já passei nesta missão, construí uma igreja ou capela por ano. O costume que tinha aí em casa, de fazer um pouco de tudo, foi-me imensamente útil aqui".

As cerimônias litúrgicas tornaram-se uma espécie de evento social na colônia. Atraíam um número crescente não só de católicos, mas também de protestantes e não-cristãos, pelo esplendor do rito e pela beleza da música; com efeito, além do seu significado religioso, constituíam a única fonte de entretenimento de que os leprosos dispunham. Reconhecendo a importância desse aspecto, Damião observava minuciosamente os detalhes do ritual, celebrava a missa com a maior solenidade, e a freqüência à igreja cresceu tanto que pôde escrever a mons. Maigret:

> "Espero que Va. Excia. Revma. se alegre de saber que, desde o momento em que o deixei até o dia de hoje, houve uma profunda transformação no estado de espírito desta população. Já por três domingos consecutivos mal vem havendo lugar na capela para os meus fiéis, cristãos e catecúmenos. Ontem fui obrigado a pedir aos que assistem à missa diariamente que se colocassem do lado de fora, junto às janelas, os homens de um lado e as mulheres do outro. Mais de trinta pessoas ficaram lá fora, e mesmo assim o interior estava tão apinhado que praticamente ninguém se podia mexer.
>
> "Cada semana tenho batizado de seis a doze neófitos. Além da missa, os fiéis assistem a umas reuniões que organizamos nas tardes de domingo para os doentes; nessas ocasiões, somente em Kalawao, quatro ou cinco residências ficam lotadas *a ku mawaho*, até transbordarem; são presididas pelos meus *luna*, os meus catequistas.

"Quanto a mim, depois da missa e dos batismos, tomo o desjejum e vou a Kalaupapa, onde tenho três reuniões diferentes: uma com os cristãos não-leprosos mais antigos do distrito, outra com os doentes que moram perto do ponto de desembarque e a terceira com os que moram na parte alta da aldeia; estes últimos são mais ou menos uns trinta.

"Ainda não achei um momento apropriado para ausentar--me da colônia. A visita semanal a todos os meus paroquianos doentes consome a maior parte do meu tempo. Na próxima semana, porém, espero poder visitar o resto da ilha, isto é, se já estiver curado de um pé que está um pouco inchado por causa de um ferimento.

"É-me difícil dizer o que é mais urgente: por um lado, a capela de Kaluaha é absolutamente necessária, embora não saiba se poderei construí-la eu mesmo, porque teria de ficar muito tempo longe dos meus paroquianos moribundos de Kalawao; por outro, é preciso ampliar pelo menos em três metros a igreja de Santa Filomena, como os fiéis me têm pedido com insistência [...]. De um modo ou de outro, *he mea lealea no u wa hana kamana*, a verdade é que me agrada o trabalho de carpinteiro".

Efetivamente, esse era o seu único passatempo: os raros momentos de lazer que conseguia, gastava-os construindo molduras para janelas, portas e pequenas peças de mobiliário, que depois distribuía entre os que mais precisassem.

# AS ALMAS

## A CONFISSÃO

Damião era o único sacerdote na ilha, e havia católicos não--leprosos que moravam do outro lado das montanhas que isolavam a colônia. Também esses não tiveram de esperar muito tempo por uma visita sua. Um dia, contrariando a proibição do Ministério da Saúde, prendeu às costas um altar portátil, escalou as montanhas e deu a volta inteira à ilha. Verificou que havia desse outro lado católicos suficientes para justificar a criação de um novo distrito e escreveu ao bispo sugerindo-lhe que enviasse outra pessoa para cuidar deles; assim poderia dedicar-se exclusivamente à colônia e não tornar a transgredir a resolução do Ministério. Mons. Maigret, que nunca deixaria de atendê-lo em tudo o que pedia, enviou-lhe o pe. Andrew Burgermann.

Quando o novo sacerdote chegou, Damião confiou-lhe temporariamente os seus leprosos. Tornou a escalar as montanhas e permaneceu na parte sul da ilha até terminar a construção de mais uma igreja, por sinal bastante arrojada pelos padrões da ilha, pois media quinze metros de comprimento por sete de largura e dispunha de uma torre de dezoito metros! Foi nesses dias de trabalho – em que se alojava ora numa casa, ora noutra dos paroquianos – que se deu um incidente que, apesar de embaraçoso em si mesmo, nos permite avaliar o calibre da sua fidelidade.

Certa noite – assim o confidenciou quinze anos mais tarde a Dutton, que nos conta o sucedido –, "quando repousava numa daquelas cabanas, uma jovem nativa deitou-se ao seu lado".

Não devemos descartar totalmente a hipótese de que a moça tivesse agido inocentemente; no entanto, pelo que conhecemos dos costumes sexuais dos nativos, parece mais razoável supor o contrário: Damião possuía em alto grau todos os atrativos que podem provocar uma mulher. Era uma pessoa importante, admirada por todos, e tinha uma compleição física magnífica e atraente. Contava apenas trinta e quatro anos e estava em pleno vigor da maturidade. Além disso, havia o desafio dos votos, que curiosamente parece ter um efeito especial sobre certas mulheres.

No entanto, quando acordou e percebeu o que estava acontecendo, "levantou-se imediatamente, saiu pela porta fora e permaneceu a noite inteira ao relento"... São umas poucas palavras lacônicas, mas que nos revelam toda a inteireza da sua conduta.

No mesmo relato, Dutton acrescenta: "Ocasionalmente, levantaram-se na imprensa dúvidas sobre a sua castidade. Nesta matéria, limito-me a afirmar que tenho a absoluta certeza de que não incorreu em qualquer impureza durante todo o tempo em que o conheci. [...] Nunca me passou pela cabeça qualquer dúvida de que não tivesse vivido fielmente essa virtude ao longo de toda a sua vida, e tenho a impressão de que nunca pensou sequer nessas coisas".

Terminada a construção da nova igreja, voltou à colônia e entregou as chaves ao pe. Burgermann. Este tentou improvisar um discurso de agradecimento, mas foi prontamente atalhado pelo colega, que lhe disse que essa curta ausência tinha sido um verdadeiro "período de férias" para ele, e que "o trabalho manual e o ar puro lá fora tinham sido excelentes para a sua saúde".

Feitas as despedidas, retornou aos seus afazeres diários. Com os conhecimentos que havia adquirido folheando certa vez um compêndio médico, acrescentou um primitivo esquema de cirurgias às suas atividades: passou a amputar os ossos podres e

membros mortos dos seus leprosos. Não dispunha de sala cirúrgica nem de instrumentos esterilizados ou de luvas de borracha que lhe protegessem as mãos da carne putrefata; a sua única profilaxia eram água e sabão, e tinha de trabalhar sobre uma tábua nua com umas ferramentas de marceneiro fazendo as vezes dos instrumentos ortopédicos. Por outro lado, os pacientes não precisavam de anestesia, pois uma das principais características da lepra é precisamente que os membros mais afetados perdem quase que por inteiro a sensibilidade.

Mas, por mais repugnante que pudesse ser essa tarefa, não era nem de longe tão penosa – ou mesmo perigosa do ponto de vista médico – como as confissões que ouvia diariamente. A lepra ataca fortemente a laringe e em muitos doentes a voz vai decrescendo gradualmente até não passar de um sussurro; nesses casos, Damião tinha de aproximar tanto o ouvido da boca dos penitentes que recebia em pleno rosto todo o seu fétido hálito. E havia situações piores: por vezes, os leprosos desenvolvem uma espécie de asma que provoca súbitos acessos de tosse seguidos de hemorragia, e o padre era inevitavelmente atingido pelo sangue expectorado. Essas situações tornaram-se tão freqüentes que acabou por resignar-se a ouvir as confissões com uma bacia de água e uma toalha limpa sempre à mão.

Apesar de todas as dificuldades e incômodos que a administração do Sacramento da Penitência lhe trazia, nunca deixou de incentivar os seus fiéis a confessar-se e insistiu muito na necessidade de que recorressem a esse instrumento da graça divina também como meio de obterem conforto espiritual.

Não é raro que alguns não-católicos critiquem a confissão, geralmente argumentando que não conseguem compreender como pode um homem ajoelhar-se diante de outro e contar-lhe os segredos mais íntimos da sua mente e do seu corpo. Na verdade, porém, quando um católico se ajoelha diante do seu confessor e diz: "Abençoai-me, Padre, porque pequei", e ouve em resposta: "O Senhor esteja em teu coração para que, arrependido, confesses os teus pecados", a relação entre eles deixa

de ser a de simples igualdade entre dois cidadãos quaisquer. O penitente torna-se pela fé um protagonista principal, embora passivo, do Sacramento da Penitência instituído por Cristo, e o confessor, na qualidade de sucessor dos Apóstolos e *em nome do próprio Deus*, exerce o papel de um juiz instituído pelo Senhor para *perdoar ou reter* os pecados dos homens (cf. Jo 20, 22-23). Além disso, tudo o que o sacerdote ouve em confissão passa a constituir um segredo absoluto, que não se pode violar em hipótese alguma, mesmo que com isso se ponha em risco a vida do confessor ou de uma terceira pessoa.

Devido a esse sigilo absoluto, formou-se em torno dos sacerdotes católicos, pelo menos entre os protestantes e mais concretamente na literatura anglo-saxônica, uma certa aura de mistério e fascinação. Ora bem, à parte o aspecto sacramental, não é difícil a um leigo imaginar como é esgotante a tarefa do confessor. Que mistério ou que fascínio pode haver em permanecer horas a fio sentado dentro de um confessionário, dia após dia, semana após semana, ano após ano, ouvindo sempre as mesmas e repetitivas histórias de fraquezas, anseios e vaidades? Pois nem mesmo nos seus erros costumam os homens mostrar grande criatividade.

Convém ter em conta, por fim, que é humano buscar conforto contando os próprios problemas a alguém, e que as clínicas psiquiátricas mais lucrativas vivem dessa tendência natural... Mas nenhum médico, por maiores que sejam a sua fama, os seus títulos ou as suas qualidades, é capaz de comunicar aos seus pacientes a imensa alegria que o dom da absolvição traz ao penitente no confessionário. O arrependimento sincero, aliado ao perdão sacramental, confere uma paz suprema que alivia a consciência e apaga as perplexidades causadas pelos erros passados.

Por sua vez, também o sacerdote é um ser humano, e tem necessidade de consolo e da certeza do perdão divino, sobretudo se possui uma fé gigantesca como a que levou Damião à lúgubre Molokai. Não era por ser missionário, por ensinar aos outros

que deviam tomar consciência dos seus pecados, que ele mesmo se julgava isento de culpas. Muito pelo contrário, a sua fé conferia-lhe uma luz mais clara para examinar os refolhos da sua consciência, e a vocação sacerdotal levava-o a exigir mais de si mesmo que do comum dos mortais.

Há um episódio que revela expressivamente o amor com que procurava para si mesmo o Sacramento da misericórdia divina. Pouco tempo depois de promulgada a lei de isolamento total dos habitantes de Molokai, veio visitá-lo o provincial da sua Congregação. Havia meses que ninguém desembarcava em Molokai, e a tranqüila manhã em que finalmente tornou a ouvir o som de um apito e pôde observar um pequeno vapor lançando âncoras ao largo de Kalawao deve ter sido para ele um momento de grande alegria. Apressou-se a lançar um barquinho à água, tripulado por alguns dos leprosos mais apresentáveis, e dirigiu-se ao navio sem saber que, naquele preciso instante, o capitão proibira o provincial de desembarcar, mesmo por uma escassa meia hora.

Quando a canoa se encostou ao barco e o sacerdote estendeu a mão para a escada de cordas que o levaria ao convés, o capitão gritou-lhe que não podia subir a bordo em virtude da nova lei. Desapontado, Damião explicou que só desejava alguns minutos a sós com o seu superior para poder confessar-se, mas o oficial mostrou-se irredutível.

– "Muito bem – respondeu-lhe o religioso –, então terei de fazer a minha confissão daqui mesmo".

E, dito isso, ajoelhou-se na popa da canoa, que subia e descia suavemente ao sabor das ondas. Fez-se um silêncio de morte no convés, enquanto o provincial se colocava rapidamente junto à amurada e Damião começava a falar. Nenhum dos tripulantes ou passageiros que lotavam o vapor e assistiram, entre curiosos e admirados, a esse ato de humildade heróica, ousou fazer o menor comentário.

Depois da absolvição e da bênção final, Damião voltou-se e, a um sinal seu, os remos mergulharam na água e o bote

afastou-se do navio. O sacerdote ergueu a mão num gesto de despedida para o seu superior, mas não se voltou uma única vez; com o olhar fixo na costa, permaneceu imóvel à popa, segurando a barra do leme com as duas mãos. A multidão que presenciara o desnudamento da sua alma acompanhou-o em silêncio com o olhar, até que o som dos remos se perdeu na distância e a arrebentação lhes escondeu o barco...

Mais tarde, durante a viagem de retorno do navio a Honolulu, todos continuaram a não fazer o menor comentário sobre o incidente. Aqueles passageiros das mais variadas raças e credos – ou mesmo sem credo algum –, aqueles marinheiros acostumados ao perigo e a valorizar a coragem como a mais alta das virtudes, tinham-se visto espontaneamente obrigados a guardar um silêncio cheio de respeito e admiração diante de um tipo de heroísmo que desconheciam. E diga-se em favor de todos eles que, mesmo depois de o navio ter atracado em Honolulu, não deixaram transpirar uma só palavra do que tinham ouvido naquela manhã.

Quando o cônsul da França soube do incidente, protestou imediata e vigorosamente junto às autoridades. Os franceses tinham apoiado desde o início as atividades dos missionários católicos nas ilhas, e um deles trabalhava no próprio Ministério da Saúde. Com os esforços combinados do cônsul e desse funcionário, o episódio deu pé para que se conseguisse chegar a uma versão mais sensata e mais humana da lei de isolamento.

## COMBATE AO DESALENTO

Uma das maiores reformas que Damião introduziu em Molokai foi extirpar da mente dos leprosos o medo da morte. "Da manhã até à noite – escreveu a Panfílio –, encontro-me rodeado de tormentos físicos e morais que me rasgam o coração. Mesmo assim, procuro mostrar-me sempre alegre para incutir coragem nos mais fracos. Apresento-lhes a morte como o fim de todos

os seus males [...] e, graças a isso, muitos vão ao encontro dela com serenidade e até com alegria".

Os efeitos paralisantes do desespero e da falta de perspectivas, tão característicos do ambiente da colônia, foram desaparecendo pouco a pouco diante da sua insistente pregação de que a doença e os sofrimentos não passavam de incidentes passageiros no limiar de uma vida nova e eterna, essa vida da qual todos poderiam participar graças à misericórdia divina.

Com o renascer da esperança, até as cerimônias fúnebres diárias adquiriram um novo aspecto, quase podemos dizer festivo, embora o sacerdote não descuidasse a solenidade litúrgica. Para isso, organizou duas confrarias destinadas a "realizar os enterros de maneira condigna" – duas porque, com a sua sagacidade habitual, percebeu que se houvesse apenas uma o entusiasmo cedo ou tarde acabaria por decair; em contrapartida, se houvesse duas, prevaleceria sempre uma saudável rivalidade entre elas.

Mons. Maigret enviou-lhe tambores, flautas, violões e até algumas cornetas, e as religiosas mandaram-lhe fitas e tecidos de cores vivas; e em breve se tornou um privilégio para os leprosos pertencer a uma dessas confrarias. Os membros femininos usavam xales vermelhos e brancos, e os homens participavam da banda.

Os havaianos são conhecidos pela sua paixão musical e Damião soube aproveitar-se desde cedo dessa tendência para levar avante a sua guerra contra o pessimismo. Formou corais que, na realidade, incluíam praticamente a comunidade inteira, e quase todas as noites uma multidão de homens, mulheres e crianças se acotovelava sob as árvores nas proximidades da capela. A melodiosa língua nativa presta-se admiravelmente ao canto e a suave melancolia que caracteriza a sua música não é nada desagradável aos ouvidos europeus. O ambiente trágico da colônia favorecia essa nota, e assim se improvisaram muitas canções, impregnadas de uma tristeza indescritível, mas matizadas pela esperança. Em breve essas canções eram as preferidas

dos leprosos, especialmente das mulheres jovens, que se podiam ouvir cantarolando com muita freqüência palavras como estas:

*Quando, oh quando me será dado*
*ver o rosto do meu Senhor?*
*Quando, oh quando terminará*
*o cativeiro da minha pobre alma*
*nesta terra estranha onde, noite e dia,*
*chorar, chorar é o meu destino?*
*Quando, oh quando deixarei este vale de lágrimas,*
*onde o único pão que como*
*é o meu pranto sem fim?*
*Quando, oh quando verei o meu Amado?*
*Ele é o Príncipe dos céus,*
*Guardião da minha alma, minha Esperança,*
*meu Salvador,*
*meu Tudo.*

Mas não se pense que o sacerdote fomentasse essa nota de tristeza, tantas vezes associada erroneamente ao cristianismo. Pelo contrário, esforçou-se como pôde por dissipá-la, valendo-se até da tendência inata dos nativos para o bizarro e o espalhafatoso. Assim, pintou em cores vivas as paredes externas da capela de Santa Filomena, coisa que sempre divertia os visitantes, e não deixava escapar a menor oportunidade para organizar uma celebração; eram freqüentes as procissões e cerimônias solenes, seguidas de piqueniques e outras festividades.

Uma ocasião particularmente alegre era a procissão do Corpus Christi. Todos os que podiam andar participavam dela, e semanas antes uma atividade febril tomava conta das duas aldeias. Preparavam-se centenas de *leis* com flores frescas e fragrantes e cosiam-se trajes especiais para os acólitos, bem como faixas e distintivos para todos. Chegado o grande dia, as vilas enfeitavam-se com bandeirolas e por toda a parte se escutava o ruído impaciente dos tambores.

"A cruz avança à testa da procissão – escreve Damião numa das suas cartas aos pais –, seguida por um belíssimo estandarte; a seguir, vêm os instrumentos de sopro e os tambores. Duas bandeiras do Havaí tremulam sobre as confrarias, precedendo as duas longas filas das mulheres. Logo depois vêm os homens, seguidos pelo meu coro de quarenta vozes, [...] que é de fazer inveja a qualquer desses grupos corais que vocês têm aí nas suas catedrais.

"A música é dirigida com uma segurança e precisão perfeitas por um leproso cego, mas de ouvido muito musical, o meu bom *Petero* [Pedro]; ao seu lado caminha um homem saudável segurando um guarda-sol para protegê-lo do sol escaldante. Os turiferários e as crianças que espalham flores formam a vanguarda imediata do Rei dos Reis. Quatro tochas rudes, enfeitadas com flores e folhagens, formam a escolta em redor do pálio, e um ostensório delicadamente decorado contribui para a beleza da procissão [...].

"Depois da cerimônia, temos uma refeição farta e saudável, preparada no dia anterior. [...] Como vêem, Nosso Senhor permite-nos colher de vez em quando alguma bela rosa entre os espinhos".

Estranha cerimônia, ambientada em plena floresta tropical... A vista daquele gente desfigurada e aleijada, erguendo estandartes e cantando a plenos pulmões, bem podia parecer qualquer coisa de incongruente e trágico a um observador inadvertido. Mas, para os leprosos marcados pela morte, esses símbolos da alegria serviam não só para revigorar-lhes a fé e a esperança na vida futura, mas também para fazê-los esquecer por um momento as misérias da vida presente.

Assim, por todas as maneiras ao seu alcance, Damião esforçava-se por apagar o estigma deprimente que o nome da moléstia acumulara através dos séculos; era essencial que aquela gente esquecesse que um dia fora considerada "impura" e "proscrita" e aceitasse com garbo o peso da sua condição. E, como em todas as outras matérias exceto a administração dos sacra-

mentos, nunca limitou os seus esforços aos católicos, mas ofereceu os seus serviços indistintamente a todos e qualquer um.

Não é de admirar, pois, que houvesse muitas conversões. Mas, tal como nos distritos em que trabalhara anteriormente, o missionário assegurava-se de que os convertidos fossem devidamente instruídos antes de serem admitidos no seio da Igreja, a não ser nos casos de morte iminente. Todos os catecúmenos eram advertidos solenemente de que, depois do batismo, deveriam cumprir fielmente todos os seus deveres de cristãos.

Damião conhecia cada um pelo seu nome e pela sua história, e sabia muito bem quem estava apto a participar da missa e quem não. Aos domingos, contava os presentes e, quando faltava alguém, visitava-o imediatamente e procurava saber das razões da sua ausência. Com certa freqüência, tinha de alternar a bondade com a severidade: "Praticamente, tenho de mudar de tática em cada casa. Umas vezes, emprego apenas palavras suaves e consoladoras; outras, tenho de usar de certa aspereza diante de um pecador que se recusa a abrir os olhos. Tal como o trovão ribomba com veemência, também eu por vezes tenho de ameaçar com terríveis castigos alguma alma endurecida, e isto muitas vezes acaba por dar bons resultados".

## MONS. MAIGRET ENTRE OS LEPROSOS

No início do seu terceiro ano na colônia, Damião foi informado de que o bispo, munido da necessária permissão das autoridades, pretendia fazer-lhe uma visita oficial de alguns dias. Era uma ocasião excelente para organizar algumas comemorações: a notícia correu pelos dois povoados e imediatamente se começaram os preparativos. Era a primeira vez que uma personalidade pública manifestava o desejo de permanecer mais do que umas poucas horas na colônia, e os leprosos quiseram demonstrar-lhe a sua gratidão fazendo dessa visita o evento mais importante das suas vidas.

Por fim, chegou o dia marcado: 8 de junho de 1875. Quando o navio ancorou, todos os habitantes que podiam andar acorreram à praia para saudar o prelado. Agitavam-se bandeirolas, a banda tocava, e, no momento em que mons. Maigret cumprimentou afetuosamente o padre Damião, um sonoro "Viva!" irrompeu de todas as gargantas. O fato de as vozes se encontrarem "enrouquecidas pela doença", como escreveu o pe. Albert Montitor, que acompanhava o bispo, não tirou lustro à cerimônia.

Durante aquele dia, a comitiva dedicou-se a percorrer todos os recantos da colônia. Sempre que mons. Maigret se interessava por algum dos melhoramentos, Damião aproveitava a oportunidade para sublinhar quantas melhorias ainda se poderiam introduzir se se dispusesse de mais recursos. Em momento algum aludiu ao papel que tinha desempenhado no progresso da colônia, e enrubesceu visivelmente quando um dos moradores mais antigos, num discurso improvisado, resolveu agradecer ao bispo por ter permitido que Damião residisse na ilha: "Ele cumula-nos de cuidados e carinho", disse o velho em kanaka; "é ele quem constrói as nossas casas, e quando um de nós cai doente, dá-nos chá, biscoitos e açúcar, e aos pobres dá roupas. Não faz distinção alguma entre católicos e protestantes".

À noitinha, Damião serviu aos seus hóspedes fruta-pão e carne de porco fresca, cozidas à maneira nativa. Depois do jantar, conforme o costume, os leprosos apareceram com a banda e puseram-se a cantar. Infelizmente, essa inusitada serenata ao luar perdeu para o pe. Montitor uma boa parte do seu aspecto romântico quando notou, como observador arguto que era, que "os músicos, na sua maioria, tinham apenas dois ou três dedos, e os seus lábios estavam muito deformados pela lepra; mesmo assim, tocaram diversas músicas com grande sucesso e entretiveram-nos por duas horas inteiras".

Entre os presentes trazidos pelo prelado, incluíam-se sobrepelizes e roupas adequadas para os coroinhas, que tiveram ocasião de estreá-las no domingo seguinte, quando se celebrou uma

missa solene. Os jovens acólitos esqueceram-se completamente dos seus rostos deformados e desempenharam meticulosamente as suas funções, radiantes de entusiasmo nos seus imaculados trajes brancos e escarlates. Da cadeira episcopal, mons. Maigret observava cada detalhe com um interesse dolorido e grave.

Era, realmente, uma maravilhosa manifestação de fé, de fé profunda e séria. Não apenas a capela, mas todo o terreno ao redor se encontrava apinhado de fiéis, quase todos marcados com o selo da morte. A capela recendia às flores com que estava ornamentada, as velas acesas brilhavam em todo o seu fulgor e a multidão ostentava vistosos trajes coloridos, xales, faixas de cores brilhantes, mas praticamente nenhum dos presentes deixava de apresentar, no rosto ou nos membros, algum dos terríveis sintomas da doença. Quando as roucas vozes do coro se ergueram das gargantas contaminadas, entoando bastante satisfatoriamente a antífona de entrada da missa de Mozart, o velho prelado não conseguiu conter-se e desatou em lágrimas.

Durante a cerimônia, cento e trinta e cinco recém-batizados, entre crianças e adultos, se ajoelharam diante do bispo para receberem a Confirmação. Foi para todos uma ocasião comovente, e a alegria teria sido completa se não fosse pelo pequeno detalhe de que, em algumas frontes, mal havia um espaço sadio para receber os santos óleos.

A visita episcopal durou cinco dias. No último dia, ao entardecer, o sacerdote e seus hóspedes permaneceram sentados em animada conversa, fumando placidamente os seus cachimbos. Contaram histórias das suas pátrias e famílias distantes. Como de costume, Damião falou pouco, mas animou-se a discutir com o pe. Montitor sobre os méritos do rio Laak como ringue de patinação, até que o bispo lhes lembrou, divertido, que no clima em que viviam não era provável que algum dia pudessem praticar esse esporte. A conversa derivou para o tema das línguas, e Damião comentou que, pela longa falta de prática, já sentia dificuldade em falar flamengo e que lhe custava bastante escrever nessa língua à sua mãe, que já estava ficando idosa.

– "Que idade tem ela?", perguntou-lhe o bispo.

– "Nasceu em 1804", respondeu-lhe o sacerdote.

– "Nesse caso – retrucou o bispo –, tem a minha idade. Dê-lhe os meus cumprimentos".

Na manhã seguinte, chegou o momento das despedidas. Antes de embarcar no escaler que devia levá-lo ao vapor, mons. Maigret voltou-se para dar a bênção ao povo, que se ajoelhou respeitosamente na praia. A seguir, como lembrança da sua visita, distribuiu entre as crianças um punhado de medalhas bentas. Essas crianças, órfãs na sua maioria, haviam sido tema de longas conversas entre o missionário e o bispo, pois não tinham quem cuidasse delas e começavam a tornar-se um dos problemas mais urgentes da colônia. Uma das primeiras iniciativas de Damião ao chegar à ilha fora tentar convencer os adultos a receber algumas delas, mas esse trabalho acabara afogado no meio dos inúmeros problemas urgentes da colônia.

Agora, porém, com o pouco dinheiro que o bispo pudera deixar-lhe, poderia construir-lhes um orfanato. E foi o que fez, pondo à frente do estabelecimento – destinado em primeiro lugar às meninas – uma senhora idosa, viúva de um leproso. Diante da falta de acomodações para todas, Damião escolheu primeiro as crianças mais necessitadas. Conseguiu também que o governo lhe enviasse uma ração semanal de carne e mingau de araruta, e iniciou por sua conta uma plantação de batata-doce a fim de complementar essa ração. Além disso, pôde contar, como sempre, com a infalível ajuda das freiras de Honolulu, que faziam coletas entre os cidadãos mais generosos da cidade e lhe enviavam regularmente os donativos conseguidos. Graças a elas, em pouco tempo foi possível construir um lar também para meninos e ir expandindo pouco a pouco as duas instituições, que chegariam mais tarde a contar com um corpo bastante razoável de enfermeiras e professoras. Quanto às tarefas de professor e enfermeiro junto delas, assumiu as duas. Não foi senão muito mais tarde que um médico residente veio aliviar um pouco a sua carga.

# O PATRIARCA DE MOLOKAI

## UM RETRATO

Passavam-se os dias, e ninguém saberá dizer se a ininterrupta sucessão das tarefas cotidianas parecia lenta e enfadonha ao solitário sacerdote, ou se pelo contrário as horas se lhe escapavam a toda a pressa, com abençoada celeridade. Certamente houve momentos em que mesmo um homem como Damião deve ter hesitado, oprimido pela magnitude da sua tarefa e pela aparente incapacidade de enfrentar todos os problemas. Como um náufrago que tivesse caído do navio num mar tempestuoso, encontrava-se totalmente só, e novas dificuldades vinham abater-se sobre ele de todos os lados, como ondas bravias, inevitáveis e incessantes. A sua enorme fé era firme como a rocha, a sua tenacidade inquebrantável, a saúde de ferro, mas era apenas um homem, e por vezes todo o seu trabalho devia parecer-lhe ridiculamente insuficiente diante daquele gigantesco pântano de problemas e desespero que era Molokai.

Nenhuma das reformas que empreendeu foi acolhida com facilidade e, mesmo depois de implantada, não teria durado uma semana sem o seu enérgico apoio. É verdade que trouxera ordem e paz a essa comunidade abandonada e sem lei, mas até à sua morte continuaria a haver uma boa dúzia de criaturas empenhadas em destruir por todas as maneiras a sua reputação e o seu trabalho. E até o fim teve de defrontar-se continuamente com uma torrente de procrastinações burocráticas, atrasos e

esperas, projetos frustrados e planos contrariados que, para um temperamento como o seu, constituíam uma verdadeira tortura.

Vivia com extrema frugalidade. Tomava apenas duas refeições por dia: uma no fim da manhã, que geralmente consistia em arroz, carne, café e uns biscoitos "duros como pregos"; e outra à noite, em que comia o que tivesse sobrado do almoço, acompanhado de uma xícara de chá aquecida sobre o lampião de querosene. "Como vêem – escrevia –, vivo muito bem; não me falta comida e passo muito tempo ao ar livre".

Após o escurecer, acendia o seu lampião e lia o breviário. A seguir, dedicava cerca de meia hora ao seu lazer preferido, a carpintaria, ou escrevia à família, ou então relia as cartas recebidas de Tremeloo. Ocasionalmente, dava um rápido passeio pelos arredores, como conta numa carta ao irmão: "O cemitério, a igreja e a minha casa formam um só cercado, de modo que, à noite, eu sou o único guardião deste jardim dos mortos, onde os meus filhos espirituais descansam em paz". Depois de um dia especialmente intenso no "hospital", gostava de caminhar entre os túmulos, rezando o terço e meditando "naquela felicidade sem fim de que muitos deles gozam. Confesso-lhe, querido irmão, que o cemitério e as choupanas dos moribundos são o meu melhor livro de meditação".

Com efeito, quem mais do que ele podia ter tantas ocasiões de olhar a morte sem temor e de viver aquilo que ensinava aos seus leprosos, isto é, que a vida presente não passa de um instante fugidio nos umbrais da eternidade? Vemos como se enraizou nele essa atitude pela reação que teve ao saber do falecimento do seu pai. Passada a natural tristeza que acompanhou a notícia, escreveu a Tremeloo uma carta que terminava com estas palavras consoladoras: "A perda que acabamos de sofrer deve ter sido muito dolorosa para todos vocês. Mas que podemos fazer? Deus Todo-poderoso deseja ensinar-nos desta forma que não devemos apegar-nos às coisas deste mundo. Lembremo-nos de que estamos num lugar de exílio e de que aqueles

que morrem no Senhor são muito mais felizes do que nós, que continuamos aqui em baixo".

Com exceção de alguma eventual revista de teologia, as cartas da família constituíam o seu único laço com a Europa. Na sua maioria, eram epístolas redigidas no estilo cerimonioso dos que só escrevem raramente, e traziam notícias dos parentes ou descreviam brevemente os principais eventos de Tremeloo. É pouco provável que Damião tivesse sabido que a França proclamara pela quarta vez a República ou que a rainha da Inglaterra fora coroada Imperatriz da Índia, mas na verdade demonstrava pouco interesse por esses acontecimentos do mundo exterior; as exigências do seu pequeno mundo, demarcado pela costa rochosa e pelas escarpas da montanha, eram mais do que suficientes para mantê-lo cem por cento ocupado. Para ele, a situação angustiosa dos seus leprosos era infinitamente mais real e concreta do que o distante drama da história.

No entanto, em 1875, a imprensa norueguesa publicou uma notícia que certamente teria despertado a sua atenção se tivesse podido tomar conhecimento dela: na cidadezinha de Bergen, na Noruega, o pesquisador Armauer Hansen, depois de vários anos de trabalho intenso, conseguira isolar e identificar o bacilo causador da lepra. Mas talvez tenha sido melhor que Damião nunca se tivesse inteirado disso, pois ainda haviam de decorrer mais de oitenta anos antes que essa pesquisa pudesse traduzir-se em resultados práticos no tratamento da doença.

Damião contava agora trinta e tantos anos. Ainda era jovem pelos padrões do mundo exterior, mas os exilados de Molokai consideravam-no o seu patriarca. Com efeito, parecia dez anos mais velho do que era na realidade: o seu corpo, antes magro e ágil, tornara-se largo e troncudo sob o peso do trabalho sem fim; o rosto trazia, entalhada em finas rugas, a marca das dificuldades e da rigorosa penitência a que se submetia, e os cabelos começavam a manchar-se de cinza. Os seus olhos, já enfraquecidos pelas longas leituras nas mal iluminadas bibliotecas dos seus tempos de noviço, sofriam com a claridade agres-

siva do sol tropical. Mas eram principalmente as suas maneiras sóbrias e medidas que lhe conferiam o ar de alguém precocemente envelhecido. O espírito grave e sério que o caracterizara na adolescência acentuara-se ainda mais no doloroso ambiente da colônia.

De qualquer modo, apesar de não rir com freqüência, Damião não era de forma alguma um tipo lúgubre, desses que cultivam a melancolia a título de virtude e fazem o que podem para estragar a alegria alheia. Pelo contrário, encorajava os seus paroquianos a visitá-lo após a sua refeição do fim do dia, e essas visitas tornaram-se tão populares entre os leprosos que deram origem a um belo costume, batizado pelos nativos com o poético nome de "tempo-de-paz-entre-a-noite-e-o-dia". Reuniam-se ao seu redor, acocorados em círculo, e contavam-lhe as novidades do dia, enquanto o padre preparava o chá. Como só havia seis xícaras na casa – aliás todas lascadas –, a discussão sobre quem teria o privilégio de tomar a bebida com ele dava origem a barulhentas e bem-humoradas discussões.

Algumas vezes, tinha de submeter-se a um interrogatório cerrado sobre a sua terra e país de origem, mas noutras ocasiões deixava os loquazes kanakas expandirem-se à vontade, sem intervir muito na conversa. O folclore das ilhas é extraordinariamente rico em contos, mitos e lendas, e o sacerdote ouvia de bom grado as histórias sobre os feitos heróicos e as aventuras das grandes personagens do antigo Havaí. Terminado o chá, acendia o seu cachimbo e deixava que o passassem de boca em boca. Mais cedo ou mais tarde, alguém acabava por dedilhar um violão e, enquanto as sombras se alongavam e os últimos raios do sol poente douravam o topo das árvores, todos começavam a cantar.

Damião sempre encorajou os leprosos a tratá-lo com confiança e simplicidade. Com a mesma liberalidade com que lhes oferecia o seu cachimbo e as suas xícaras, pôs à disposição deles tudo o que era seu: nunca deixou trancada a porta da sua cabana e, como estava ausente a maior parte do tempo, fez

saber a todos que qualquer pessoa podia entrar nela quando quisesse e até deitar-se na sua cama.

Censurou-se com certa freqüência essa sua falta de cuidado e assepsia, que, aliás, deu margem também a calúnias de outra ordem. Mas a verdade é que, nessa época, parecia já ter perdido qualquer temor à doença; era-lhe muito mais importante continuar a merecer a confiança dos leprosos, nunca mostrando o menor sinal de repulsa ou aversão pela sua doença, do que evitar um possível contágio a que, de todas as formas, estava permanentemente exposto.

## SUA MAJESTADE, A PRINCESA

À medida que o século XIX avançava, o reino do Havaí adquiria uma importância crescente no jogo de poder entre as grandes potências. O crescimento das rotas comerciais entre Ocidente e Oriente trouxera a Honolulu o título de "Encruzilhada do Pacífico", mas a prosperidade comercial não era a única razão pela qual despertava a atenção de estadistas e almirantes em distantes chancelarias: a crescente importância estratégica das ilhas como base naval militar era por demais evidente para escapar ao olhar dos estrategistas, cujas perplexidades cresciam com a introdução dos navios a vapor e o encurtamento das rotas marítimas.

Os capitães estrangeiros que atracavam em Honolulu já não podiam dirigir os seus canhões sobre a cidade para impor exigências descaradas a uns chefetes descalços. Tornara-se necessário empregar métodos mais sutis: estabeleceram-se legações diplomáticas, e pomposos embaixadores em trajes de gala, trazendo mensagens fraternas de paz e terna boa-vontade dos seus respectivos chefes de Estado, se inclinavam profundamente diante dos reis havaianos, enquanto as suas esposas dobravam graciosamente o joelho segundo a etiqueta de Windsor.

Em 1881, Sua Majestade o rei Kalakaua, acompanhado do

seu Chanceler e do Ministro da Imigração, ambos americanos – nessa época, o controle efetivo do governo já havia sido assumido por um grupo de comerciantes e fazendeiros norte-americanos, na maioria descendentes dos primeiros missionários protestantes –, empreendeu uma viagem pelo mundo e foi recebido de braços abertos em toda a parte, tanto nos Estados Unidos como no Japão, na China, no Sião, entre um incontável número de marajás indianos e nas principais capitais européias.

Mas a rainha Kapiolani permaneceu em Honolulu. Por temperamento, tendia à melancolia e timidez, e preferiu refugiar-se na privacidade do palácio, deixando o exercício das funções reais à irmã do rei, a princesa Liliuokalani, que foi proclamada regente por ser a herdeira mais provável. Nas mãos desta, pelo menos, o cargo provou ser algo mais que uma simples peça decorativa; enquanto o seu ilustre irmão se divertia mundo a fora com os seus não menos nobres colegas, a princesa arregaçou as mangas e empreendeu uma profunda reforma da administração pública.

É natural que a atenção de uma mulher como ela não tardasse a voltar-se para a malsinada Molokai. A fama de Damião não era desconhecida em Honolulu e notícias sobre a sua coragem começavam já a espalhar-se até no exterior, para desgosto e consternação do missionário, que detestava qualquer tipo de propaganda; a tal ponto que, quando Panfílio autorizou uma revista missionária católica a publicar uma carta sua, recebeu uma reprimenda não isenta de aspereza: "Permita-me dizer-lhe de uma vez por todas que não gostei nada do que fez. Quero ser desconhecido do mundo, e eis que descubro, como conseqüência das poucas cartas que lhe escrevi, que sou objeto de comentários em toda a parte".

Mas nem todos esses comentários eram lisonjeiros, pelo menos nos corredores do Ministério da Saúde em Honolulu, onde continuava a ser considerado um grão de areia na engrenagem, um maçante insuportável e impossível de satisfazer. Os burocratas exasperados procuravam demovê-lo das suas exigências

com as clássicas evasivas sobre "orçamentos limitados" e "verbas insuficientes" e recordavam-lhe que as condições de vida na colônia haviam melhorado drasticamente: agora dispunham de um verdadeiro superintendente oficial, o envio de alimentos tornara-se regular, os leprosos já não passavam fome e, ó luxo supremo, até lhe haviam prometido enviar um médico residente. Mesmo assim, esse padre teimoso insistia nas suas incessantes reclamações: agora queria comida melhor, mais roupas e até *enfermeiros* para ajudarem o tal médico.

Assim, quando a regente anunciou a sua decisão de visitar Molokai, a consternação nos círculos oficiais foi profunda. Mas não houve meios de dissuadi-la do seu propósito. Duas semanas depois, acompanhada de um séquito numeroso, embarcou no navio *Lehua*, com o apoio de todo o povo, que acorreu em massa ao cais.

Damião trabalhara febrilmente nos preparativos para recebê-la. Quando o *Lehua* lançou âncoras ao largo da baía de Kalaupapa, um grupo de oitocentos leprosos se encontrava reunido na praia, exibindo faixas coloridas e os estandartes das confrarias. No local previsto para o desembarque, erguia-se um arco de triunfo coberto de flores silvestres, e o sacerdote dispôs ao redor, em duas fileiras, uma guarda de honra formada por alguns dos seus fiéis de aspecto menos assustador.

Mal a princesa desembarcou, ao som do hino nacional e entre vivas e hurras, recebeu os cumprimentos do sacerdote e foi escoltada por ele e pela guarda de honra até uma plataforma montada especialmente para a ocasião.

A regente subiu ao estrado. Era uma mulher alta de aparência majestosa, como convinha à sua posição, e trajava um vestido negro sem qualquer adorno a não ser um colar de flores ao pescoço. Visivelmente emocionada, ergueu a mão e o tumulto foi-se transformando em silenciosa expectativa. O seu olhar percorreu lentamente aquele oceano de rostos desfigurados mas felizes, ansiosamente voltados para ela, esperando umas palavras suas. Palavras que nunca chegariam a ouvir, pois a

princesa, por mais que se esforçasse, não conseguiu falar: com os lábios trêmulos e os olhos marejados de lágrimas, pediu a alguém da comitiva que fizesse o discurso em seu nome.

O programa da visita previa apenas uma hora em terra, mas a regente insistiu em ficar ali o dia inteiro. Damião mostrou-lhe a colônia, mas além das suas curtas explicações e de umas poucas perguntas por parte dela, pouco conversaram. O camponês belga e a descendente dos reis polinésios pareciam entender-se sem necessidade de palavras.

O sacerdote procurou poupar-lhe os horrores dos casos mais adiantados da doença. A certa altura, porém, quando passavam pelas portas abertas do "hospital", vislumbrou alguma coisa que a obrigou a virar o rosto e a apoiar-se no braço de uma das suas damas de companhia, fechando os olhos como se tentasse apagar a imagem. Foi então que comentou ao missionário que lhe custava crer que alguém se tivesse decidido a viver num lugar tão horripilante por vontade própria. Eram palavras de elogio, mas o sacerdote não se deu por achado:

– "É o meu trabalho – explicou-lhe com simplicidade –. Afinal, alteza, trata-se dos meus fiéis".

Antes de responder-lhe, a princesa observou longamente a multidão que os seguia de perto:

– "*Seus* fiéis – disse ela suavemente –, e *meu* povo".

Já era noite quando a princesa resolveu regressar. A despedida foi indescritivelmente triste. Os leprosos cantavam *oliolis*, melancólicos poemas recitativos que, como as sagas dos bardos antigos, relatavam as glórias e as vitórias dos ancestrais da casa real do Havaí. No momento em que a princesa parou para despedir-se de Damião, os homens formaram um semicírculo ao redor dos dois, mantendo-se tão eretos quanto podiam. E à solenidade acrescentou-se uma nota galante: num último gesto de despedida, a regente estendeu a mão ao sacerdote, e este, num impulso repentino, levou-a aos lábios.

A silhueta de Liliuokalani, já de pé na popa do escaler, acenou o adeus aos seus súditos. "*Aloha*", bradou-lhes, "*aloha*"... Depois, sem se importar com os marinheiros nem com os membros do seu séquito, sentou-se e chorou convulsivamente. Os jornalistas que a tinham acompanhado relataram no dia seguinte que, depois de subir a bordo, a princesa quisera permanecer sozinha no convés pelo resto da noite e que, durante toda a viagem, não falara com ninguém.

Cada detalhe da viagem foi reproduzido pelos jornais de Honolulu e o Ministério da Saúde tornou-se alvo das mais severas críticas pelo desleixo com que conduzia os assuntos de Molokai, enquanto Damião era incensado com uma torrente de adjetivos inflamados. Assim, por exemplo, o editorialista do *Commercial Advertiser* de 24.10.1881 não se envergonhou de escrever estas palavras candentes:

> "A lamentável história dos leprosos, esta página negra nos anais do Havaí, é iluminada e transfigurada sobretudo pela dedicação e pelo nobre sacrifício de um homem generoso. Esse jovem sacerdote, de nome Damião, que consagrou a vida aos leprosos, é a glória e o orgulho do Havaí. Nele ressuscitou o santo heroísmo das sangrentas arenas da Antigüidade; não, algo ainda maior! Ser lançado às feras sanguinárias não seria infinitamente melhor do que ver-se condenado à prisão perpétua na atmosfera pestilencial de uma colônia de leprosos? E no entanto Damião, o soldado de Cristo, vive já há vários anos entre os desterrados de Molokai! Dedica-se inteiramente a servi-los, vendando-lhes as feridas, inspirando-lhes confiança no Divino Mestre e esperança numa vida melhor. E por fim, quando chega a morte, é ele quem os enterra com as suas próprias mãos"...

Antes de terminar aquele mês de setembro, chegou a Honolulu mons. Herman Koeckmann, bispo titular de Alba, que fora nomeado coadjutor do idoso mons. Maigret. Recebera a sagração episcopal em São Francisco, na Califórnia, mas antes

havia trabalhado muitos anos como missionário nas ilhas. A regente recebeu-o amavelmente e, uma vez concluídas as formalidades de apresentação, falou-lhe de Damião e pediu-lhe que fizesse chegar ao sacerdote, em seu nome, uma carta e uma caixinha de couro com a insígnia da Ordem de Kalakaua, uma medalha de prata cravejada de brilhantes. A carta estava endereçada a Damião e dizia:

> "Reverendo Sr.,
>
> "Desejo manifestar-lhe a minha admiração pelo heróico e notável serviço que vem prestando aos mais infelizes dos meus súditos e, pelo menos de alguma maneira, prestar-lhe homenagem pública pela devoção, paciência e incansável caridade com que Va. Revcia. se vem dedicando a aliviar os sofrimentos físicos e espirituais dessas infelizes pessoas que, por força das circunstâncias, se encontram privadas do carinho dos seus parentes e amigos.
>
> "Bem sei que os trabalhos e sacrifícios de Va. Revcia. não têm outro motivo senão o desejo de fazer o bem aos que sofrem, e que não busca nenhuma recompensa a não ser aquela que Deus, nosso Soberano Senhor, que dirige e inspira os seus passos, lhe proporcionará. Apesar disso, peço-lhe, Reverendo Padre, que aceite a insígnia da Real Ordem de Kalakaua como testemunho da minha sincera admiração pelos esforços que vem fazendo para proporcionar consolo e alívio a esses enfermos, como eu mesma tive oportunidade de comprovar por ocasião da minha recente visita a esse estabelecimento.
>
> "Queira aceitar a minha amizade.
>
> "Liliuokalani, Regente"

Muito a contragosto, Damião teve de receber publicamente a condecoração. Nos degraus da capela de Santa Filomena, em Kalawao, mons. Koeckmann colocou-lhe a fita púrpura e ouro em torno do pescoço e leu o decreto real diante dos leprosos reunidos. Embora representasse o apoio da princesa, estrategicamente importante para o seu cabo-de-guerra cotidiano com o Ministério da Saúde, o sacerdote não se mostrou muito in-

teressado na "medalhinha" e tratou de tirá-la do pescoço, dizendo que não combinava com a sua batina surrada. O bispo ordenou-lhe severamente que a colocasse de volta, mas, logo que partiu, naquela mesma noite, a insígnia retornou à caixinha e ali permaneceu para nunca mais ser vista, até depois da morte do agraciado.

## PROJETOS E FRUSTRAÇÕES

Para ele, mais importante do que a condecoração foi a gentil carta da princesa, que lhe renovou as esperanças. Começaram a fermentar-lhe na cabeça alegres projetos de melhoramentos a introduzir: com o patrocínio da regente, seria possível pressionar o governo a aumentar as verbas destinadas aos leprosos, bem como a construir hospitais e orfanatos de verdade.

Quanto mais voltas lhes dava, mais ambiciosos se tornavam os seus planos, sem no entanto jamais se centrarem nele próprio: tudo era para os seus leprosos. Na sua imaginação, a coisa quase assumia as proporções de um território autônomo, quase-monástico, sob a administração direta da Santa Madre Igreja: todos os que trabalhassem ali – com exceção dos leprosos, é claro – deveriam ser religiosos e obrigar-se por um voto especial a permanecer com os habitantes pelo resto da vida, sem nenhum temor, sem vínculos familiares e sem qualquer esperança de reconhecimento nesta vida. Criar-se-iam pequenas oficinas e até verdadeiras fábricas onde os leprosos pudessem ocupar-se de trabalhos condizentes com o seu estado de saúde; e haveria também um laboratório em que cientistas e pesquisadores estudariam de maneira sistemática os melhores modos de combater a doença.

Era a sua única ambição, o seu sonho. Falava dele com o entusiasmo com que os homens falam das suas quimeras.

Esperanças e sonhos foram-se desfazendo aos poucos, à medida que passavam os meses e depois os anos, e se verificava

que a boa vontade dos reis nem sempre se traduz em apoio eficaz por parte dos governos. É preciso dizer que, após a visita da regente, a atitude do Ministério da Saúde para com a colônia se modificou radicalmente e as relações se tornaram bem mais fluidas. Mas, para o sacerdote que via pessoas morrerem todos os dias por falta de higiene e de alimentação suficiente, os esforços das autoridades, por maiores que fossem, sempre pareciam ridiculamente inadequados e pobres, sobretudo se comparados com a eficiente instituição que as suas esperanças haviam pintado.

Por fim, os sonhos esvaíram-se definitivamente e as esperanças transformaram-se numa desilusão que deixou uma profunda marca nas suas atitudes. Se nunca afrouxou o ritmo de trabalho nem descuidou os que tinha sob a sua responsabilidade, as suas relações com os não-leprosos tornaram-se ásperas. Parecia ter a sensibilidade à flor da pele, estava sempre propenso a discutir, e as suas altercações com a burocracia tornaram-se mais e mais violentas, embora em muitas ocasiões fosse patente que a razão não se encontrava do seu lado.

Mesmo os seus companheiros de sacerdócio não escapavam agora do seu estado de espírito. Com a anuência do bispo, o pe. Andrew Burgermann mudou-se para Kalaupapa a fim de aliviar o trabalho de Damião, mas teve de deixar a colônia depois de diversos desentendimentos sérios com ele. Era um homem consciencioso e trabalhador, mas Damião esperava que todos seguissem o seu próprio exemplo, o que era quase impossível, mesmo de um ponto de vista estritamente físico: poucos homens de compleição normal conseguiam suportar o duríssimo ritmo de trabalho que ele próprio se impunha, dia após dia. Em 1882, o pe. Albert Montitor, que havia acompanhado mons. Maigret na primeira visita episcopal, ofereceu-se como voluntário para ajudá-lo na colônia, mas pouco tempo depois também se desentendeu com ele. Dois anos mais tarde, Damião voltava a encontrar-se sozinho.

Quando ninguém chegou para substituir o pe. Albert, o

sacerdote escreveu ao bispo insistindo na necessidade de um assistente. A essas alturas, mons. Koeckmann substituíra mons. Maigret e, tal como o seu antecessor, apreciava como ninguém o valor do missionário. No entanto, viu-se obrigado a escrever-lhe friamente: "Queira Va. Revcia. considerar que, se fosse um pouco mais compreensivo com os seus irmãos de sacerdócio e tivesse modos um pouco menos autocratas, o pe. Albert ainda se encontraria aí".

Devemos repetir que este traço rude da sua personalidade se manifestava apenas no trato com pessoas sadias. Jamais teve qualquer movimento de animosidade para com os leprosos. Para eles, sempre foi o mesmo pai bondoso, às vezes um pouco severo, mas sempre justo, compreensivo e disposto a ajudar. Não esqueçamos que, por mais violentas que pudessem ser as suas explosões temperamentais e por mais errado que pudesse estar ao defender algum ponto de vista pessoal, em momento algum o fazia por egoísmo, mas, literalmente, por amor aos seus leprosos.

A vida deles era a sua vida, e assim fora desde que o dia em que desembarcara na ilha, como um rapaz fogoso e saudável, transbordante de entusiasmo, para quem não havia obstáculo algum que não pudesse ser vencido. Agora, depois de doze anos em Molokai, tinha o aspecto – na opinião de um visitante – de "um velho amargurado", inegavelmente devotado e corajoso, mas azedado pelos desapontamentos. No entanto, contava apenas quarenta e cinco anos.

## "NÓS, OS LEPROSOS"... (1885)

Na manhã do primeiro domingo de junho desse ano de 1885, Damião celebrou a missa de manhã cedo na capela de Kalawao. Nada indicava que se tratasse de uma ocasião especial. O sacerdote demonstrou o fervor de sempre, entoando o latim com a sua voz grave e firme. Após o Intróito, cantou-se com

devoção o Glória, e as leituras decorreram normalmente. Era um dia quente. No interior abafado da capela apinhada, os fiéis provavelmente sentiram-se um tanto aliviados quando puderam voltar a sentar-se depois da leitura do Evangelho. É possível até que, devido ao calor que fazia, alguns tivessem cochilado um pouco enquanto o padre se aproximava da grade de comunhão (não havia púlpito) para dar início ao sermão. Mas, mal começou a falar, desvaneceram-se imediatamente todos os sinais de letargia entre os ouvintes. Houve um súbito alvoroço pois, ao invés de se dirigir aos fiéis com o seu costumeiro "Meus irmãos", Damião disse lenta e distintamente: "Nós, os leprosos"...

Fora a maneira que tinha escolhido para lhes comunicar que havia contraído a doença.

# DAMIÃO, O LEPROSO

## A SEPARAÇÃO

Não restava nenhuma dúvida de que Damião tinha contraído a doença. Alguns meses antes da dramática revelação de junho de 1885, derrubara acidentalmente, enquanto se barbeava, uma chaleira de água a ferver sobre os pés descalços. Embora o líquido escaldante tivesse provocado uma séria queimadura, não sentira nada, e sabia por uma longa experiência que a perda da sensibilidade era um dos primeiros sintomas da lepra. Mesmo assim, não comentara nada com ninguém antes de ter tido a oportunidade de falar com o Dr. Arning, um médico alemão que viera visitá-lo.

Quando os dois se encontraram na praia e foram apresentados por um oficial do navio, o médico, entusiasmado admirador do trabalho do sacerdote, sentiu-se surpreso e magoado quando Damião ignorou ostensivamente a mão que lhe estendera. No entanto, a surpresa logo se transformou em preocupação; enquanto andavam até à vila, o missionário pediu-lhe desculpas pela falta de cortesia e disse-lhe com toda a simplicidade que desconfiava ter contraído a doença.

O médico examinou-o cuidadosamente:

– "Mal tenho coragem de dizê-lo, mas infelizmente o que o sr. suspeitava é verdade".

Estava tão desconsolado que o sacerdote teve de confortá-lo:

– "Não é nenhuma surpresa para mim. Já sabia há muito tempo que isto iria acontecer".

Com efeito, conforme podemos deduzir de uns comentários que fez mais tarde, já alguns anos antes começara a desconfiar de que tinha contraído a doença, ao observar umas manchas descoradas na pele; as suspeitas, no entanto, só parecem ter-se tornado agudas após o episódio da água quente. Seja como for, o certo é que o bacilo se havia instalado em Damião muito antes de ele o anunciar, pois três meses depois os efeitos do mal se tornaram brutalmente perceptíveis. "O pé perdeu completamente a sensibilidade – escreveu numa carta ao bispo – e a orelha direita está inchada, com uma protuberância tubercular que a transforma numa massa enorme; ao mesmo tempo, o corpo começou a deformar-se acentuadamente de maneira geral"...

Para qualquer lado que olhasse, tudo lhe mostrava a sorte que o esperava, e essa consciência permanente da morte próxima tinha necessariamente de pesar sobre ele. No entanto, a sua única preocupação continuavam a ser os seus leprosos. Temia que a sua morte trouxesse consigo o fim das reformas e um retorno às antigas condições.

– "Não quereria curar-me – comentou com o Dr. Arning –, se isso significasse ter de deixar a ilha e abandonar o meu trabalho aqui".

Sem nunca se mostrar abatido, continuou a trabalhar com o ritmo de sempre nas duas aldeias: lavava diariamente as feridas dos mais doentes com o mesmo carinhoso cuidado, ouvia-lhes as confissões, celebrava os serviços fúnebres e, enquanto pôde utilizar as mãos, ajudava a cavar as sepulturas e a fabricar os caixões. A um dos fiéis que lhe perguntou por que não descansava um pouco, retrucou:

– "Descansar? Não é hora de descansar, agora que há tanto que fazer e tão pouco tempo para fazê-lo".

Era, sem sombra de dúvida, um martírio permanente, mas até o fim recusou qualquer comodidade. Muito pelo contrário, agia como se a doença fosse bem-vinda, porque removia a úl-

tima barreira entre ele e o seu povo. "Nós, os leprosos", tinha dito, e essas palavras forjaram entre eles o mais indestrutível dos elos terrenos.

A certeza do seu fim próximo, a consciência de que os olhares de toda a colônia estavam voltados para ele e de que o seu comportamento estabeleceria um norte para as futuras gerações, fizeram-no mudar visivelmente. Até então, sempre fora o que costumamos chamar um "homem sério", mas a partir daquele instante passou a sorrir com muita freqüência e a mostrar uma profunda alegria em todas as circunstâncias. Até os burocratas do governo puderam notar esse novo espírito, e as suas relações com ele, se não chegaram a ser inteiramente amigáveis, pelo menos se distenderam.

O caráter do sacerdote suavizou-se e a tendência para a amargura que havia sombreado as suas atitudes nos últimos anos desapareceu. Se antes punha uma enorme delicadeza no cuidado, na alimentação e no ensino das crianças, agora chegava a participar das suas brincadeiras e era comum vê-lo dirigir-se de um lugar para outro rodeado de um grupo de moleques travessos a brincar ruidosa e alegremente. Se antes costumava fabricar apenas utensílios práticos e úteis com o martelo e o formão, agora aproveitava os momentos de folga para esculpir brinquedos toscos. E, em Honolulu, as religiosas surpreendiam-se ao verem chegar pedidos de bolas e enxovais de bonecas.

Não encontramos nenhuma menção à sua doença nos relatórios que enviava sobre a colônia. No entanto, o bispo não tardou a saber da notícia e, com a necessária anuência das autoridades, escreveu-lhe a dizer que viesse a Honolulu. Na resposta, Damião alude pela primeira vez por escrito ao problema: "Não posso ir – escreve na carta que mencionamos acima – porque estou com lepra. Já há sinais na minha face esquerda e na orelha, e estou começando a perder as sobrancelhas. Em breve estarei desfigurado. Não tenho nenhuma dúvida sobre a natureza do meu mal, mas estou tranqüilo e conformado e

muito feliz no meio do meu povo [...]. Repito diariamente, do fundo do coração: «Seja feita a Vossa vontade»".

Ao receber essa carta, mons. Koeckman voltou a ordenar-lhe que se apresentasse imediatamente no Hospital de Kakaako, em Honolulu. Era precisamente a ordem que o sacerdote mais temia, pois não queria deixar os seus leprosos; tentou várias desculpas, mas não conseguiu demover o bispo. Por fim, um melancólico Damião teve de preparar as malas, assegurando, porém, aos seus fiéis que dentro de poucos dias estaria de volta.

## AS IRMÃS (1884)

Mons. Koeckman tinha as suas razões para insistir. Um médico japonês vinha experimentando um novo método de tratamento da lepra no mencionado hospital, com aparente sucesso. Consistia num complicado e cansativo processo de banhos, massagens e aplicações de determinadas drogas e, embora não fosse nem pretendesse ser uma cura radical para o mal, em alguns casos conseguia aliviar os sintomas e até interromper o curso da doença.

O Hospital mais parecia uma prisão do que uma instituição médica; originalmente, era apenas um centro de triagem onde os leprosos, depois de diagnosticados os primeiros sintomas, eram internados à espera do embarque para Molokai. Na realidade, porém, em conseqüência das instáveis e confusas políticas do Ministério da Saúde, muitos permaneciam ali pelo resto dos seus dias. Embora continuasse oficialmente sob o controle e as diretrizes do governo, era dirigido desde 1884 por um valoroso grupo de freiras franciscanas, cuja vinda para a ilha tinha sido resultado de uma campanha iniciada por Damião.

Já em 1873, um mês após a sua chegada a Molokai, o missionário tinha escrito a mons. Maigret: "Se pudesse dispor aqui de uma dúzia de freiras dedicadas ao tratamento dos doentes, prestar-me-iam um imenso serviço". Cada vez que se encontrava com ele mencionava o assunto, mas, como é evidente,

o prelado achava terrivelmente delicado solicitar de maneira oficial a alguma congregação feminina que enviasse voluntárias a um lugar como aquele. Por outro lado, tinha de levar em consideração a tempestade de protestos que se ergueria por parte dos círculos anticatólicos se solicitasse a vinda de mais freiras para o Havaí. Limitou-se, pois, a indicar ao sacerdote que a proposta tinha que partir das autoridades civis locais antes de ser endossada por ele.

Damião conversou com diversos funcionários sobre o assunto. No início, não encontrou qualquer tipo de acolhida por causa da eterna "falta de verbas", mas por fim, em 1883, um certo Dr. Fitch, do alto escalão do Ministério da Saúde, escreveu a mons. Koeckmann a dizer-lhe que tinha tomado consciência da lamentável condição dos leprosos de Molokai e do Hospital, bem como do denodado trabalho de Damião; e prosseguia: "Mas a dedicação desse homem não basta para cuidar adequadamente de setecentos leprosos, se não mais; precisamos de mulheres que dêem assistência aos doentes. Em conseqüência, tomei a liberdade de propor ao Ministério da Saúde que considerasse, juntamente com Vossa Reverendíssima, a possibilidade de conseguir vinte e cinco freiras dedicadas à enfermagem para assistir esses pacientes [...]. Eu sou, como sabe, um protestante, mas conheço por experiência própria na Califórnia o valor dessas corajosas mulheres".

Era uma vitória para os missionários católicos que, apenas quarenta e quatro anos antes, tinham necessitado da proteção de uma fragata francesa. Ainda assim, o bispo não agiu imediatamente: a carta constituía um impressionante tributo ao trabalho dos seus sacerdotes mas, para ele, que conhecia tão bem as inconstâncias da política havaiana, ainda não tinha o caráter de um requerimento oficial. Este veio sob a forma de uma carta do Ministro das Relações Exteriores:

"Excelência Reverendíssima – escrevia o Ministro –, sei muito bem que na Igreja Católica abundam eminentes instituições de caridade, como as que são tão necessárias no nosso país, e,

como uma recomendação de Vossa Reverendíssima seria decisiva na matéria, solicito-lhe que nos ajude e convido por seu intermédio algumas Irmãs da Caridade da sua Igreja a virem ajudar os doentes desta Nação; e manifesto desde já, por antecipado, a profunda dívida e o gracioso reconhecimento por parte do governo de Sua Majestade e as bênçãos do povo havaiano"...

Desta vez, o bispo deu-se por satisfeito e, já no mês de novembro daquele ano, sete freiras da Ordem Franciscana desembarcavam do navio *Mariposa*, vindas de São Francisco. A superiora era a Madre Marianne Koop, uma mulher alta e bem-apessoada que, tal como Damião, viria a combinar uma profunda piedade com uma notável coragem, capacidade de iniciativa e sólido senso comum.

Para sua surpresa, as religiosas foram recebidas com honras reais: a Rainha enviou quatro carruagens completas, com todo o aparato de lacaios e cavalariços em brilhantes uniformes, para levá-las à catedral onde o bispo as aguardava junto com todo o clero da diocese. No dia seguinte, foram conduzidas ao palácio e apresentadas a Sua Majestade, curiosa por conhecer essas mulheres brancas que aspiravam à mesma sorte de Damião. Tinha ouvido falar dos seus votos de pobreza e, quando a Madre Marianne a cumprimentou, percebeu desconcertada que a rainha lhe deslizava subrepticiamente para as mãos uma nota de cem dólares...

Mas o Ministério da Saúde, imbuído do sábio princípio de que "a caridade começa em casa", decidiu que as freiras não seguiriam para Molokai, mas começariam o seu trabalho no Hospital – que, aliás, bem necessitado andava dos seus serviços. Na verdade, não passava de uma série de galpões de madeira construídos numa ilha situada no meio de um pântano salobre à beira-mar e cercados por uma alta estacada. Mais parecia uma imunda prisão primitiva, e até os poucos e mal preparados enfermeiros tomavam atitudes de carcereiros, a ponto de terem criado celas solitárias para castigar os leprosos rebeldes. A cozinha era uma barraca sem fogão, com uns buracos abertos no

chão para acender o fogo; os cozinheiros, leprosos cujas feridas raramente estavam vendadas. Não havia esgoto nem drenagem de nenhum tipo e o mau cheiro fazia-se sentir à distância.

Pois foi ali que se estabeleceram as sete freiras. A história dos seus primeiros seis meses entre os leprosos – mais de duzentos, de todas as idades, de ambos os sexos e de disposições que variavam da apatia à rebelião – correu paralela à de Damião em Kalawao, com a diferença de que elas eram mulheres; ou seja, puseram a limpeza acima de tudo. Antes de qualquer outra medida, lavaram, esfregaram e dedetizaram o hospital inteiro e estabeleceram a rotina necessária para que permanecesse sempre limpo. Tiveram de enfrentar a costumeira oposição dos doentes e dos enfermeiros, mas a tranqüila sabedoria de Madre Marianne soube prevalecer sobre todos os dissabores e pouco a pouco o estabelecimento começou a ganhar ares de um verdadeiro hospital.

Chegaram mais freiras, o governo aumentou as verbas, os cidadãos de Honolulu enviaram donativos generosos e vários médicos da cidade começaram a fazer visitas semanais regulares. Entre eles, havia um que a madre menciona especialmente num relatório à sua superiora: "Temos agora um médico do Japão que fez do tratamento da lepra a sua especialidade. Vem diariamente ao hospital e cuida de setenta pacientes, que estão todos indo muito bem. Aplica-lhes banhos medicamentosos quentes duas vezes ao dia e remédios antes e depois das refeições. Esse tratamento custa-nos um trabalho adicional, mas todas nos alegramos de ver que dá bons resultados. Alguns pacientes têm melhorado tanto que o médico já pensa em dar-lhes alta, o que seria um caso inusitado na história da lepra".

## A INTERNAÇÃO (1886)

A chegada de Damião ao hospital para receber o novo tratamento foi um acontecimento na vida das freiras. Era o seu

herói, o homem cujo exemplo as tinha levado a abandonar a relativa tranqüilidade dos seus conventos, e assim prepararam-se com imenso carinho para recebê-lo. Uma das irmãs deu uma nova mão de cal ao quarto que lhe tinham reservado, a Madre pendurou o seu próprio crucifixo na parede, e cada uma das outras contribuiu com algum detalhe especial, privando-se dessas poucas coisas – gravuras, colchas de retalhos, etc. – que tinham trazido da sua pátria e que, apesar da sua pobreza material, tinham um significado especial para elas. Pela primeira vez em doze anos o sacerdote desfrutaria do luxo de deitar-se sobre uns lençóis!

Quando chegou, a doença já lhe tinha deformado o rosto. O nariz estava inchado, as orelhas deformadas e a pele adquirira uma cor vermelho-acobreada. As religiosas choraram ao vê-lo e rodearam-no de solicitude e de carinho, procurando adiantar-se a qualquer desejo ou necessidade que tivesse e esforçando-se ao máximo por tornar a sua estadia confortável.

Mas Damião não estava acostumado a ser tratado como inválido e esse papel passivo repugnava profundamente ao seu temperamento enérgico. As atenções constantes e o ansioso revoar de saias ao menor movimento que fizesse deixavam-no constrangido. Era uma verdadeira tortura para ele permanecer longas horas sem fazer nada, sentado no banho quente conforme prescrevia o tratamento. Uma nuvem de melancolia envolveu-lhe a alma e os assuntos da sua gente em Molokai não lhe saíam do pensamento. Logo se viu que nenhum tratamento poderia trazer-lhe melhoras enquanto se encontrasse nesse estado de espírito, e todos acabaram por compreender que o melhor seria deixá-lo voltar à colônia. Assim, apenas duas semanas depois, já se encontrava de novo num navio a caminho de Molokai.

Mas os dias em que permaneceu no hospital não foram inúteis; pelo menos, serviram para convencer a Madre da necessidade de enviar algumas irmãs à colônia quanto antes. Foi somente disso que falaram até o navio zarpar, pois ambos sabiam que a empreitada de convencer o Ministério da Saúde –

que já concebera outros planos para o futuro das freiras – exigiria esforços tenazes e longas conversações. O apito do navio veio interromper-lhes a conversa e o gongo de bordo exigiu que os visitantes desembarcassem: era a hora de a Madre descer. Do cais, ela acenou-lhe um último adeus e, mais uma vez, garantiu-lhe que dentro em breve algumas das freiras estariam em Molokai. Enquanto o navio se afastava do cais, o sacerdote mal teve tempo de recomendar-lhe:

– "Apresse-se, Madre, pois não temos muito tempo".

Ela inclinou a cabeça, sorriu, acenou e fingiu não ter percebido que o sacerdote aludia à sua própria morte.

## O CAPITÃO

Quando chegara pela primeira vez a Honolulu, Damião extasiara-se com o panorama, um rendilhado de cumes afilados e montanhas que subiam até às nuvens, tingido por uma paleta esplendidamente anárquica. Agora, não lhe restavam dúvidas de que estava admirando o magnífico espetáculo pela última vez. Pouco a pouco, os picos se perderam na distância e a noite mergulhou em sombras tudo o que a vista podia abarcar; no entanto, o sacerdote permaneceu de pé à popa, os olhos cravados na escuridão.

E ali o encontrou o capitão, um gigante requeimado pelo sol, americano de nascimento; era o mesmo que anos antes o impedira de subir ao navio para confessar-se com o seu superior. Desta vez, porém, trazia nas mãos uma garrafa e dois copos e parecia ansioso por contar-lhe alguma coisa.

– "Padre – a voz saía-lhe hesitante e embaraçada –, pensei que talvez gostasse de tomar um copo de vinho comigo".

O sacerdote reconheceu-o apesar da penumbra. Balançou a cabeça:

– "O sr. esquece que sou um leproso".

O outro fez um gesto como se isso não lhe importasse e,

em voz baixa, dirigiu-lhe o maior elogio que lhe ocorreu: disse-lhe que era o homem mais valente que tinha conhecido em toda a sua vida.

Damião não respondeu nada, e o capitão também não acrescentou mais nada. Durante uma hora os dois ficaram ali em silêncio, apoiados na amurada que vibrava com o movimento das hélices e perdidos entre as sombras do convés, como se respeitassem o silêncio da noite e sentissem a sua pequenez diante da imensa amplidão do céu salpicado de estrelas, enquanto os pensamentos lhes voavam para o mistério da existência. O pulsar dos motores, o barulho ocasional de uma pá na casa de máquinas, o incessante lamento dos passageiros condenados geravam entre eles uma estranha e dolorosa harmonia que não ousavam romper com uma conversa fútil. Mas o capitão sentia a consciência pesar-lhe e, de repente, comentou que o incidente da confissão nunca deixara de causar-lhe remorsos, e que há muito aguardava uma oportunidade para manifestar-lhe o seu arrependimento e pedir-lhe perdão.

– "Está perdoado", disse o padre simplesmente.

O marinheiro ainda tinha algo a dizer, mas as palavras custavam-lhe a sair. Estendeu o braço para a esplêndida imensidão do mar e do céu, como se constituíssem uma prova irrefutável:

– "Quando a gente vê isto todos os dias, não é possível negar que *Alguém* controla tudo, mas"...

Hesitou uns momentos e concluiu rapidamente:

– "Padre, é que não sei muito sobre isto".

O tom de voz era ao mesmo tempo o de uma súplica e de uma pergunta a que Damião não podia deixar de responder. Caminharam ambos até à ponte de comando. Ali, à luz mortiça da mesa de cartas, o sacerdote começou a ensinar ao marinheiro os rudimentos da fé.

Era um local estranho para semelhante conversa, mas de certa forma também muito adequado. Passou da meia-noite, o sino de bordo deu as oito badaladas que anunciavam a mudança

de turno e novos homens subiram à ponte, assumindo os seus postos sem maiores cerimônias. No entanto, o murmúrio abafado das vozes do sacerdote e do seu catecúmeno continuou sem parar até que, já nascido o sol, surgiu no horizonte o ancoradouro.

Sempre e acima de tudo, Damião era um missionário.

# “AINDA HÁ TANTO QUE FAZER”

## O FALECIMENTO DA SRA. VEUSTER

A sra. Catherine ainda vivia, mas já era de idade muito avançada, de modo que, sempre que lhe escrevia, o sacerdote evitava mencionar que tinha contraído a doença. Depois da sua ida a Honolulu, no entanto, a notícia espalhou-se pelos jornais de todo o mundo e acabou por chegar a Tremeloo numa versão sensacionalista, segundo a qual o corpo estava a desfazer-se em pedaços e os braços e pernas se encontravam reduzidos a cotos. O choque foi violento demais para a velha mãe, que faleceu no dia seguinte, com o terço entre os dedos e o olhar fixo numa fotografia de Damião.

Panfílio escreveu-lhe com muita delicadeza a relatar-lhe o falecimento, mas a notícia encontrou Damião preparado. Pouco tempo antes, conhecendo já o estado de saúde da mãe, tinha escrito ao irmão: “Oitenta e dois anos de uma vida piedosa e laboriosa não podem estar longe do descanso eterno. Estou certo de que ela se está preparando [...] para uma morte santa. As suas freqüentes visitas [do irmão] compensarão a minha ausência; assegure-lhe que todos os dias me lembro de oferecer a missa por ela”.

Há muito que Panfílio desejava também partir para Molokai e agora, com a morte da mãe, mais se firmou nessa intenção. No entanto, por alguma razão que desconhecemos, os superiores acharam melhor que não fosse. Os dois irmãos ficaram

profundamente desapontados, mas foi novamente Damião o primeiro a consolar-se e a consolá-lo: "Nosso Senhor decidiu que você deve continuar a residir na nossa pátria, que a sua vocação especial é empenhar-se na salvação da nossa família e dos nossos conterrâneos, do mesmo modo que determinou inequivocamente que a minha se encontra aqui entre os leprosos [...]. O melhor, para nós dois, é deixar tudo nas mãos dos nossos superiores, mesmo que isso signifique privar-me do consolo de ter ao meu lado aquele a quem, depois de Deus, devo a sorte de ter sido escolhido para as missões. Sei que você me compreende, sem precisar de mais palavras".

Mas havia, espalhados pelo mundo, outros homens que alimentavam as mesmas esperanças e que foram mais bem-sucedidos que Panfílio. Quando souberam da doença do missionário, quatro homens, entre eles dois sacerdotes, tomaram a decisão de ir para Molokai a fim de auxiliá-lo no seu trabalho. Os quatro conseguiriam realizar esse sonho e chegariam à ilha ainda antes da morte do homem cujo exemplo os inspirara. O primeiro foi Joseph Dutton, que seria o confidente e auxiliar mais íntimo de Damião nos últimos tempos, e que permaneceria na colônia por quarenta e quatro anos.

## DUTTON

A vida de Dutton antes da sua chegada a Molokai parece uma novela de aventuras, com todos os ingredientes romanescos próprios do estilo. O seu nome original fora Ira Dutton, mas, ao converter-se ao catolicismo em 1883, no dia do seu quadragésimo aniversário, mudara-o para Joseph. Nascera num vilarejo pequeno dos Estados Unidos (Stowe, no Estado de Vermont), e descendia diretamente de uma das famílias pioneiras norte-americanas, proprietários de terras na Inglaterra que se tinham instalado na América. Os pais eram carinhosos e compreensivos, mas indiferentes em matéria religiosa, e a sua in-

fância e adolescência tinham transcorrido numa agradável mediocridade e numa completa inconsciência com relação a Deus.

Quando os canhões de Fort Sumter anunciaram o começo da Guerra da Secessão, em 1861, Dutton alistou-se imediatamente, adaptando-se com facilidade à vida militar. Dois anos mais tarde, já no posto de tenente, era descrito por um dos seus generais como "o homem mais bem-parecido que já conheci e um dos melhores e mais valentes oficiais do Exército". Com efeito, seria um soldado até o fim da vida: mesmo nos seus últimos anos, enquanto cuidava dos leprosos de Molokai, o olhar se lhe escapava às vezes para contemplar as elevadas escarpas, enquanto traçava mentalmente os planos das fortificações que se poderiam erguer ali.

No regimento, levava a mesma vida que os seus companheiros oficiais; nas horas de folga, bebia bastante e jogava muito, e não há por que pensar que evitasse a companhia feminina. Depois de um casamento desastrado, que durou apenas um ano, deixou o exército e mergulhou por quase dez anos na bebedeira e num comportamento dissoluto, período que permaneceria gravado na sua memória como o mais vergonhoso da sua vida. Pouco a pouco, porém, conseguiu superar os seus baques e reintegrar-se na normalidade, como funcionário do governo federal.

No início de 1883, vamos encontrá-lo em Memphis, Tennessee, como um solteirão mui respeitável e bom partido. Divorciara-se da esposa pouco antes, por "adultério com diversas pessoas em diversas ocasiões", sem que a mulher tivesse sequer tomado conhecimento do processo; de qualquer forma, a morte veio colhê-la no ano seguinte. Nessa cidade sulista, o nortista Dutton foi recebido nas melhores famílias: era um triunfo do tato e das boas maneiras, especialmente se tivermos em conta que desempenhava a desagradável função de representar o governo federal vitorioso num Estado que ainda refervia de ressentimentos e querelas judiciais.

Privou particularmente com o casal Semmes, ela uma das

mais ilustres damas da sociedade, ele um antigo oficial confederado. Apesar das diferenças religiosas – os Semmes eram católicos fervorosos –, marido e mulher tornaram-se os amigos mais íntimos de Dutton, e este acabou por deixar-se contagiar pelo exemplo de vida cristã que davam. Foi à sra. Semmes que manifestou pela primeira vez a sua intenção de fazer-se católico: "Contei-lhe – relata Dutton – toda a minha vida passada e que pretendia converter-me. Para minha surpresa, ela procurou dissuadir-me, dizendo que duvidava da firmeza da minha decisão".

Finalmente, conseguiu que ela o apresentasse ao pe. Joseph Kelly, dominicano, que o instruiu na fé e o recebeu na Igreja. E então, inesperadamente, sem quaisquer avisos nem explicações, aquele que passara a chamar-se Joseph Dutton renunciou ao seu cargo oficial e desapareceu da cidade, deixando atrás de si uma onda de boatos que cresceu ainda mais quando se soube, cerca de um mês mais tarde, que o destemido ex-oficial e elegante cavalheiro se recluíra por trás dos muros de um convento.

Era verdade. Sempre apaixonado e impulsivo, Dutton decidira afastar-se do mundo e escolhera para isso a mais severa das Ordens religiosas, os trapistas, cuja vida de extrema austeridade já havia atraído Damião nos seus dias de estudante. Mais tarde, diria: "Embora soubesse que a disciplina ali era dura, pareceu-me que era exatamente isso o que mais precisava naquele momento". Foi em busca de paz para o seu coração atormentado.

No entanto, nunca quis ser admitido na ordem, isto é, durante os vinte meses que passou com os trapistas, nunca se vinculou à vida religiosa pelos três votos de castidade, pobreza e obediência. "Convém deixar registrado por escrito – escreve – que não sou nem nunca fui um monge [...]. Sou um leigo como qualquer outro". Tinha consciência de não ter sido chamado a esse tipo de vida contemplativa, e continuava a procurar uma maneira de combinar a penitência com um trabalho em que pudesse pôr a serviço de outros os seus dotes para a atividade e o comando.

Deixou a Trapa em 1885 e, um dia em que se encontrava entregue à leitura na biblioteca dos redentoristas de New Orleans, caiu-lhe debaixo dos olhos uma reportagem ampla a respeito do Padre Damião e Molokai. Naquele momento, teve a certeza de que a busca terminara: tinha descoberto a sua vocação.

## A AMIZADE (1887)

Havia razões de ordem prática, como dar as boas-vindas aos recém-chegados ou receber mercadorias, que levavam Damião a ir até à praia sempre que chegava um navio. Mas, de todas as suas ocupações, essa era sem dúvida uma das mais agradáveis, pois o mar e os navios exerciam sobre ele um verdadeiro fascínio.

Depois da sua volta de Honolulu, retomou esse costume, muito embora a doença já lhe tivesse afetado as pernas e o obrigasse a recorrer a uma barulhenta carroça, posta à sua disposição por um fazendeiro não-leproso, para deslocar-se até ao cais. Assim, como de costume, encontrava-se no seu posto de observação, um amontoado de rochas na praia, na manhã em que Dutton chegou a Molokai.

A visão daquele esgalgado homem branco, evidentemente não leproso, que transferia os seus pertences para o escaler, despertou-lhe a curiosidade. Não eram muitos os que visitavam a colônia, e nunca se tinha visto nenhum que trouxesse tanta bagagem. Por sua vez, enquanto se aproximava do cais, Dutton não tirou os olhos daquela figura sentada na praia, de rosto queimado pelo sol e cruelmente desfigurado pela doença, com um enorme chapéu de palha à cabeça: a silhueta patética, tão facilmente identificável, do homem cujo ideal viera imitar.

A quilha do barco raspou na areia do fundo e o americano saltou em terra e foi ao encontro do sacerdote. Explicou-lhe em poucas palavras a idéia que o trazia e declarou que não

pretendia receber remuneração alguma*. Apresentou as suas credenciais, umas cartas em que mons. Koeckmann e o Ministério da Saúde o autorizavam a estabelecer-se em Molokai, e Damião examinou-as detidamente através das suas grossas lentes.

Embora os poderes eclesiásticos e civis se exprimissem em termos do maior entusiasmo, a princípio o missionário não deixou transparecer nenhum alívio pela chegada desse ajudante tão dolorosamente necessário. Talvez duvidasse de que um cavalheiro tão civilizado e elegante fosse capaz de enfrentar as vicissitudes do lugar e, depois de descrever-lhe algumas das piores cenas que teria de enfrentar, perguntou-lhe à queima-roupa:

– "Está disposto a fazer um voto de permanecer pelo menos um ano aqui?"

– "Estou", foi a resposta.

Essa afirmação categórica não bastou para dissipar as dúvidas de Damião, mas, enquanto faziam a primeira ronda de inspeção pelos dois vilarejos da colônia, estabeleceu-se entre eles a inexplicável empatia que caracteriza as amizades à primeira vista. Ao ver Dutton observar aquela sucessão de horrores sem pestanejar uma única vez, o sacerdote percebeu instintivamente que estava por fim diante de alguém que o compreendia e com quem poderia trabalhar em perfeita harmonia. Assim, no crepúsculo dessa vida que se consumia, Damião conheceu finalmente o mais precioso dos dons humanos, algo mais que o alento e o carinho do seu bispo e a gratidão dos seus leprosos, algo que até então lhe faltara: a amizade.

Pode parecer estranho que dois homens tão diferentes um do outro, a não ser pela sua fé e pela sua entrega, se tenham tornado amigos tão íntimos. Mas eram precisamente as características que os distinguiam como indivíduos o que atuava como elemento harmonizador. Damião, sentindo a aproxima-

(*) Com efeito, durante os longos anos que se seguiram, jamais aceitou um só centavo pelos seus serviços, embora o governo propusesse diversas vezes pagar-lhe um salário; mais ainda, graças a uma herança, contribuiu com mais de dez mil dólares – uma fortuna, à época – para os gastos da colônia (N. do A.)

ção da morte, empenhara-se numa atividade intensa, quase seríamos tentados a dizer frenética; os avanços da doença, porém, acarretavam-lhe as mesmas deficiências que atingem os muito velhos, como a perda da memória. Não era raro que abandonasse um trabalho recém-começado para iniciar outro, e quem haveria de retomar a tarefa e terminá-la por ele se não o fiel e dedicado Dutton?

Os hábitos metódicos adquiridos no exército demonstraram-se muito úteis ao americano, nesses primeiros tempos. Como vimos, Dutton nunca deixara de ser um oficial: atacava metodicamente um problema após outro e, ao contrário de Damião, cuidava meticulosamente da sua elegância pessoal e da perfeita ordem da sua cabana, onde os cobertores enrolados e os pertences bem arrumados pareciam aguardar a qualquer momento a inspeção de algum general.

O primeiro dia passou-se entre preparativos, planos e divisão das tarefas. Dutton cuidaria das duas igrejas e ajudaria o padre na missa; além disso, como as mãos do sacerdote começavam a perder agilidade por causa do inchaço, ficou combinado também que o recém-chegado assumiria aos poucos o encargo de lavar e trocar os pensos dos leprosos no hospital.

Quando a brisa da tarde veio refrescar os calores do dia, encontrou os dois sentados em frente à cabana de Damião, a essa altura já inteiramente coberta por um caramanchão de madressilva. Observavam o céu escurecer e revestir-se do brilho das noites tropicais; a folhagem das árvores próximas parecia uma tapeçaria debruada de prata. Damião fumava o seu cachimbo e indicava ao companheiro a velha árvore sob a qual dormira as primeiras noites após a chegada à ilha; recordou as esperanças, as orações e o trabalho desses anos todos e traçou diante do amigo o grandioso quadro da grande instituição quase-monástica de atendimento aos leprosos que constituía o seu sonho.

– "Você é o primeiro dos irmãos a chegar", disse ao companheiro com um sorriso, e a partir desse momento Dutton seria para o sacerdote o "irmão José". Seguiram-se outras con-

versas e, com o passar do tempo e o aprofundamento da amizade, Damião passou a conceber esperanças de que Dutton viesse a ser o seu sucessor em todos os sentidos:

– "Você deveria ordenar-se sacerdote", sugeriu-lhe certa noite.

Para sua surpresa, o americano recusou-se sequer a considerar a idéia. O missionário voltou à carga diversas vezes, com a tenacidade que o caracterizava quando tinha a certeza de estar fazendo uma coisa boa.

– "Você foi um oficial. A sua educação é bastante boa", insistia, pensando que o outro hesitava por razões escolásticas. "Não lhe custará muito aprender latim. Olhe para mim, um filho de camponeses, e no entanto aprendi-o rapidamente".

Mas Dutton, pouco à vontade – mais tarde comentaria que esse foi um dos momentos mais difíceis da sua vida –, retrucou que não se tratava de uma questão de educação, mas de aptidão. A seguir, contou-lhe francamente toda a sua vida passada e deu o assunto por definitivamente encerrado.

Passou-se um ano, sempre nas mesmas fainas. Damião começou a acostumar-se ao "luxo" de ter um ajudante. Reuniam-se todas as noites para trocar impressões sobre os acontecimentos do dia e traçar planos para o dia seguinte. Os leprosos continuavam a vir cantar à hora da refeição da noite, mas agora retiravam-se mais cedo; a seguir, ele passava a ler o seu breviário à luz de um lampião de querosene – já com muita dificuldade, porque a vista se enfraquecia –, enquanto Dutton se entretinha a ler os jornais de um mês atrás, pois esse ex-homem do mundo continuava a seguir com muito interesse as comédias e tragédias que se desenrolavam sobre o palco da história contemporânea.

E não faltavam acontecimentos, naquele ano de 1887, capazes de atrair a atenção do antigo soldado. Karl Marx acabava de publicar *O Capital* em alemão; as greves assumiam grandes proporções na Europa e as tropas do exército ajudavam a polícia a enfrentar os trabalhadores. Nos Estados Unidos, o presidente Cleveland trocava gélidas notas formais com o governo britâ-

nico a respeito da captura de uns pesqueiros americanos em águas canadenses, mas os ministros de Sua Majestade mostravam-se displicentes, naquele ano em que tudo eram festejos em comemoração do jubileu da Rainha Vitória.

Infelizmente para Dutton, que gostaria de comentar essas e outras notícias com Damião, os acontecimentos perdiam um pouco do seu brilho quando vistos sob a perspectiva da remota Molokai. Em todo o caso, o sacerdote interessou-se pelo cerimonial das festividades dos cinqüenta anos do reinado da rainha, pois isso lhe trouxe à memória que em breve se comemoraria o jubileu do Papa, e comentou que teria gostado de visitar o Vaticano e o Santo Padre antes de morrer.

## A ESPERANÇA RECOMPENSADA (1888)

Naquele ano, chegou à colônia um novo sacerdote, que não podia ser designado como auxiliar, pois era também um leproso e já vinha terrivelmente mutilado. Chamava-se Gregoire Archambeaux. Era francês e tinha contraído a doença numa das ilhas mais remotas do Pacífico Sul, onde trabalhara como missionário.

Damião, que não se achava em muito melhores condições, recebeu-o afetuosamente e fez o possível para aliviar-lhe os sofrimentos. Por algum tempo, o recém-chegado ainda pôde celebrar a missa na capela da Kalaupapa, enquanto Damião oficiava em Kalawao. Eram dois sacerdotes leprosos que renovavam o Sacrifício de Cristo em união com as suas comunidades leprosas: que impressionante espetáculo de fé!

Mas o padre Archambeaux somente passou dois meses em Molokai. No fim desse período, estava totalmente incapacitado e já à beira da morte. A seu pedido, foi levado para o Hospital de Honolulu, onde faleceu pouco depois.

A julgar pelo tempo decorrido desde a manifestação dos primeiros sintomas, Damião também já deveria ter falecido àquela altura. No entanto, com a teimosia que lhe era tão ca-

racterística, parecia afugentar a data fatal, não porque temesse o fim, mas porque estava convencido de que a colônia ainda não podia dispensá-lo. "Ainda há tanto que fazer!" era o lema que governava a sua existência.

Continuava-se a ouvir todos os dias o barulho do seu martelo, embora as suas mãos estivessem tão decompostas que mal conseguia segurá-lo. Com efeito, os trabalhos de construção continuavam: desde a chegada de Dutton, erguera-se uma nova cozinha comunitária, bem como um estabelecimento para banhos medicinais no estilo dos que tinham aplicado a Damião no Hospital Kakaako. E o seu empreendimento preferido, o orfanato das crianças leprosas, tinha sido ampliado.

"Ainda há tanto que fazer!" Todo um panorama de novas realizações continuava a brilhar-lhe no espírito. Projetou uma nova capela e iniciou a construção de uma nova ala para o hospital. Dutton pedia-lhe que descansasse, mas recebia como única resposta: – "Estou saindo para o trabalho, irmão José"; e, com efeito, lá se ia, cambaleante, acompanhado pelo seu preocupado e fiel assistente.

"Ainda há tanto que fazer!" Damião continuava a não se dar por satisfeito. Mais ainda, ao transpor o limiar do seu último ano de vida, os altos padrões de exigência pessoal estabelecidos pelo seu espírito impaciente e incansável – esses padrões que sempre o tinham impelido a pensar que a mais prodigiosa realização ainda poderia ser melhorada –, agora o empurravam para um turbilhão de esforços tão surpreendentes quanto assustadores, ao menos para aqueles que o observavam de fora.

Parecia fisicamente impossível que o seu corpo tão emagrecido e depauperado pudesse continuar a obedecer ao regime de vida ditado pelo seu espírito indomável. As mãos eram uma chaga só; completamente cego de um olho, perdia aos poucos a visão do outro; e, por fim, a garganta também foi afetada, reduzindo-lhe a voz a um murmúrio rouco. O andar era vacilante e, quando se inclinava sobre o altar durante a missa, procurando cumprir fielmente todas as rubricas prescritas pela li-

turgia, os fiéis chegavam a temer que não voltasse a erguer a cabeça e os ombros, tal era o seu estado de fraqueza.

"Ainda há tanto que fazer!" Apesar de tudo, apesar de todas as aparências em contrário, continuava a viver. Corriam os dias, as semanas, os meses, enchendo-se pouco a pouco de sombras: a morte reclamava-lhe o corpo, mas ele recusava-se tenazmente a entregá-lo. Os seus negócios – isto é, os interesses do seu povo – ainda não estavam em ordem.

Por fim, contra toda a esperança, a sua tenacidade foi recompensada: nos últimos meses de 1888, chegaram à colônia nada menos que seis ajudantes, três homens e três mulheres! Não eram muitos mas, para Damião, que por tanto tempo lutara sozinho, pareciam um exército de bons samaritanos.

O primeiro a desembarcar foi o padre Lambert Conrady, que fora missionário entre os índios no Oregon. Em seguida, chegou da Austrália o irmão leigo James, um gigantesco frade irlandês de cabelos castanhos que tomara o navio em Sidney assim que ouvira falar de Molokai. Depois dele, veio o pe. Wendelin Moellers, da Congregação dos Sagrados Corações, que já se encontrava nas ilhas havia alguns anos, e que decidiu aceitar o pedido de voluntários feito pelo bispo em carta circular dirigida a todo o clero das ilhas*. Por último, em novembro, ao amanhecer de um dia tempestuoso, desembarcaram do *Lehua* a Madre Marianne e as irmãs Vincent McCormick e Leopoldina Burns.

Como num conto de fadas, os últimos dias de Damião iluminaram-se subitamente. As nuvens de desespero e solidão que havia séculos pesavam sobre a lepra começavam a dissipar-se e o mundo finalmente se apercebia da existência e das necessidades dos leprosos. Era como se todos os sonhos desse sacerdote solitário tivessem recebido uma confirmação explícita por parte da Providência: juntamente com os que haveriam de su-

(*) Vale a pena ressaltar que apenas um único sacerdote, em todo o vicariato, deixou de responder ao apelo; todos os outros se prontificaram corajosamente a tomar o lugar de Damião, pois era sabido que ele não sobreviveria por muito tempo. Foi dentre esses voluntários que o bispo escolheu o pe. Wendelin (N. do A).

cedê-lo, começaram a chegar também donativos e mensagens de solidariedade de todo o mundo.

Cada navio que entrava na baía trazia ao sacerdote provas concretas da preocupação dos homens, confirmando-lhe que a sua esperança no Senhor não fora vã. Da Inglaterra, um ministro anglicano, o revdo. H. H. Chapman, enviou-lhe um cheque de quase mil libras, resultado de uma coleta entre pessoas dos mais variados credos; em Honolulu, o banqueiro C. R. Bishop doou o dinheiro necessário para a construção de um segundo orfanato para as meninas e moças da colônia, e pouco depois outro cidadão generoso, H. P. Baldwin, comprometia-se a providenciar fundos para uma instituição idêntica destinada aos rapazes. E essas foram apenas algumas amostras do que a colônia subitamente passou a receber, depois de tantos anos de abandono e privações.

## AS FRANCISCANAS EM KALAUPAPA (1888)

Combinou-se erguer o novo lar para meninas em Kalaupapa, sob a direção das religiosas franciscanas, que fixaram residência na aldeia. Como já tinham feito no Hospital de Honolulu, as irmãs começaram a trabalhar sem perder um só minuto, reencetando o turbilhão de lavagens e limpezas já no dia seguinte ao da sua chegada. Com as bandagens e ungüentos trazidos de Honolulu, instalaram um ambulatório para cuidar das feridas dos leprosos e criaram uma rotina de visitas domiciliares diárias aos que não podiam locomover-se, levando-lhes pequenos presentes e tratando-lhes as chagas com uma delicadeza feminina totalmente inaudita para aqueles inválidos.

Certa vez, após atender uma mulher moribunda de aspecto particularmente repulsivo, a irmã Leopoldina lembrou-se de perguntar à madre:

– "Madre, e que fará comigo quando eu ficar leprosa?"

– "Você nunca ficará leprosa", foi a tranqüila resposta. "Eu sei que todas estamos expostas ao contágio, mas sei também

que Deus nos quer ver dedicadas a este trabalho. Se formos fiéis e cumprirmos o nosso dever, Ele nos protegerá. Portanto, não se preocupe e, se esse pensamento lhe voltar à mente, afaste-o imediatamente".

A seguir, parou por uns instantes e acrescentou com uma confiança inamovível:

– "Lembre-se, minha filha, de que você nunca ficará leprosa, nem você nem nenhuma das irmãs da nossa Ordem".

Era sem dúvida uma afirmação extraordinária, que nenhum médico teria a coragem de subscrever. O tempo viria a demonstrar que a Madre tinha razão: nenhuma das franciscanas que continuam a trabalhar em Molokai contraiu até o dia de hoje a terrível doença.

Como é evidente, a Madre teve o bom senso de compilar uma série de regras óbvias de higiene e de exigir que as religiosas as seguissem escrupulosamente. De qualquer modo, não se aproximavam nem de longe da prudência de que dava mostras certo médico visitante enviado pelo Ministério da Saúde, do qual os leprosos diziam com desdém: "Depois que prepara remédios, deixa-os junto do portão de entrada do posto de saúde, e assim nem sequer é preciso que entremos"...

Uma dessas regras deu ocasião a um episódio que demonstraria a finura da consciência de Damião. Essa regra estabelecia que as freiras nunca deviam comer junto com os leprosos ou aceitar qualquer coisa preparada por eles. Ora bem, certo dia a Madre Marianne sugeriu às irmãs Vincent e Leopoldina que visitassem a vila de Kalawao, uma vez que seria a primeira vez desde a sua chegada que as duas disporiam de umas horas para sair de Kalaupapa. Damião enviou-lhes a sua carroça e as duas freiras rodaram alegremente pela estrada irregular. Foram recebidas com flores e o sacerdote, depois de cumprimentá-las, convidou-as a visitar a capela, coisa que divertiu bastante as irmãs pelas cores berrantes ao estilo kanaka com que a igrejinha estava pintada, e que lhes lembravam a *Chinatown* de São Francisco.

Mas esse momento de descontração evaporou-se quando, pouco depois, as avisaram de que o sacerdote as esperava para o jantar e de que, ainda por cima, o cozinheiro – evidentemente um leproso – tinha preparado um prato especial em homenagem a elas. Divididas entre a regra estabelecida pela Madre e o respeito que tinham pelo sacerdote, entraram na cabana e sentaram-se à mesa. Apoiado em James, que lhe servia de enfermeiro, Damião abençoou os alimentos na sua voz rouca e quase inaudível, mas logo notou que as suas convidadas se entreolhavam timidamente e não davam sinais de começar. Quando tentaram explicar-lhe o dilema em que se encontravam, impacientou-se e, cortando-lhes a palavra, insistiu em que comessem. As boas freiras obedeceram, mas pode-se imaginar com que falta de apetite...

É verdade que o incidente põe à mostra a teimosia característica de Damião, que não podia deixar de recordar os anos que passara comendo do mesmo prato que os leprosos para fortalecer-lhes a confiança; mas o que sucedeu depois revela-nos outro traço igualmente vincado do seu caráter: a prontidão em admitir os seus erros. Logo no dia seguinte, pela manhã cedo, as irmãs assustaram-se ao vê-lo aparecer em sua casa para lhes pedir perdão; durante a noite, tinha meditado no assunto e, compreendendo o seu erro, insistira em ser levado até à residência das religiosas, em Kalaupapa, apesar dos protestos indignados dos outros, que sabiam que a viagem por aquela estrada esburacada lhe causaria enormes dores.

As irmãs, naturalmente, comoveram-se com esse gesto. Depois que o sacerdote descansou um pouco e se preparou para partir, a um sinal da Madre, as três se ajoelharam junto da carroça. Sabiam que aquela seria a sua última visita a Kalaupapa.

– "Dê-nos a bênção, padre Damião", disse a Madre.

E o sacerdote ergueu a mão trêmula e inchada sobre as cabeças inclinadas e pronunciou as palavras da bênção. O pedido deixara-o feliz e, quando James pôs o cavalo em marcha, pôde notar-lhe o brilho de umas lágrimas nos olhos.

# *ALOHA OÊ, KAMIANO*

## O ÚLTIMO VISITANTE (dezembro de 1888)

Pouco antes do Natal, a escala semanal do barco trouxe a Molokai uma pessoa cuja presença pareceu injetar em Damião um novo surto de energia, tão estranho quanto inesperado. O recém-chegado era Edward Clifford, um pintor inglês que permaneceria apenas duas semanas na ilha e trazia consigo diversas caixas com presentes destinados pelos seus compatriotas aos leprosos. No resumido e por vezes simplório relato que nos deixou da sua viagem, o sr. Clifford revela-se um homem metódico, bom observador e dotado de um temperamento extremamente caridoso e piedoso.

Essas qualidades, no entanto, não o impediram de irritar-se com certa freqüência durante a viagem, sobretudo quando os outros passageiros interrompiam o seu trabalho de pintura com perguntas amáveis mas tolas, pois dedica várias páginas do seu livro a esses contratempos; além disso, ocupa-se em descrever com certo sarcasmo os modos de alguns companheiros de viagem americanos. Ora bem, esse *gentleman* imbuído de senso crítico, que registrou com fidelidade todos os pequenos detalhes da sua visita, não encontrou nada a criticar em Damião, apesar de se ter hospedado na própria casa do missionário todo o tempo que durou a sua permanência na colônia.

Acrescentemos ainda que essa testemunha ocular dos últi-

mos dias de Damião também não se encontrava ligada a ele por qualquer laço de fé que pudesse induzi-la a fechar os olhos diante de alguma falta na conduta do sacerdote. Mais ainda, era um protestante dos mais intransigentes e olhava com suspicácia tudo o que fosse católico. No seu relato, conta-nos que, "quando era pequeno, pensava que todos os católicos romanos eram maus e iam diretamente para o inferno. Mal via uma freira, já pensava que pretendia agarrar-me e levar-me às fogueiras da Inquisição". Os anos tinham contribuído para suavizar essas desconfianças, mas as páginas em que tece o seu entusiástico louvor a Damião são precedidas por uma longa e solene explanação acerca das razões pelas quais o autor se opõe ao catolicismo. Essa explanação termina assim: "Portanto, com a ajuda de Deus, jamais serei um católico romano. E tendo dito isto, sinto-me à vontade para contar a minha história".

Montou o cavalete diante do pátio da capela, e ali permanecia sentado durante horas enquanto o sacerdote, sentado à sombra da varanda coberta de madressilva, descansava e observava. De vez em quando, os dois homens conversavam sobre os mais variados assuntos, incluídas as diferenças entre os respectivos credos. Clifford sentiu-se agradavelmente surpreendido quando descobriu que Damião não acreditava que todos os protestantes estivessem condenados ao inferno pelo simples fato de sê-lo, e foi com a mesma satisfação que ouviu o sacerdote elogiar um pastor protestante nativo que tinha vindo para a ilha a fim de cuidar da sua esposa leprosa.

Quando chegou o dia do Natal, Clifford, que pelos vistos se dava bem em todos os ramos das artes, teve ocasião de proporcionar uma grande alegria a Damião participando do coro dos leprosos. Embora mantivesse uma segura distância dos seus companheiros, o inglês cantou impávido o *Adeste fideles* com voz firme e sonora, e depois da cerimônia distribuiu umas moedas e pequenas lembranças entre os seus companheiros de coro.

Como lembrança da sua visita a Molokai, pediu ao anfitrião

que lhe pusesse umas linhas na primeira página da sua Bíblia. Com letra tremida – pois já tinha muita dificuldade em segurar a caneta –, Damião rabiscou: "*Eu estava enfermo e me visitastes. J. Damien de Veuster*".

## O ADEUS: *ALOHA OÊ* (15 de abril de 1889)

No dia 3 de janeiro, Damião completou quarenta e nove anos e começou tranqüilamente a preparar-se para morrer.

– "Gostaria de ser sepultado ao lado da minha igreja – disse ele aos que o cercavam –, sob aquela velha árvore onde dormi tantas noites até encontrar outro abrigo".

Esses últimos meses que formaram o umbral da sua sepultura – ou melhor, do seu céu – foram os mais felizes da sua vida. Juntamente com a certeza de que o seu trabalho não seria interrompido, uma grande serenidade tomou-lhe o espírito, apaziguando o seu temperamento inquieto e fazendo-o contemplar com alegria a meta final dos seus trabalhos.

Fez o seu testamento, pondo à disposição do bispo o pouco que tinha:

– "Como me sinto feliz por deixar tudo nas mãos de monsenhor!", disse ao padre Wendelin. "Agora morro pobre, porque não tenho mais nada".

Seguiu também a sua última carta para a Bélgica: "Queiram dar as minhas recomendações a todos os sacerdotes de Lovaina, a Gérard, Leonor e toda a família. Ainda consigo celebrar a missa todos os dias, embora com dificuldade, e nunca me esqueço de nenhum de vocês. Em troca, rezem por mim e peçam a outros que também o façam, pois dirijo-me suavemente para a sepultura. Queira Deus dar-me forças e a graça da perseverança e de uma morte feliz". E, em resposta a uma afetuosa carta de Clifford: "Esforço-me por percorrer lentamente a minha Via-Sacra e espero chegar em breve ao cume do meu Gólgota".

Ainda conseguiu celebrar a missa até princípios de março, quando o seu corpo lhe falhou definitivamente. Mas, mesmo depois de se encontrar literalmente prostrado no seu leito de morte, recusou-se a consentir que o tratassem como um inválido. Não admitia que se formasse ao seu redor a atmosfera de desalento e tristeza que costuma cercar os pacientes terminais; todas as manhãs, pedia ao irmão James e ao pe. Conrady que o transportassem no seu colchão para o gramado diante da casa, e ali recebia as visitas dos "seus leprosos". Não lhes permitia lágrimas na sua presença, e quase sempre tinha uma história para lhes contar ou uma palavra afetuosa. À tarde, era levado novamente para dentro da casa e, à porta, juntavam-se os seus velhos amigos, a cantar em voz baixa as canções de que ele tanto gostava.

– "Como é bom morrer assim!", dizia ele.

Ocasionalmente, falava das suas recordações, do passado, dos primeiros tempos na colônia, da melancólica manhã em que desembarcara naquelas paragens.

– "Já se foram todos – comentou certa vez, referindo-se aos leprosos que tinha encontrado naquele dia –, e em breve estarei com eles".

Às vezes, falava de Tremeloo; parecia reviver pouco a pouco a sua vida e perguntava-se a si mesmo se ainda se lembrariam dele no seu antigo distrito de Kohala.

A certa altura, estendeu as mãos para o padre Wendelin:

– "Veja – disse com alegria –, todas as chagas se estão fechando e a crosta está escurecendo. Isto é sinal da morte, como você sabe. Veja os meus olhos. Já vi tantos leprosos morrerem que não posso estar enganado. A morte aproxima-se".

Fez uma confissão geral com o padre Wendelin que, por sua vez, se confessou com ele; a seguir, ambos renovaram os votos que tinham feito ao professarem na Congregação. Pediu aos nativos – que permaneciam constantemente à porta da sua

casa – que lhe cantassem o seu hino favorito. Sorriu de felicidade quando lhes ouviu as vozes:

> *Quando, oh quando me será dado*
> *ver o rosto do meu Senhor? [...]*
> *Quando, oh quando deixarei este vale de lágrimas,*
> *onde o único pão que como*
> *é o meu pranto sem fim?*
> *Quando, oh quando verei o meu Amado?*

O sacerdote chamou os seus amigos para perto da sua cama:

– "Como Deus é bom – disse-lhes – por me ter preservado até ter todos vocês ao meu lado e saber que as irmãs cuidam do hospital! Isto é o meu *nunc dimittis**. O trabalho com os leprosos está assegurado. Já não precisam de mim. Em breve seguirei para a vida eterna".

– "Quando o sr. estiver lá – pediu o pe. Wendelin –, não se esquecerá de nós que ficamos órfãos?"

– "Não, com certeza. Se merecer algum crédito diante do Senhor, intercederei por todos os que estão no leprosário".

– "Deixe-me a sua capa – pediu-lhe o jovem sacerdote –, para que, como Eliseu de Elias, eu possa herdar o seu grande coração"**.

Mas o prático Damião não tolerava esse tipo de admiração nem mesmo nas circunstâncias em que se encontrava:

– "Bah, para que você há de querer a minha capa? – respondeu com um sorriso –. Está cheia de lepra".

Por volta da meia-noite da véspera do Domingo de Ramos, recebeu pela última vez a Sagrada Comunhão; como se via que o fim estava próximo, uma multidão angustiada e silenciosa se

---

(*) Expressão empregada por Simeão no Evangelho, ao ver o Salvador recém-nascido: *Agora, Senhor, já podes deixar partir o teu servo* [...], *porque os meus olhos viram a tua salvação* (cf. Lc 2, 29-30; N. do E.).

(**) Alusão a 2 Re 2, 7-14 (N. do E.).

reuniu em torno da sua casa numa dolorosa vigília. Mas a vida não o deixou ainda durante todo o domingo; permaneceu inconsciente a maior parte do tempo, mas de vez em quando entreabria os olhos e esboçava um sorriso dirigido aos que o rodeavam. Das suas poucas e entrecortadas palavras, podia-se deduzir que, à medida que as coisas terrenas desapareciam pouco a pouco do seu campo visual, duas outras figuras se delineavam nitidamente no quarto, uma à cabeceira e outra aos pés do seu leito, mas não disse quem eram.

Naquela noite, acenderam-se velas em vez do habitual lampião. Damião faleceu pouco antes do amanhecer. O fim chegou como tinha desejado, sem agonia, como se simplesmente adormecesse. No crepúsculo que precede o amanhecer, Dutton e o pe. Wendelin tentaram em vão acalmar os leprosos que choravam e se lamentavam, enquanto James contava à Madre Marianne que o sacerdote tinha falecido em paz e que "todos os sinais da lepra tinham desaparecido do seu rosto!"

Numa carta escrita a Clifford três dias após a morte de Damião, o mesmo James relataria que "uma extraordinária mudança ocorreu no seu semblante pouco antes da morte: os inchaços que lhe cobriam o rosto desapareceram por completo"... E o pe. Wendelin confirmou mais tarde esse acontecimento.

Vestiram-no com a sua velha batina. As irmãs forraram o caixão com seda branca e cobriram o exterior com um tecido preto sobre o qual costuraram uma cruz branca. De acordo com o seu desejo, a sepultura foi aberta junto do velho pândano que lhe servira de abrigo nos primeiros dias, e a multidão pesarosa, mortalmente triste, mas ataviada com as roupas alegres das irmandades que o sacerdote tinha criado, desfilou diante dos seus restos mortais para o último adeus. Kamiano, o seu amigo Kamiano, tinha partido! Como lhes custava aceitar essa separação! Mesmo depois de ter coberto o túmulo com terra, os leprosos não quiseram retirar-se; sentados no chão, conforme o costume ancestral, batiam no peito e balançavam lentamente o corpo. *"Au-ee"*..., gemia o lamento,"*Au-ee*"...

## *NINGUÉM TEM MAIOR AMOR...*

Kamiano estava morto, mas o sino que anunciara o seu falecimento, esse mesmo sino que ele fixara com as suas próprias mãos no pequeno campanário da igreja de Santa Filomena, seria ouvido no mundo inteiro. Em pouco tempo, Damião e Molokai tornaram-se nomes mundialmente conhecidos pelas penas dos editorialistas que, num coro entusiástico de simpatia e louvor, transmitiam a notícia do seu falecimento. As diferenças religiosas foram esquecidas e pessoas de todos os credos, e até aquelas que não criam em nada, uniram-se no tributo comum a esse homem cuja coragem ultrapassara o heroísmo.

Mas a comoção universal despertada pelo falecimento do sacerdote não se esgotou com os louvores da imprensa. O mundo começou a compreender que, embora Damião tivesse desaparecido, os leprosos continuavam a existir na Índia, na China, na África, vivendo e morrendo no mesmo vergonhoso desespero que ele enfrentara em Molokai. Umas poucas vozes isoladas vinham chamando a atenção para essa situação havia muito tempo, mas somente a morte de Damião permitiu que as suas vozes passassem a ser ouvidas; e a partir desse momento a opinião pública empolgou-se com uma inacreditável rapidez e a indiferença dos governos desapareceu.

Damião estava morto, mas a sua saga não tinha terminado, como ainda hoje não terminou; a sua morte marcou o início de uma grande campanha para erradicar a doença e amenizar a vida dos leprosos. Após a sua morte, e inspirando-se nela, formaram-se enormes comitês de ajuda em todos os países e hospitais, e os médicos especializados passaram a receber recursos. Em Londres – e baste este exemplo, típico do que vinha acontecendo em outras capitais –, o Príncipe de Gales, futuro rei Eduardo VII, dirigiu-se a uma ilustre assembléia nos seguintes termos: "A vida heróica e a morte do padre Damião não apenas despertaram uma onda de simpatia no Reino Unido, mas atingiram-nos no mais fundo de nós mesmos: fizeram-nos

compreender que as circunstâncias do nosso vasto Império Indiano e Colonial nos obrigam, pelo menos em parte, a seguir o seu exemplo".

Foi com entusiasmo que os seus ouvintes – entre os quais se encontravam o Arcebispo de Canterbury, o banqueiro judeu Rothschild e o jornalista Frank Harris – se solidarizaram com a Inglaterra, dispondo-se a promover um memorial que deveria ser executado em três etapas: a ereção de um monumento em Molokai, sugerido por Edward Clifford; a criação de um Instituto Damião, dedicado especificamente ao estudo e combate da lepra, e por fim uma completa investigação das condições dos leprosos na Índia e nas outras possessões britânicas para determinar a extensão da doença e adotar medidas para aplacar o sofrimento dos leprosos e combater a doença.

As três resoluções foram fielmente executadas. Para cumprir a primeira, um navio de guerra britânico dirigiu-se a Honolulu naquele mesmo ano, transportando uma cruz de granito lavrado. O rei do Havaí acompanhou-a até Molokai e, com a ajuda de Madre Marianne, escolheu-se um local apropriado junto do desembarcadouro de Kalaupapa. Ali foi erigida e ali permanece até hoje. No seu pedestal, lêem-se numa placa de mármore branco umas palavras particularmente apropriadas à memória de Damião:

> *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15, 13).

# EPÍLOGO

Damião tinha morrido, mas não podia ser esquecido. A sua geração passou, mas os anos só fizeram com que a sua obra se aprofundasse e expandisse. O seu sonho realizou-se, pelo menos em parte: se ainda estamos longe de uma erradicação da hanseníase, como hoje se chama, nos países em que é endêmica – a Venezuela, o Brasil, a Índia e diversas regiões da África central –, ao menos desapareceu em boa medida o estigma que a acompanhava.

Hoje, a praxe médica permite que, na maioria dos casos, o doente não seja afastado do convívio familiar. Se detectada precocemente, o tratamento à base de sulfas apresenta elevadas probabilidades de restabelecimento. E surgiram diversas instituições públicas e religiosas – como a fundada pela Madre Teresa de Calcutá – que se ocupam não só desta doença, mas de todas as misérias que afligem os mais pobres dos pobres de todo o mundo.

Quarenta e seis anos depois de as irmãs franciscanas terem forrado o seu féretro com seda, o rei da Bélgica escreveu ao presidente dos Estados Unidos para transmitir-lhe os desejos dos seus súditos de que os restos mortais de Damião retornassem ao solo pátrio. E em Roma já tinha começado o longo e cuidadoso processo de canonização, esse cauteloso escrutínio

pelo qual a Igreja Católica examina a vida e as obras daqueles que chama “bem-aventurados”.

No dia 27 de janeiro de 1939, voltou a ouvir-se o barulho de pás e picaretas no cemitério de Kalawao. Também se podiam escutar gemidos e lamentos, porque os leprosos tinham sido informados de que iam levar dali o “seu” sacerdote. O bispo que presidia ao ato teve de explicar-lhes a razão: “A questão é que hoje a sua Pátria, que o deu a todos nós, deseja tê-lo de volta, pois quer prestar-lhe homenagens que não se poderiam realizar nesta ilha tão distante”.

Abriu-se o caixão, e os leprosos desfilaram diante dos restos mortais daquele que dera a vida por eles. Encontrava-se ali um casal idoso, que tinha presenciado na sua meninice a cerimônia do enterro. E estavam presentes também três parentes de Damião, a irmã Damien Joseph e os padres Ernesto e Cirilo. A seguir, o féretro foi coberto com a púrpura, o negro e o ouro da bandeira belga e levado para o navio. O arvoredo fez ecoar a serena tristeza do cântico de despedida das ilhas: *Aloha oê*...

Sob o brilhante sol de Honolulu, os canhões despejaram as suas salvas de honra. Baionetas descobertas despediam brilhos de prata enquanto os fuzileiros se perfilavam à passagem do cortejo encabeçado pela carruagem funerária, e uma colorida multidão, formada por essa mistura de raças e tipos e credos que caracteriza o povo havaiano, enchia as ruas, mantendo-se num respeitoso silêncio. A longa procissão de sacerdotes paramentados entoou o *Miserere*, e na Catedral – a mesma Catedral em que Damião recebera as ordens sagradas – o bispo celebrou pela sua alma, com essa pompa e dignidade litúrgica de que o missionário tanto gostava, a missa pontifical. A homilia terminou com estas palavras: “*Aloha oê*, Damião, valoroso soldado de Cristo, salvação de Molokai, honra da Bélgica, glória da Igreja, *Aloha oê*”.

*Aloha oê!* Pela primeira vez depois de setenta e cinco anos, Damião voltava para casa. As bandeiras desceram a meio pau quando o branco casco do navio deixou a baía de Honolulu

levando o corpo de Damião. O missionário deixava enfim as suas ilhas.

Em São Francisco, o féretro foi recebido com as mesmas cerimônias militares e religiosas que em Honolulu. E no canal do Panamá, sob o troar dos canhões, foi transferido para um navio da marinha belga que devia levá-lo à pátria.

Na doca de Antuérpia, o rei dos belgas, um homem magro num uniforme singelo, aguardava-o ao lado do cardeal-arcebispo de Malines. Um príncipe do país em que ele nascera e um príncipe da Igreja que ele servira tinham vindo prestar honras de herói ao humilde padre Damião.

* * *

No domingo 4 de julho de 1995, sob um céu chuvoso, trinta mil fiéis armados de guarda-chuvas e embrulhados em impermeáveis aguardavam a chegada do Santo Padre João Paulo II na esplanada da Basílica dos Sagrados Corações, em Koekelberg, onde repousa o corpo do padre Damião. Estavam presentes o bispo de Honolulu, juntamente com uma numerosa comitiva de havaianos, o cardeal Danneels, arcebispo de Malines-Bruxelas, com todos os demais bispos belgas, a Madre Teresa de Calcutá, rodeada pelas irmãs da Caridade, bem como o rei e a rainha.

Quando João Paulo II entrou e o carro em que vinha se deteve diante de uma enorme estátua de Damião, preparada especialmente para essa data, a multidão recebeu-o agitando milhares de bandeiras brancas e amarelas. Logo depois, iniciou-se a solene concelebração, de que participaram cerca de quinhentos sacerdotes e cinqüenta diáconos. Antes do canto do *Glória*, e de acordo com o rito da Beatificação, o bispo de Honolulu solicitou oficialmente ao Santo Padre a beatificação do Servo de Deus; o provincial da Congregação dos Sagrados Corações leu uma síntese da sua biografia, e a seguir o Papa

pronunciou a fórmula ritual, elevando à glória dos altares o Bem-aventurado Damião José de Veuster.

Na homilia, João Paulo II condensou a vida do sacerdote numas palavras que são o melhor resumo e de certa forma a epígrafe deste livro:

> "*A minha peregrinação tem uma finalidade muito precisa, ou seja, a honra prestada pela Igreja a Damião de Veuster, religioso e sacerdote excepcional, cujo esplendor alcança o mundo inteiro. [...] A fé na divindade de Cristo, o padre Damião sorveu-a por assim dizer com o leite materno, na sua família, em Flandres. Cresceu com ela e levou-a em seguida aos seus irmãos e irmãs, na longínqua ilha de Molokai. Para confirmar até o fim a verdade do seu testemunho, ofereceu a sua vida por eles. Que podia oferecer aos leprosos, condenados a uma morte lenta, senão a sua própria fé e a verdade de que Cristo é o Senhor e de que Deus é Amor?* Ele tornou-se, pois, leproso entre os leprosos, tornou-se leproso para os leprosos. *Sofreu e morreu com eles, crendo na ressurreição em Cristo [...].*
>
> "*Neste dia de Pentecostes, pedimos para nós mesmos, assim como para todos os homens, a assistência do Espírito Santo, para nos sabermos deixar arrebatar por Ele. Temos a certeza de que Ele não nos impõe nada de inacessível, mas que, por caminhos algumas vezes escarpados, conduz o nosso ser e a nossa existência à perfeição.*
>
> "*Hoje, queridos irmãos e irmãs, compete-vos retomar o facho do padre Damião. O seu testemunho é, para vós, um apelo, de modo particular para vós, jovens, a fim de que possais conhecê-lo, e de que, através do seu sacrifício, aumentem em vós o desejo de amar a Deus, fonte de todo o amor verdadeiro e de toda a vida feliz, e o desejo de fazer da vossa vida inteira uma verdadeira oferenda*".

# NOTA BIBLIOGRÁFICA

William DeWitt Alexander, *A Brief History of the Hawaiian People*, The American Book Co., Nova York, 1891.

Edward Clifford, *Father Damien*, The Macmillan Co., Nova York, 1890.

Piers Compton, *Father Damien*, A. Ousely, Ltd., Londres, 1933.

*Care and Treatment of Leprous Person in Hawaii*, House Document n. 470, Seventy-second Congress, Second Session.

Paolo Zappa, *Unclean! Unclean!*, L. Dickson, Ltd., Londres, 1933.

A. C. Benson e H. F. W. Tatham, *Father Damien*, em *Men of Might*, E. Arnold, Londres, 1921.

Irene Caudwell, *Damien, the Leper Saint*, P. Allan, Londres, 1931.

Charles Judson Dutton, *The Samaritans of Molokai*, Dodd, Mead & Co., Nova York, 1932.

Robert Louis Stevenson, *In the South Seas*, Charles Scribner's Sons., Nova York, 1911.

Reginald Yzendoorn, *History of the Catholic Mission in the Hawaiian Islands*, Honolulu Star-Bulletin, Honolulu, 1927.

Archibald Ballantyne, *Father Damien and the Lepers*.

*Report on Leprosy in the Hawaiian Islands*, em *Public Health Reports*, Marine Hospital Service, Washington, D.C.

Arthur Johnstone, *Recollections of Robert Louis Stevenson in the Pacific*, Chatto & Windus, Londres, 1905.

Pamphile de Veuster, *Life and Letters of Father Damien, the Apostle to the Lepers*, Londres, 1889.

Professor L. V. Jacks, *Mother Marianne of Molokai*, Nova York, 1932.

# ÍNDICE

John Farrow, oficial da marinha norte-americana, escritor e mais tarde diretor de cinema em Hollywood (Oscar de melhor roteirista), deparou pela primeira vez com a história de Damião de Veuster numa ilha remota dos Mares do Sul. A "magnífica aventura de coragem, devoção e sacrifício" do missionário que se havia encerrado voluntariamente entre os leprosos de Molokai – "o inferno do Pacífico" –, entusiamou-o tanto que deixou de lado todos os seus afazeres para poder dedicar-se a compor este livro.

Escritas com paixão, estas páginas apresentam-nos o retrato de um homem inquestionavelmente heróico, mas ao mesmo tempo muito amável e humano. Sentindo a urgência do chamado de Deus, Damião não cessou de buscar o modo de corresponder-lhe até encontrar o seu lugar na Congregação dos Sagrados Corações; destinado ao Havaí, trabalhou com uma intensidade quase inacreditável em levar a fé ao povo das ilhas, embora no campo material servisse por igual a católicos, pagãos e protestantes; e coroou a sua entrega encerrando-se voluntariamente e para sempre, por amor aos seus fiéis, nos horrores de uma colônia de leprosos.

A sua entrega a Deus, o seu amor aos Sacramentos – especialmente a missa e a confissão –, a sua fortaleza e perseverança diante das enormes dificuldades e oposições que teve de sofrer são um testemunho de perene atualidade para todos os cristãos, como o recordou o papa João Paulo II na homilia que pronunciou por ocasião da sua recente beatificação. *Damião, o leproso* é, por isso, um desses livros emocionantes que hão de perdurar enquanto houver homens que sintam o apelo dos grandes ideais e saibam traduzi-los nos pequenos incidentes da vida diária.